Universidade Federal do Espírito Santo
Departamento de Ciências Sociais
Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias

Consórcio Intermunicipal de Prevenção da Violência e da Criminalidade da Região da Grande Vitória/ES

Pesquisa de Vitimização

RELATÓRIO FINAL

Execução:

Apoio:

Vitória
2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS INDICIÁRIAS

Memo. Nº. 011/2008 – DE / NEI

Vitória/ES, 17 de novembro de 2008

À SESP – Secretaria de Estado de Segurança Pública do Espírito Santo,

O Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias, doravante designado NEI, encaminha por meio do presente memorando e conforme cláusula contratual vigente, o **Relatório Final** da **Pesquisa de Vitimização**, executada em favor do **Consórcio Intermunicipal de Prevenção da Violência e da Criminalidade da Região da Grande Vitória/ES**. A pesquisa foi executada segundo plano amostral desenvolvido pelo NEI, nos municípios de Vitória, Vila Velha, Serra, Cariacica e Viana. A teoria e a metodologia inerentes ao desenvolvimento da referida pesquisa foram elaboradas pelo NEI, representado juridicamente pela FCAA – Fundação Ceciliano Abel de Almeida da UFES. O documento a seguir contém:

- Apresentação;
- Objetivos específicos da pesquisa;
- Criminologia e vitimologia: uma síntese teórica;
- Histórico das atividades e das etapas de pesquisa;
- Planejamento da pesquisa;
- Estratégia de coleta de dados;
- Plano amostral: Parecer técnico-metodológico;
- Pesquisa de campo;
- Relatório de campo;
- Tratamento e análise dos dados;
- Relatório técnico descritivo;
- Cronograma geral da pesquisa, Questionário e Manual (em Anexo).

Colocamo-nos à disposição acerca de maiores esclarecimentos que porventura se façam necessários.

Cordialmente,

_____
Profª. Drª. Márcia Barros Ferreira Rodrigues
Coordenadora Geral da Pesquisa/NEI-UFES

Equipe Técnica

Coordenação Geral:
Profª. Drª. Márcia Barros Ferreira Rodrigues

Coordenação de Recursos Humanos:
Profº. Ms. Claudio Marcio Coelho

Coordenação de Pesquisa de Campo:
Rachel Franzan Fukuda

Estatístico:
Luiz André Ribeiro Zardo

Consultoria:
Deivison Souza Cruz – Análise Sociológica
Flávia Ferraz Pego – Estatística

Assessoria:
João Luiz Duarte – Recursos Humanos
Lília Beiriz Monteiro – Análise de Sistemas
Lucas Buzzo de Mello – Tabulação de Dados
Ludmila Gonçalves Martins – Pesquisa de Campo
Matusalém Dias de Moura Sobrinho Florindo – Executiva
Sandro Ferreira Costa – Pesquisa de Campo

Equipe de Campo

Supervisão:
Amarildo Soares
Felipe Lemos de Almeida
Flávia Rissi Zambom
Mariselma Targa Falquetto
Rodrigo Ferreira Freitas

Pesquisa:

Bárbara Maria Cecília Passos Brandão
Braulino Antônio dos Reis Neto
Brígida Penna Rocha Moreira
Camila Bravim Silveira
Claudia Barros Ferreira Rodrigues
Douglas Romagnoli Rodrigues
Eder Ricardo
Felipe Benevides
Fabiano Oliveira
Gabrieli Bezerra Toniato
Giulianna Scarpati Faustini
Igor Sousa Borges
Izabel Cristina Mataveli
Karina Dal'Col Vieira
Kelly Fernandes Gandine
Leonardo Alves Nunes Peluzzo
Luana Paula Peixoto Aglio
Luana Puppin Pratti
Maely Maria Soares Pimentel
Mariana Luz Patez
Mayara Martins Gonzaga da Silva
Michelle de Fátima Sousa
Roberto Izoton
Rodrigo Vianna do Prado
Rosimar de Souza
Tatiana Daré Araújo

SUMÁRIO

1. **Apresentação**	07
2. **Objetivos específicos da pesquisa**	07
3. **Criminologia e vitimologia: uma síntese teórica**	08
3.1. **As pesquisas de vitimização**	10
3.2. **Experiências de pesquisas de vitimização nos EUA e Europa**	12
3.3. **Aspectos técnicos das teorias de vitimização**	14
3.4. **Variáveis e teorias e explicativas do crime**	15
3.5. **Teorias macro-sociais**	18
3.6. **Teorias interacionais**	22
3.7. **Teorias individuais**	24
3.8. **Possibilidades de síntese**	25
3.9. **Panorama brasileiro: Problemas e possibilidades**	28
4. **Planejamento da pesquisa**	35
5. **Estratégia de coleta de dados**	35
6. **Plano amostral: Parecer técnico-metodológico**	36
7. **Pesquisa de campo**	39
8. **Relatório de campo**	40
9. **Tratamento e análise dos dados**	46
10. **Relatório técnico descritivo**	46
11. **Anexos: Cronograma geral, Questionário e Manual**	101

LISTA DE TABELAS

TABELA 01: Amostra Por Município da RGV-ES
TABELA 02: Amostra Por Município da RGV-ES – Resultado do Campo
TABELA 03: Vitimização Pessoal, vitimização por tipo de crime
TABELA 04: Vitimização Pessoal, corrupção, características das vítimas
TABELA 05: Vitimização pessoal, corrupção, contexto
TABELA 06: Vitimização pessoal, corrupção, a quem denunciou?
TABELA 07: Vitimização pessoal, corrupção, porque não denunciou à polícia?
TABELA 08: Vitimização pessoal, corrupção, conseqüências psicológicas
TABELA 09: Vitimização pessoal, furto, características das vítimas
TABELA 10: Vitimização pessoal, furto, contexto
TABELA 11: Vitimização pessoal, furto, denunciou à polícia?
TABELA 12: Vitimização pessoal, furto, por que denunciou?
TABELA 13: Vitimização pessoal, furto, por que não denunciou?
TABELA 14: Vitimização pessoal, furto, conseqüências psicológicas
TABELA 15: Vitimização pessoal, assalto, características das vítimas
TABELA 16: Vitimização pessoal, assalto, características dos agressores
TABELA 17: Vitimização pessoal, assalto, contexto
TABELA 18: Vitimização pessoal, assalto, denunciou a polícia?
TABELA 19: Vitimização pessoal, assalto, porque não denunciou a polícia?
TABELA 20: Vitimização pessoal, assalto, conseqüências físicas e psicológicas
TABELA 21: Vitimização pessoal, veículo furtado/roubado, características das vítimas
TABELA 22: Vitimização pessoal, veículo furtado/roubado, contexto
TABELA 23: Vitimização pessoal, veículo furtado/roubado, denunciou à polícia?
TABELA 24: Vitimização pessoal, veículo furtado/roubado, porque denunciou à polícia?
TABELA 25: Vitimização pessoal, veículo furtado/roubado, porque não denunciou à polícia?
TABELA 26: Vitimização pessoal, veículo furtado/roubado, conseqüências psicológicas
TABELA 27: Vitimização pessoal, arrombamento seguido de furto, características das vítimas
TABELA 28: Vitimização pessoal, arrombamento seguido de furto, contexto
TABELA 29: Vitimização pessoal, arrombamento seguido de furto, denunciou à polícia?
TABELA 30: Vitimização pessoal, arrombamento seguido de furto, porque denunciou à polícia?
TABELA 31: Vitimização pessoal, arrombamento seguido de furto, porque não denunciou à polícia?
TABELA 32: Vitimização pessoal, arrombamento seguido de furto, conseqüências psicológicas
TABELA 33: Vitimização pessoal, ameaça verbal, características da vítima
TABELA 34: Vitimização pessoal, ameaça verbal, características do agressor
TABELA 35: Vitimização pessoal, ameaça verbal, contexto
TABELA 36: Vitimização pessoal, ameaça verbal, denunciou à polícia?
TABELA 37: Vitimização pessoal, ameaça verbal, dentre os que denunciaram à polícia
TABELA 38: Vitimização pessoal, ameaça verbal, porque não denunciou à polícia?

TABELA 39: Vitimização pessoal, ameaça verbal, conseqüências psicológicas
TABELA 40: Vitimização pessoal, assédio moral, discriminação social ou racial, características das vítimas
TABELA 41: Vitimização pessoal, assédio moral, discriminação social ou racial, características do agressor
TABELA 42: Vitimização pessoal, assédio moral, discriminação social ou racial, contexto
TABELA 43: Vitimização pessoal, assédio moral, discriminação
social ou racial, denunciou a polícia?
TABELA 44: Vitimização pessoal, assédio moral, discriminação social ou racial, dentre os que denunciaram à polícia
TABELA 45: Vitimização pessoal, assédio moral, discriminação social ou racial, porque não denunciou à polícia?
TABELA 46: Vitimização pessoal, assédio moral, discriminação social ou racial, conseqüências psicológicas
TABELA 47: Vitimização pessoal, agressão física, características das vítimas
TABELA 48: Vitimização pessoal, agressão física, características do agressor
TABELA 49: Vitimização pessoal, agressão física, contexto
TABELA 50: Vitimização pessoal, agressão física, denunciou a polícia?
TABELA 51: Vitimização pessoal, agressão física, dentre os que denunciaram à polícia
TABELA 52: Vitimização pessoal, agressão física, porque não denunciou à polícia?
TABELA 53: Vitimização pessoal, agressão física, conseqüências físicas e psicológicas
TABELA 54: Vitimização pessoal, tentativa de homicídio, características das vítimas
TABELA 55: Vitimização pessoal, tentativa de homicídio, características do agressor
TABELA 56: Vitimização pessoal, tentativa de homicídio, contexto
TABELA 57: Vitimização pessoal, tentativa de homicídio, denunciou à polícia?
TABELA 58: Vitimização pessoal, tentativa de homicídio, porque não denunciou à polícia?
TABELA 59: Vitimização pessoal, tentativa de homicídio, conseqüências físicas e psicológicas
TABELA 60: Vitimização pessoal, assédio sexual, características das vítimas
TABELA 61: Vitimização pessoal, assédio sexual, características do agressor
TABELA 62: Vitimização pessoal, assédio sexual, contexto
TABELA 63: Vitimização pessoal, assédio sexual, denunciou à Polícia?
TABELA 64: Vitimização pessoal, assédio sexual, porque não denunciou à polícia?
TABELA 65: Vitimização pessoal, assédio sexual, conseqüências psicológicas
TABELA 66: Vitimização por Vizinhança
TABELA 67: Vitimização pessoal, mudança de comportamento, pessoas que não sofreram crimes
TABELA 68: Vitimização pessoal, mudança de comportamento, pessoas que sofreram crimes
TABELA 69: Avaliação dos Aparelhos de Justiça – Avaliação da Polícia
TABELA 70: Avaliação dos Aparelhos de Justiça
TABELA 71: Ações de Controle

1. **APRESENTAÇÃO**

Apresentamos a seguir o **Relatório Final** da **Pesquisa de Vitimização** desenvolvida pelo NEI - Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias da Universidade Federal do Espírito Santo, segundo demanda constante no item II.b. dos objetivos específicos do **Projeto Consórcio Intermunicipal de Prevenção da Violência e da Criminalidade da Região da Grande Vitória/ES/2008**.

O objetivo geral de nossa pesquisa consiste em identificar os casos de violência registrados/não registrados, os tipos de crimes, as circunstâncias em que ocorreram (dia da semana, período, local), a percepção dos moradores sobre a realidade local, o impacto da violência nos comportamentos e atitudes dos membros da comunidade, e sua relação com as instituições responsáveis pela segurança pública. Pretendemos compor um panorama geral da violência nos municípios pesquisados: Cariacica, Serra, Viana, Vila Velha e Vitória.

2. **OBJETIVOS ESPECÍFICOS DA PESQUISA**

- Mensurar os casos de violência não registrados, por tipo de crime, as circunstâncias em que ocorreram (dias da semana, hora, local e etc.), perfil das vítimas e agressores;
- Identificar as percepções dos moradores sobre a realidade social local, identificando o impacto da violência no cotidiano, bem como apontar os fatores motivacionais que interferem nos comportamentos e atitudes dos membros da comunidade, em particular das vítimas;
- Estabelecer critérios que devem nortear a coleta de dados, respeitando os seguintes objetivos: estabelecer o perfil socioeconômico das vítimas, identificar a natureza e o tipo de crime, apontar as circunstâncias (hora, local, dia da semana etc.), estabelecer correlação entre natureza da não notificação por tipo de crime;
- Identificar elementos que possibilitem a comparação entre crimes notificados e não notificados, agrupando as regiões por tipo de crime, perfil da vítima e percepção acerca dos resultados objetivos das notificações por parte da população;

- Identificar a imagem das instituições de segurança pública a partir da percepção dos moradores das regiões sobre a violência local e regional, identificar o grau de interação social com a polícia local, avaliar a percepção local acerca da atuação da polícia e sobre as instituições de prevenção e repressão em geral e avaliação das medidas consideradas necessárias.

3. **CRIMINOLOGIA E VITIMOLOGIA: UMA SÍNTESE TEÓRICA**

O objetivo desta síntese é situar as possibilidades analíticas e o desenvolvimento em termos acadêmicos e de políticas públicas, das principais teorias sobre criminologia e vitimologia, bem como sua importância para o contexto social brasileiro.

Desde o século XIX, a criminologia passou a ser um campo multidisciplinar e interdisciplinar emergente para o qual convergem esforços de diversas ciências – em especial a "Sociologia do Crime". Tal campo se dedica ao estudo quantitativo e qualitativo da variação das taxas de crime por região, as características das vítimas e dos agressores, a relação entre associativismo e crime, as causas e conseqüências, as políticas públicas ligadas à prevenção, coerção e punição. Dado a especificidade do objeto de pesquisa, a criminologia convive sempre com alguma tensão entre explicações individuais, sociais, psicanalíticas e biológicas para as taxas de crime.

Originalmente, o termo ***criminologia*** foi cunhado em 1885 pelo jurista italiano Raffaele Garofalo (1851-1934), da Escola Positivista Italiana, e teve desdobramentos importantes nas formulações de Cesare Lombroso (1835-1909) e na sociologia de Emille Durkheim (1858-1917), que influenciaram decididamente os debates em torno do tema durante os séculos XIX e XX.

Na discussão contemporânea sobre criminalidade observamos, particularmente em Walklate (2007), uma busca pela compreensão do surgimento da criminologia enquanto campo da ciência e sua vinculação com a sociedade moderna. A autora destaca que embora haja crimes em todas as sociedades, é nas sociedades modernas que se verifica uma maior preocupação com a segurança e a

previsibilidade em torno da vida social. Nestes casos, a ordem social, não sendo naturalizada, apresenta-se como objeto de controle, e, portanto, meta de Estado.

Sendo assim, a criminologia é uma disciplina vinculada as sociedades urbanas, e presta-se à diminuição da incerteza e do risco que ameaça a ordem social, constituindo-se em importante apoio para a maior efetividade dos aparelhos de justiça. Uma sociedade moderna e segura é uma sociedade "previsível", onde os riscos à vida, ainda que não possam ser eliminados, são minimizados pelas políticas sociais de segurança pública. Em síntese, o controle das taxas de crime implica necessariamente na proteção dos indivíduos, na existência de políticas de prevenção dos crimes, na compensação das vítimas, e na recuperação e punição dos agressores. Tais ações são congruentes com a proteção da sociedade e de seus membros em uma ordem democrática.

A ***vitimologia***, por sua vez, é um sub-campo da criminologia. Estuda as relações entre as vítimas, agressores, sistema de justiça criminal (polícia, tribunais e operadores das forças de segurança pública), grupos e/ou movimentos sociais, instituições, mídia e empresas. Algumas questões teóricas desse campo apresentam impacto decisivo nas pesquisas de vitimização.

Uma primeira questão relaciona-se à própria definição de crime. O senso comum apreende o crime como algo que fere a moral coletiva. No entanto, esta moral transforma-se historicamente. Sabemos que a própria definição de crime é algo socialmente construído, e não um consenso dado pelos analistas. Por sua vez, uma definição mais consistente de crime relaciona-se a sua definição pelo conteúdo das leis. Em geral, há consenso acerca de crimes como agressões, assassinatos, roubos, entre outros. No entanto, a interpretação legalista entende que crime é o que a lei define enquanto tal, ou seja, enquanto comportamento passível de penalidades em função da intencionalidade e do dano. Assim, os crimes analisados pela vitimologia dependem não apenas da definição jurídica de crime, mas também da identificabilidade entre agressor e vítima (Quinney, 1972).

Crimes onde não há uma vítima identificada não são estudados pela vitimologia, logo a existência de vítimas precede a identificação do agressor. Se não há vítima

direta, como crimes envolvendo corrupção e crimes de colarinho branco, não há estudo do ponto de vista da vitimologia.

Outra questão que se coloca é que tipos de crimes devem pesquisados pelas pesquisas de vitimização, pois trata-se de uma questão de relevância teórica e de demanda política. Assim, nestas pesquisas o enfoque é dado pelos aparelhos de justiça, pois a prioridade é para os crimes mais comuns.

Ressalva-se também que os testes empíricos das teorias do crime são feitos sobre crimes comuns. Desta forma, crimes de corrupção podem eventualmente ser estudados em pesquisas de vitimização.

Conclui-se que, em geral, as pesquisas de vitimização se preocupam particularmente com crimes mais freqüentes. Nestes casos, estas pesquisas constituem instrumento importante para a compreensão da regularidade destes crimes. Sendo assim, as informações e os conhecimentos derivados destas pesquisas permitem a formulação de estratégias "eficazes" na elaboração de políticas de segurança pública.

3.1. **As Pesquisas de Vitimização**

O primeiro passo para a diminuição das taxas de crimes em uma sociedade consiste na identificação precisa destas taxas. Nisto consiste o objetivo fundamental das pesquisas de vitimização, e que pressupõe o aprimoramento das estatísticas policiais.

Tal tarefa, entretanto, envolve questões complexas cuja solução não é fácil. Corroborando esta idéia, Sutherland e Cressey (1978) citam as seguintes situações: violações da lei em que há crimes que ocorrem e são comunicados a polícia, mas não são registrados; crimes que são registrados, mas não investigados; investigações não concluídas; e investigações concluídas, sem que os agressores sejam punidos.

Desta forma, se as taxas de crime declaradas já constituem um problema, as não declaradas são uma preocupação adicional. Alguns indicadores utilizados para se

medir a criminalidade, como a taxa de assassinatos ou a taxa de roubo de carros podem, na verdade medir fenômenos distintos e representam apenas uma visão possível em torno de problemas gerais. Por sua vez, uma análise segmentada dos crimes não implica que não tenham correlações entre si. Ao contrário é possível que tipos diferentes de crimes partam de mesma origem.

Não há, evidentemente, um processo de agregação pelo qual se possa construir um indicador sintético que valha para todos os crimes. Taxas de crime não podem ser medidas tal como taxas de inflação. Metodologias utilizadas em países avançados consideram sua classificação em termos de gravidade e/ou magnitude do dano ou perda, em geral, para crimes contra a pessoa e contra a propriedade.

A questão nodal das pesquisas de vitimização é que diversos crimes podem não ser notificados pelas vítimas por diversos motivos. A notificação depende: (i) do grau de confiança nos aparelhos de justiça, em especial na polícia; (ii) devido à possibilidade de represália dos agressores; (iii) pela avaliação de que a agressão ou o dano foi pouco expressivo; (iv) devido ao sentimento de baixa eficácia dos aparelhos de justiça; (iv) em virtude das vítimas recorrerem a outras formas de resolução de conflitos.

Ao mesmo tempo, as taxas de crimes detectadas pelas estatísticas oficiais são sensíveis a maior ou menor disposição com que os próprios operadores policiais registram os dados, a maior eficiência computacional dos sistemas de informação, e as pressões burocráticas, institucionais e políticas.

Em termos empíricos, pesquisas internacionais revelam que roubos de veículos, ofensas graves e homicídios estão entre os crimes com elevado percentual de notificação à polícia. Entretanto, assaltos e crimes menos graves são pouco notificados quando as instituições policiais são percebidas como não confiáveis. A notificação à polícia varia principalmente em função de dois fatores: o primeiro é a magnitude do dano, e o segundo trata do grau de confiança nestas instituições.

Em síntese, quanto maior a confiança nas instituições de segurança, maior será a probabilidade de que um crime venha a ser notificado. Em situações extremas, indivíduos pertencentes a grupos estigmatizados em termos de estrutura

socioeconômica e/ou racial são os últimos no acesso à justiça. Segue daí que o número de crimes notificados terá um índice “mais preciso” se a polícia for honesta, eficiente e consistente com sua função parental do estado (Legendre, 1983).

Como dito, os crimes que chegam ao conhecimento da polícia não estão isentos de enviesamentos, dados errados ou omissão de informações. Operadores de justiça, em grande parte, manipulam o preenchimento de dados dando destaque a características mais salientes do que já previamente construído com o chamado “perfil criminal”. Quanto menor a isonomia em relação ao tratamento com o público, maior a discricionariedade e menos representativa será as informações presentes nos bancos de dados oficiais.

Assim, o *modus operandum* do registro de informações reflete não apenas o grau de profissionalização das polícias, mas também questões políticas que podem inflacionar ou deflacionar determinados crimes. Em síntese, a deficiência das fontes de dados oficiais constituiu-se em um dilema comum, fazendo com que pesquisadores buscassem fontes alternativas de informações para medir as taxas de crime. As pesquisas de vitimização nascem deste esforço.

3.2. **Experiências de pesquisas de vitimização nos EUA e Europa**

As primeiras pesquisas de vitimização foram realizadas na década de 60 nos EUA. Foram denominadas originalmente como *National Crime Survey* (NCS). Em 1973, passaram a ser chamadas de *National Crime Victimization Survey* (NCVS). A partir de então, metodologicamente, deixou de ser uma amostra aleatória de indivíduos para ser uma amostra aleatória de famílias e indivíduos, sendo realizadas duas pesquisas por ano. Em termos de características gerais, o NCVS é administrado pelo U.S. Census Bureau (sob diretriz do U.S. Department of Commerce), e pelo Bureau of Justice Statistics (sob diretriz do U.S. Department of Justice).

Os objetivos do NCVS, e igualmente de outros surveys de vitimização, não é captar todos os crimes, mas apenas alguns crimes mais freqüentes. No caso, as principais metas do NCVS são: (i) prover informações sobre as vítimas, sobre o contexto e os desdobramentos para os principais crimes contra o patrimônio (roubo, furto,

vandalismo) e contra a pessoa (agressão, ofensas e crimes sexuais, tal como tentativa e estupro consumado); (ii) calcular o número e tipos de crimes não informados à polícia, bem como os motivos levados em conta tanto para informar quanto para não informar; (iii) fornecer taxas mais precisas e uniformizadas para os principais tipos de crimes; (iv) permitir comparações temporais e dos crimes entre si, bem como entre as localidades onde estes crimes ocorrem.

É preciso lembrar que as pesquisas de vitimização ganharam destaque enquanto método de mensuração de crimes em função de sua eficiência e por estarem conjugadas a outros bancos de dados e estratégias de redução de crimes. Sabemos que dados censitários, relacionados às condições socioeconômicas da população, se bem usados em conjunto com estatísticas criminais, compõem um conjunto de informações de grande relevância em políticas preventivas.

Em função de sua acuidade, série histórica e extensão nacional, o NCVS tornou-se referência para órgãos de segurança sobre crimes não informados. Os dados perfazem, ao todo, mais de três décadas de pesquisas sobre as vítimas, agressores e comunidades em que ocorrem os crimes.

Resumindo, tais características fizeram com que o NCVS se tornasse uma das fontes oficiais sobre as taxas de crime e para pesquisas científicas sobre crime. No geral, tais surveys provocaram grande impacto sobre o conhecimento contextual dos crimes para pesquisadores que, na década seguinte (1984), a ONU tomou estes surveys como peça chave para conhecer as taxas de crime em países desenvolvidos da Europa e mesmo nações em desenvolvimento.

Entretanto, o grande avanço dos EUA na criminologia e vitimização advêm de uma larga tradição de pesquisas em sociologia. A crescente preocupação da academia – notadamente a Escola de Chicago, já na virada do séc. XIX para o séc. XX –, bem como do setor público, pois já na década de 20 do séc. XX os mecanismos de registro policial foram uniformizados pelo Federal Bureau of the Investigations (FBI) (O'Brien, 2000).

A experiência européia é mais recente. Iniciado em 1989 pelo Ministério da Justiça dos Países Baixos, o Survey Internacional de Crime (ICVS) passou, posteriormente,

a ser coordenado pelo Interregional Crime and Justice Research Institute (UNICRI-ONU). Tal pesquisa se encontra atualmente em preparo para a sexta edição, sendo que edições anteriores abrangeram os anos de 1989, 1996, 2000 e 2005 (Dijk, Kesteren *et al.*, 2008). Atualmente, somam ao todo mais de 75 países que tem participado das diferentes edições da pesquisa.

Desde os anos 90, a difusão das pesquisas de vitimização enquanto mecanismo de modernização dos sistemas de justiça tem sido um esforço das Nações Unidas (UN-SD, 2003). O principal argumento tem em conta as deficiências das bases de dados oficiais, sendo tal deficiência ainda mais dramática nos países em desenvolvimento. Mesmo em países desenvolvidos grande parte dos crimes não são comunicados à polícia.

3.3. **Aspectos técnicos das teorias de vitimização**

As pesquisas de vitimização demandam qualificação técnica específica em função de que, para que a amostra represente de fato a população, metodologias estatísticas relativas a garantir a aleatoriedade dos respondentes devem ser seguidas à risca, sob pena de que, se não o forem, tornam inválidos os resultados.

Bons resultados têm sido obtidos em entrevistas por telefone em países onde a telefonia é amplamente difundida. Todavia, em localidades onde isto não ocorre, entrevistas face-a-face ainda são mais confiáveis. Em ambos os casos, trata-se de um processo complexo no qual a amostra precisa representar um conjunto de características da população para que a pesquisa tenha validade. Faixas etárias, gênero e local de moradia devem estar devidamente representados na amostra. Os processos de sorteio podem abranger números de telefone, endereços residenciais, registros eleitorais, dentre outros.

As pesquisas de vitimização também apresentam a vantagem de que, ao abrangerem toda a população, permitirem a comparação entre grupos de pessoas por idade e sexo, mas também entre pessoas que são ou não vitimadas, bem como para fatores comportamentais. Ao coletar informações diretamente das vítimas, prove assim uma informação mais precisa dos crimes que as pessoas notificam ou

não a polícia. Portanto, se todos os cuidados metodológicos forem tomados, então os resultados oferecem indicadores mais confiáveis para uma série de crimes.

Em regra constam no questionário as características das vítimas, dados sobre o crime e o agressor, dados sobre bairro e vizinhança, sobre medo do crime, relação da vítima com o agressor e sobre o sistema de justiça e sobre polícia, gravidade da agressão, se o crime foi comunicado ou não à polícia e os motivos para tanto, bem como os desdobramentos do crime. Os achados em geral revelam que, para diversos crimes, as pesquisas apresentam indicadores superiores aos das estatísticas policiais, tal como predizem as teorias.

Em geral, tal como quaisquer pesquisas, as respostas são sensíveis ao teor das perguntas e a ao modo como as questões são feitas aos entrevistados. Em especial, crimes raros não podem ser medidos de forma precisa por amostras pequenas. Outros problemas também aparecem como o fato de que eventos de menor gravidade podem ser esquecidos, entrevistados podem fornecer respostas falsas em função do comportamento dos entrevistadores. No geral, problemas e viés dos entrevistadores são mais fáceis de serem corrigidos.

Questões próprias de quaisquer pesquisas tipo surveys, as pesquisas de vitimização não são isentas de problemas. Elas também subestimam as taxas reais de criminalidade. Todavia, não se tem a ilusão de que, por quaisquer métodos, se possa aferir a totalidade dos crimes em uma região. Desta forma, qualquer metodologia provê, com maior ou menor precisão, apenas uma aproximação. Certamente tal fator não desmerece o uso de diferentes indicadores.

3.4. **Variáveis e teorias e explicativas do crime**

Em sua origem, portanto, a passagem da interpretação do crime como um fato natural ou sobrenatural, para a explicação deste no âmbito das variáveis sociais, representou um grande avanço. Teorias diversas, a partir daí, têm sido desenvolvidas para explicar o crime. Neste sentido, seria improcedente realizar uma revisão de literatura que esgotasse o tema em poucas páginas, bem como situar suas ramificações sem lhes apresentar seu conteúdo.

Em especial, tal tensão relaciona-se com o grau de autonomia dos agentes ou determinação de seu comportamento pela estrutura social. Ao mesmo tempo, relaciona-se a polêmica do crime como algo inato, no sentido biológico, ou socialmente condicionado (Brodeur, 2001), aos quais se acrescenta o papel de variáveis contextuais no nível micro e macro.

Já em termos de variáveis, Braithwaite (1988) resumiu algumas das mais relevantes para se analisar o crime:

Variável	Relação com o crime
Gênero	Os crimes relacionam-se desproporcionalmente à pessoas do sexo masculino, seja enquanto vítimas, seja enquanto agressores;
Idade	Os jovens entre 15 a 25 anos também estão mais desproporcionalmente relacionados a crimes que o restante da população;
Densidade populacional	Os crimes relacionam-se desproporcionalmente aos grandes centros urbanos;
Mobilidade residencial	Taxas elevadas de crime acometem pessoas que sofreram mobilidade residencial alta e que vivem em áreas caracterizadas por alta mobilidade residencial;
Filiação à escola	Pessoas jovens fortemente ligadas às suas escolas são menos prováveis de envolverem-se em crimes;
	Pessoas jovens com desempenho escolar insuficiente são mais prováveis de se envolverem em crimes;
Aspirações educacionais e profissionais	Pessoas jovens que têm aspirações educacionais e profissionais altas são menos prováveis de se envolverem em crime;
Aprendizado diferencial	Pessoas jovens com amigos envolvidos em crimes são mais prováveis de se envolverem em crimes;
Filiação matrimonial	Os crimes também estão desproporcionalmente relacionados às pessoas solteiras;
Filiação parental	Pessoas jovens que são ligadas mais fortemente aos pais apresentam menor probabilidade de se envolverem em crimes;
Crença na lei	Pessoas que acreditam fortemente no respeito à lei são menos prováveis de se violarem a lei;
Vulnerabilidade ao crime	Para ambos os sexos, estando os indivíduos nos níveis sociais mais fragilizados social e economicamente, o risco criminal destas pessoas pode ser medido por vários fatores, sendo mesmo a sua própria condição socioeconômica individual e de vizinhança, situação de desemprego pessoal e/ou pertencimento a grupos sociais ou raciais estigmatizados. Tais grupos apresentam, invariavelmente, maiores taxas de crime que o restante da sociedade. As taxas de crime associados a

	determinados grupos sociais são, portanto, inversamente proporcionais as oportunidades que tais grupos detêm em termos de oportunidades sociais;

Fonte: Braithwaite (1988)

Certamente que, ao privilegiarem um enfoque sobre os crimes que aparecem com maior freqüência, e que abrangem setores sociais fragilizados, termina por turvar a visão sobre outros crimes, sejam os de colarinho branco, seja o crime organizado. Estes últimos, tal como dito, ainda não apresentam uma teoria própria. Como a própria noção de ordem pública relaciona-se com a resolução dos crimes mais freqüentes, tais dados apresentam grande relevância e não são contraditórios com metas sociais de prevenção do crime e de manutenção da ordem pública.

Uma das questões derivadas de uma análise direta dos dados é saber se algumas pessoas são mais suscetíveis que outras a cometer crimes. A bibliografia internacional revela que jovens pobres do sexo masculino cometem mais crimes venais. Já os crimes de “corrupção” e de “colarinho branco” são realizados por homes mais velhos e menos pobres. No caso de jogos e uso de drogas, a diferença de proporção entre homens e mulheres diminui.

Em contrapartida, homicídios e crimes violentos, que são uma parcela pequena das taxas totais de crimes, diminuíram nos países desenvolvidos. No caso dos países em desenvolvimento, ocorrem taxas mais elevadas de crimes violentos, e do crime organizado. Tais diferenças derivam não somente da infra-estrutura socioeconômica e da cultura, mas também da eficiência dos aparelhos de justiça.

A partir daí, temos diversas explicações teóricas que explicam o porquê da causalidade do crime e da variabilidade destas taxas. Uma breve revisão da bibliografia pode ser exemplificada por teorias macro-sociais, interacionais e individuais, seguindo, portanto, as indicações de Cerqueira e Lobão (2004). Nestes termos, seguem as seguintes sínteses destas perspectivas:

3.5. **Teorias Macro-sociais**

Teorias macro-sociais abordam o papel da estrutura social como fator determinante do crime. Em geral, sua origem relaciona-se com a própria sociologia urbana.

Desorganização Social (Escola de Chicago)

Autores: Robert Park Ernest Burgess (Park, Mckenzie *et al.*, 1967; Park e Turner, 1967; Burgess e American Sociological Association., 1969),

Origem, conceito e variáveis: A origem da Teoria da Desorganização Social, também chamada Escola de Chicago, relaciona-se aos problemas do crescimento urbano na virada do séc XIX para o séc XX, contexto no qual Chicago passa a ser a segunda cidade mais populosa dos EUA em menos de 20 anos. A transformação das cidades sob o efeito da industrialização acelerada implicou em novos fenômenos econômicos, demográficos, espacial, alterações dos costumes, formas de interação e controle social, em síntese, um novo ambiente que, marcado por grandes desigualdades e clivagens, crescem as taxas de crimes. Park e Burgess identificaram cinco zonas concêntricas, bem como "zona em transição", onde a mobilidade residencial, pobreza e grupos de trabalhadores migrantes predominavam. Pesquisadores da Escola de Chicago postularam que bairros urbanos com níveis altos de pobreza e privação econômica, maior desarranjo na estrutura social, exemplificado pelo enfraquecimento de instituições como redes familiares, de vizinhança e escolas, as taxas de crime se tornam elevadas e as gangues passam a ser parte da socialização dos jovens. A teoria da *"Ecologia Humana"*, de Robert Park, que entende o comportamento como influenciado, em grande parte, pelo ambiente físico e social, no qual o individuo se molda em grande parte aos valores e normas do grupo. Em síntese, a desorganização social advém da diminuição das forças tradicionais de controle social (igreja, escola e família), crescendo a importância do papel do Estado (escola pública e polícia).

Propostas de intervenção: Diagnósticos baseados na Escola de Chicago apresentam certo ceticismo em relação a propostas apenas repressivas e policiais. A ênfase maior refere-se, portanto, à políticas preventivas. Para estes autores é o Estado que estaria encarregado de oferecer a proteção e o bem comum, mas em

conjunção, cada vez mais, com redes sociais comunitárias. As propostas para o controle da criminalidade envolveriam uma gama de ações tendo em vista aumentar os vínculos sociais positivos entre as pessoas a partir da infância (principalmente em jovens e crianças), numa tentativa de preencher o espaço formador que antes era ocupado pela família, pela escola e pelos grupos religiosos. Neste rol se incluem o reforço das organizações comunitárias positivas, delegando maiores papéis e recursos à igreja, escola e instituições locais, impedindo assim que os lares sejam vistos apenas como dormitórios.

Teoria da Anomia

Autores: Émile Durkheim, Robert K. Merton.

Origem, conceito e variáveis: Robert K. Merton (1968) ressignificou o conceito durkheimiano de anomia ao relacionar a conexão micro-macro entre condicionantes estruturais e oportunidades individuais. No caso, padrões culturais elevados (American Dream) chocavam-se com a estrutura de oportunidades realmente existentes para a maioria dos indivíduos. Com isto, sendo dados os ideais socialmente aceitos em termos de riqueza e prosperidade, o que os indivíduos poderiam alcançar seria não apenas limitados, mas também era limitado o que poderiam alcançar por meios lícitos.

Ou seja, a impossibilidade do indivíduo atingir metas socialmente desejadas criaria um abismo entre cultura – o socialmente aceitável – e a estrutura de oportunidades realmente existentes. Neste caso, alguns indivíduos podem fazer uso do crime para atingirem metas socialmente aceitas enquanto caminho ilegítimo para se atingir metas legitimas. O modelo mertoniano interpreta as opções dos indivíduos frente à estrutura social do seguinte modo:

1. Conformidade: interpreta como legítimos as metas e os meios sociais;

2. Inovação: aceitação das metas, porém rejeita os meios (ex.: crime ou fraude)

3. Ritualismo: aceitação dos meios, porém rejeita as metas sociais;

4. Fuga: rejeição dos meios e metas sociais;

5. Rebelião: rejeição das metas e meios, substituindo por outras metas e meios.

Propostas de intervenção: A solução para o problema do crime advindo da tensão entre cultura e estrutura, na acepção de Merton, implicava em políticas de promoção social que permitissem que os indivíduos competissem em melhores condições de igualdade tendo em vista as metas sociais. Ao mesmo tempo, políticas de assistência social e promoção de emprego voltado a determinados grupos.

Teoria(s) da Subcultura

Autores: Frederic M. Thrasher, E. Franklin Frazier, Albert K. Cohen, Richard Cloward & Lloyd Ohlin, Walter Miller.

Origem, conceito e variáveis: A teoria da subcultura é também depositária das contribuições da Escola de Chicago, bem como da Teoria da Associação Diferencial, de Sutherland, e do Interacionismo Simbólico. A cultura é compreendida aqui no seu sentido social amplo, a subcultura implica precisamente na formação de subgrupos dentro da cultura geral, ou majoritária, mas que não se contrapõe a esta serve aqui para formar um sentido de comunidade aos grupos, provendo valores próprios, identidade, códigos de comportamento e significado de vida. O foco desta teoria é a delinqüência juvenil. O exemplo típico apontado pela literatura é que jovens de áreas pobres, convivendo em condições de privação econômica e famílias frágeis tendam a adotar normas sociais que incluem dureza de caráter e confronto com autoridades, incluindo crime. Aspectos distintos das subculturas foram apontados, tais como a relação entre gangues juvenis e auto-estima (Thrasher); questões raciais e guetos dos afro-americanos (Frazier); fidelidade, dependendência grupal e familiar, bem como visão de curto prazo em contraposição à visão de sucesso e visão de longo prazo dos setores médios (Cohen); esta última é contraposta por Miller, que destaca que, se existe alguma contraposição por parte de jovens pobres, esta é difusa; outras posições envolvem o crime como um mercado que provê uma estrutura ilegítima de oportunidades (Cloward e Ohlin) e menor acesso, por parte de jovens pobres, de atividades sociais legitimas (Matza).

Propostas de intervenção: Apesar de haver um compromisso com a compreensão da micro-interação social e individual, o diagnóstico das teorias da subcultura não apresenta uma gama especifica e unificada de propostas em relação à criminalidade. Ao mesmo tempo, diagnósticos realizados sob estas perspectivas podem não prover "respostas originais", mas sugerir nuances contextuais tanto do que fazer quanto do como fazer a fim de diminuir as taxas de crime, ou seja, novos meios já apontados pelas Teorias da Desorganização Social e Teoria da Anômia. Neste aspecto, permanece a ênfase dos aspectos preventivos já citados pelas teorias anteriormente citadas.

Teoria dos Rótulos (Labeling Theory)

Autores: Howard Becker (1963); Link, B. G. *et al.* (1989).

Origem, conceito e variáveis: O núcleo da teoria advém das contribuições de Becker sobre o estigma social pela teoria do Interacionismo Simbólico e, originalmente, se vincula também à perspectiva da Escola de Chicago. A teoria interpreta o papel dos rótulos sociais no aumento da probabilidade de que indivíduos se tornem criminosos. Assim, a teoria prediz que a rotulagem social aumenta a probabilidade do individuo se tornar ou se manter criminoso. Sugere, portanto que, crianças do sexo masculino em famílias pobres, por serem mais freqüentemente rotulados de forma depreciativa, terminam por aceitar também com maior freqüência tais rótulos e se tornam, por isto, mais passíveis de cometerem crimes. O mecanismo causal é aqui uma *"profecia que se auto-cumpre"*, pois, ao aceitar o rótulo, um indivíduo se associa a outros indivíduos igualmente rotulados, tornando endógeno tal aspecto à sua identidade. Por sua vez, o estigma social derivado dos rótulos impede os indivíduos de terem relações sociais normais, se auto-depreciam com maior freqüência, aumentam a tensão individual, assim como os custos de seguirem outras carreiras.

Propostas de intervenção: A rotulagem não é um aspecto cristalizado na personalidade. Ao contrário, indivíduos podem buscar, ao invés de persistirem em uma erosão do caráter, tentam reforçar um senso elevado de autovalor que se contraponha às tendências auto-deprecativas dos indivíduos estigmatizados. Os

autores apresentam enquanto proposta a necessidade de anulação dos rótulos individuais como uma estratégia de reabilitação de agressores. A questão, todavia, não é apenas semântica, mas de ressignificação da identidade e, para tanto, se faz necessário a elaboração de políticas no sentido de diminuírem as privações econômicas e sociais diversas, bem como a mediação e conciliação com as vítimas (justiça restaurativa) e reeducação social. Crimes graves, em geral, parecem fugir ao escopo destas políticas.

3.6. **Teorias Interacionais**

Enquanto as teorias macro-sociais focam sobre o papel da estrutura social como fator determinante do crime, as teorias interacionais derivam, complementarmente, a explicação do crime a partir da dinâmica interacional envolvendo grupos e individuos.

Teoria da Associação Diferencial (Aprendizado Social)

Autores: Sutherland e Cressey (1978; 1983).

Origem, conceito e variáveis: A Teoria da Associação Diferencial se aproxima da Teoria do Controle Social, situando-se, igualmente, nas teorias classificadas enquanto *"realismo de direita"*. Ela considera que os indivíduos determinam seus comportamentos a partir de suas experiências pessoais em situações de comunicação e conflito. O crime, portanto, não é explicado como algo inato, mas socialmente aprendido com outros indivíduos que dominam técnicas criminais. Explica, portanto, por que os indivíduos não se tornam criminais e como o crime se mantém, mas não como o crime surge.

Propostas de intervenção: Ao centrar-se sobre os problemas do aprendizado do crime, a teoria da Associação Diferencial termina por chamar a atenção aos efeitos da proximidade entre novatos e experientes, em uma rede de filiação do individuo a atividades criminais. É precisamente por isto que a anulação de possíveis crimes envolveria a diminuição do contato de novatos com técnicas de crime que são dominadas por criminosos experientes. Se por um lado os crimes relacionados às

condições de privação social relacionam-se com a criação de habilidades especificas, na verdade advém de uma inabilidade advinda de uma maior fragilidade do contexto social que o envolve. Crimes de colarinho branco, ao contrário, na medida em que tratam de indivíduos que detém maior sofisticação e conhecimento, apresentam como solução a necessidade de medidas punitivas mais efetivas e técnicas de investigação policial especializada.

Teoria(s) do Controle Social

Autores: Comunidade, crime e polícia (Reiss e Tonry, 1986; Reiss, Roth *et al.*, 1993), delinqüência (Toby, Toby *et al.*, 1961; Toby, 2000b; a), família (Nye e Hoffman, 1963; Nye e Berardo, 1973), mecanismos de punição (Reckless, Dinitz *et al.*, 1972; Reckless, 1973) e de socialização (Matza, 1969).

Origem, conceito e variáveis: Em criminologia, Teoria de Controle social relacionam-se, contemporaneamente, ao chamado realismo de direita. Relacionam o comportamento criminal com problemas acumulados no processo de socialização dos indivíduos em termos familiares e sociais levam a comportamentos anti-sociais. Na teoria do Controle Social, o fator que levaria o indivíduo a não cometer crimes seria, por um lado, a crença e a percepção do mesmo em concordância com o contrato social (acordos e valores vigentes), assim como, paralelo a este, o reforço do elo deste indivíduo para com a sociedade. Neste sentido, o fator distintivo entre famílias com crianças e/ou jovens delinqüentes e outras com jovens não delinqüentes refere-se às medidas de controle e vigilância levados a efeito por figuras parentais e redes comunitárias. Com maior freqüência, privações econômicas que atingem famílias pobres constituem fator de insegurança em sentido amplo, que inclui menor expertise na educação doméstica e controle sobre atividades mais amplas, tais como atividades escolares e redes de relações e amizade.

Propostas de intervenção: Laços sociais fortes, seja por semelhantes, seja por pais e outros, teria o efeito se de se opor a um baixo autocontrole, mas também propiciarem o surgimento do auto-controle no individuo na medida que este se molda às expectativas sociais. Neste rol encontram-se também os grupos

interacionais comunitários relativos aos esportes, a religião, aos grupos de amigos, e etc. Num segundo momento, um maior controle social é feito tanto por escolas quanto por políticas sociais de Estado e, por último, relaciona-se a políticas coercitivas. Evidentemente, na medida em que falham as medidas relativas à família, a comunidade e o Estado, uma maior propensão de que certos indivíduos vinculem-se ao crime aumenta. O que as teorias relacionadas ao controle social e ao auto-controle pugnam é, cada vez mais, uma vinculação entre características eminentemente sociais e individuais que, agregadas, vem a explicar a prevalência de crimes em determinados grupos sociais geograficamente concentrados.

3.7. **Teorias Individuais**

As teorias individuais, em contrapartida, apresentam seu foco de análise no indivíduo.

Teoria(s) da Escolha Racional

Autores: Beccaria, Gary Becker.

Origem, conceito e variáveis: As teorias racionalistas da punição fazem uso de uma interpretação racional das penalidades e classificação dos crimes (Beccaria). Complementar a esta, Gary Becker (1968) desenvolveu uma interpretação da atividade criminal sob uma perspectiva econômica. Becker avalia que o indivíduo decide sua participação em atividades criminosas a partir da avaliação racional entre ganhos e perdas – simbólicas, financeiras ou de qualquer outro tipo – esperadas advindos das atividades ilícitas *vis-à-vis* o ganho alternativo no mercado legal, bem como a perspectiva baixa de punição.

Propostas de intervenção: Nestes casos, as principais políticas envolvem a diminuição dos incentivos à atividade criminal, relacionando-se, por um lado, às políticas de expansão econômica e diminuição da desigualdade, diminuição do desemprego, severidade e perspectiva efetiva de punição, medidas de diminuição de reincidência, ruas iluminadas e maior presença da polícia.

Teoria(s) do Auto-Controle

Autores: Gottfredson e Hirschi

Origem, conceito e variáveis: Proposta por Gottfredson e Hirschi (1990), a Teoria do Auto-Controle é uma recente e bem sucedida tentativa de teoria geral do crime. Os autores demonstraram que o enfraquecimento do autocontrole individual como um fundo comum às diversas teorias econômicas, sociais e psicanalíticas. Ao aprofundar tal pista, afirmam que problemas no desenvolvimento destes mecanismos entre os 2 anos de vida e a juventude faz como que os indivíduos tenham dificuldade para calcular os efeitos de longo prazo de suas ações imediatas, gerando distorções no processo de socialização em função do enfraquecimentos da percepção de limites.

Propostas de intervenção: Hirschi identificou assim quatro dimensões que explicariam o não envolvimento dos indivíduos com o crime: a) força da ligação com família; b) convicção da validade das regras morais; c) forte cumprimento de compromissos; d) envolvimento em atividades coletivas; e) maior auto-controle. Desta forma, quanto mais fraco as características acima identificadas nos indivíduos, maior a probabilidade de que estes se envolvam em atividades criminais. A solução condizente com a teoria prediz, portanto, que ações capazes de reforçar os vínculos familiares e sociais dos indivíduos em relação a grupos primários, comunitários, religiosos e escola.

3.8. **Possibilidades de Síntese**

A ênfase da sociologia do crime é a busca de determinantes sociais para a causação das taxas de crime (Brodeur, 2001). Em grande parte, os maiores esforços da criminologia moderna dedicaram-se à relação entre crime e estratificação social e residencial, delinqüência juvenil e gangues, bem como políticas públicas. A questão, portanto, não é apenas com que freqüência prevalece estes tipos de crime, mas também qual sentido destas estatísticas criminais, ou seja, que fatores determinam o crime e que ações o Estado pode realizar para diminuí-lo.

Tal aspecto preventivo tem mostrado que tão importante quanto à melhoria das técnicas de investigação criminal, têm sido as políticas de prevenção, diminuindo assim a probabilidade de que novos crimes ocorram. Uma vez que a explicação das taxas de crime parte da própria dinâmica social das localidades onde os crimes ocorrem, políticas preventivas e repressivas em âmbito micro-social apresentam efeito mais expressivo se agregadas às políticas gerais contra o crime organizado, tráfico de drogas e máfias internacionais.

Não são poucos os trabalhos que salientam que crimes em âmbito local são a expressão capilar do crime organizado em âmbito de unidade federativa, nacional ou mesmo transnacional. Um exemplo do exposto é que objetos furtados ou roubados não são destruídos. O roubo de carros movimenta o mercado de peças usadas que pode retornar ao mercado legal. Uma concentração de furto e roubo de pequenos objetos termina por alimentar o tráfico de drogas em uma determinada área. O aliciamento da prostituição local pode se relacionar ao tráfico de seres humanos. Taxas elevadas de assassinato de jovens, bem como de delinqüência, são um indicador de que as dinâmicas sociais mais amplas (desemprego, migração, mobilidade residencial), em uma determinada localidade, fragilizam um grupo maior do que os indivíduos diretamente envolvidos.

Ao mesmo tempo, a criminologia moderna tem buscado refinar as interpretações a partir de um esforço persistente para integrar as diversas teorias. A classificação e a convergência das teorias provêem perspectivas importantes para a compreensão do crime. Enquanto se classificou acima pelo âmbito ao qual se dirige o olhar do analista (individual, interacional e macro-social) uma segunda proposta de classificação das teorias do crime foi proposta recentemente por Walklate.

Walklate (2007) partiu para uma classificação das teorias criminais enquanto realismo de esquerda e de direita (*left realism* e *right realism*). No caso, a autora mostra que estes enfoques apresentam maior ênfase sobre aspectos de causalidade, prevenção, coerção e punição do crime. Neste caso, chama a atenção para aspectos pouco estudados, mas latentes às diversas teorias, ou seja, o viés ideológico. Enquanto, por um lado, o realismo de esquerda destaca questões sociais e econômicas de modo amplo, bem como o papel preventivo das políticas sociais. O

realismo de direita enfatiza aspectos de controle interno às famílias, bem como mecanismos de punição e coerção por parte do estado.

Gartner (Gartner, 2001), por sua vez, classifica as explicações para os crimes envolvem motivações e perspectivas que enfocam controle ou oportunidades:

1) Explicações que enfatizam motivações focam condições e processos sociais que geram tendências criminais em sociedades, grupos ou indivíduos. A ênfase aqui é para o papel da estrutura, das instituições e dos processos sociais. Neste caso, a desigualdade econômica é um fator que indubitavelmente leva ao aumento do crime. A interpretação de que o crime, sob algumas condições, é justificável e, portanto, legitimo, também pode levar ao comportamento criminal.

2) Já o alvo das teorias de controle focaliza-se sobre agressores potenciais que terminam por encontrar uma vítima potencial e desprotegida, levando às maiores oportunidades de crimes. Explicações baseadas em mecanismos de controles abrangem os controles internos e externos aos indivíduos. Nestes casos, atividades de rotina das vítimas e agressores aparecem enquanto variáveis explicativas.

A perspectiva moderna de interpretação do problema da criminalidade, ao contrário de uma contraposição direta entre teorias e variáveis macro-estruturais, interacionais e individuais, na verdade tem agregado tais dimensões enquanto cumulativas. Aspectos individuais, ou mesmo biológicos, se somam a aspectos ambientais, seja em nível de família, relações de amizade, escola, bairro e mudanças sociais mais profundas tais como econômicas, demográficas e culturais.

É precisamente em função deste aspecto cumulativo que o crime apresenta característica auto-perpetuadora. Isto implica que efeitos intertemporais do crime, pretéritos ou não, vinculados a grupos sociais e determinados indivíduos, uma vez cristalizados, apresentam fortes efeitos inerciais, ou seja, é possível que permaneçam por algum tempo mesmo tendo sido dirimidas as dinâmicas iniciais que lhes deram origem, ou mesmo após executadas políticas preventivas ou coercitivas.

Tal acúmulo advém da compreensão do problema, uma preocupação crescente dos estudos acadêmicos nas últimas décadas, exemplificada por uma sinergia crescente entre academia, instituições policiais e gestores. O resultado tem sido não somente

acadêmico, mas, sobretudo, na formulação de estratégias de policiamento, investigação e de políticas públicas preventivas e repressivas.

Complementarmente, taxas de crime menores tem sido característica de sociedades mais consensuais; mais igualitárias, com orientações sociais que inibem a agressão física, fortes redes de interdependência entre indivíduos, e grupos, o que é exemplificado por maiores obrigações sociais. Em resumo, estas sociedades e em termos econômicos, ideológicos e culturais se opõem assim as sociedades mais individualistas modernas (Heiland, Shelley *et al.*, 1992).

Apesar dos esforços, reconhece-se que nenhuma teoria é ampla o bastante para explicar toda a gama de crimes. O grande desafio, portanto, é a criação destes mecanismos nestas últimas sociedades capazes de inibir o crime. Há certo consenso sobre algumas variáveis. Uma delas é a existência de mecanismos de controle social informal, empoderamento das famílias e reforço da vigilância familiar e comunitária (religiosas, esportivas), escola, políticas que diminuam a reincidência e a inserção criminal por meio de programas específicos ao público jovem. Tais ações, realizadas em conjunto, apresentam efeito positivo.

3.9. **Panorama Brasileiro: Problemas e Possibilidades**

A criminalização da pobreza, lembrando o velho adágio de Washington Luís (Patto, 1999) de que *"questão social é questão de polícia"*, tem sido a marca, em grande parte do período republicano, da relação entre Estado e sociedade civil. Mais recentemente, tal adágio vem sendo superado na medida em que as questões sociais passaram a ser questões de Estado. Enquanto conseqüência deste lento processo, a própria gama de definição do que é crime vem se aproximando cada vez mais no Brasil dos parâmetros de uma ordem liberal e democrática.

Observa-se que o sentido do adágio conservador, ao relacionar-se a uma sociedade desigual e hierarquizada, induz como crime não sua definição jurídica moderna, mas sim questões políticas. Portanto, a própria superação do adágio de Washington Luís passa pela dimensão da cidadania condizente com uma ordem política democrática, separando, portanto, o que seria não a pobreza, mas o crime, objeto de ação policial

repressiva, e a primeira enquanto objeto de ação de política social. Ao se proceder desta forma diminui-se os vasos comunicantes entre condições socioeconômicas – no sentido amplo – e os crimes mais comuns.

Num sentido mais preciso, a democratização da sociedade brasileira torna necessário que instituições policiais ressignifiquem o sentido de ordem pública condizentes com a expansão da igualdade jurídica e da cidadania a todos os membros da população, vistos como cidadão, e não como *"classes perigosas"*.

No escopo dos objetivos de modernização da política de segurança no Brasil não transcorre em um processo cumulativo tal como a experiência dos EUA ou Europa. Ao contrário, tendo o Estado reconhecido sua condição de atraso, tais tarefas têm demandado um crescente esforço de renovação dentro dos limites da ordem institucional existente, pautada pela divisão das polícias, da superação de carências técnicas e, sobretudo teóricas, e na necessidade premente de modernização das bases de dados e procedimentos. Enquanto síntese, portanto, tal processo tem ocorrido aos saltos nos últimos anos.

É fato reconhecido que a publicação de estatísticas criminais no Brasil é ainda deficitária. Ainda assim, a crítica destas estatísticas tem crescido nos últimos anos, decorrente, em grande medida, das medidas de estruturação de uma política nacional de segurança pública. Um marco decisivo na compreensão das metas a serem feitas ocorreu no ano 2000, no seminário sobre estatísticas criminais ocorrido em Brasília (Cerqueira, Lemgruber *et al.*, 2000e,d,c,b,a). Tal discussão foi o primeiro esforço para se conceber um sistema de informações nacionais sobre crimes e sobre agressores, necessários tanto para a modernização da polícia quanto do sistema de justiça.

Embora não se possa mudar rapidamente a cultura organizacional e a discricionariedade dos órgãos de segurança no Brasil, parece ser igualmente falso o pressuposto de que tal cultura deva antes esta mudar para que depois as organizações passem a incorporar mecanismos modernos para a elaboração de políticas de segurança. Na verdade, técnicas e culturas organizacionais modernas são implantadas juntas, sendo endogeneizadas ao cotidiano das organizações na medida em que são praticados.

Iniciativas neste sentido têm avançado nos últimos anos. Em 2003 foi concebido o Sistema Único de Segurança e o Programa Nacional de Segurança Cidadã (Lessa, Botafogo *et al.*, 2003), responsável pela operacionalização do plano e de gerir um processo de cooperação, coordenação e financiamento entre o governo Federal, Estados e Municípios. Desde então, diversas sínteses metodológicas e balanços sobre a implantação do SUSP tem sido disponibilizadas aos gestores públicos (SENASP, 2005; 2007).

No que trata as pesquisas de vitimização iniciaram-se na década de 90, principalmente sob demanda da ONU. Na década de 90, pesquisas de vitimização no Brasil advêm primeiramente a partir de demandas externas de órgãos internacionais, principalmente a ONU (Kahn, 2000; Kahn, Ilanud *et al.*, 2002). Catão (2000), ao fazer um balanço das pesquisas de vitimização realizadas na década de 80, afirmaria que, na verdade, o Brasil teria realizado poucas pesquisas ao longo da década.

Ao fim, Catão crítica quanto às pesquisas de vitimização realizadas no Brasil, em virtude da diferença metodológica, desenho da amostra, ao período de referência e população alvo, bem como as diferentes variáveis escolhidas, o que dificulta as comparações entre pesquisas e seus respectivos diagnósticos.

Mais recentemente, tais metas metodológicas foram incorporadas à estratégia do *Sistema Único de Segurança Pública* (SUSP) enquanto uma das ferramentas necessárias a renovação das estratégias de segurança pública. Experiências bem sucedidas têm sido realizadas pelo CRISP-UFMG na renovação da política de segurança no estado de Minas Gerais, bem como outros núcleos de pesquisa em outras cidades. Embora seja uma demanda premente tal como a melhoria dos sistemas de informação criminal no Brasil, um survey nacional de vitimização ainda não foi elaborado.

Todavia, tal incorporação de metodologias não tem implicado em apenas uma agregação técnica. O crescente aumento das taxas de crimes nas décadas de 80 e 90 ocorreu tanto em um processo de democratização da sociedade, mas também na perda de capacidade de que investimento do estado e dificuldades crescentes de modernização social. É neste sentido que esta pesquisa se insere.

Finalizando, o que se espera é uma maior fidedignidade das estatísticas criminais, agregada a estratégias focalizadas de prevenção associadas a políticas repressivas, se bem realizadas, termina por surtir efeito apenas a médio e longo prazo, bem distante, portanto, da pressa cotidiana dos cidadãos, dos meios noticiosos ou dos gestores públicos.

Bibliografia

BECKER, G. S. Crime and Punishment: An Economic Approach. *The Journal of Political Economy* [S.I.], v. 76, n. 2, p. 169-217, 1968.

BECKER, H. S. *Outsiders; studies in the sociology of deviance*. London: Free Press of Glencoe, 1963.

BRAITHWAITE, J. *Crime, shame, and reintegration*. Cambridge ; New York: Cambridge University Press, 1988.

BRODEUR, J.-P. Crime, Sociology of. In: SMELSER, N. J.; BALTES, P. B. (Ed.). *International encyclopedia of the social & behavioral sciences*. Amsterdam; New York: Elsevier, 2001. p. 2941-2937.

BURGESS, E. W.; AMERICAN SOCIOLOGICAL ASSOCIATION. *Personality and the social group*. Freeport, N.Y.,: Books for Libraries Press, 1969. (Essay index reprint series.).

CANTOR, D.; LYNCH, J. P. Self-Report Surveys as Measures of Crime and Criminal Victimization. *Criminal Justice* [S.I.], v. 4, n. 1, p. p. 85-138, 2000.

CATÃO, Y. Pesquisas de vitimização. In: Encontro do Fórum de Debates sobre Criminalidade, Violência e Segurança Pública no Brasil. Agosto de 2000, Rio de Janeiro, IPEA e CESeC/UCAM. 2000.

CERQUEIRA, D. *et al.* Fórum de Debates: Criminalidade, Violência e Segurança Pública no Brasil: Uma Discussão sobre as Bases de Dados e Questões Metodológicas. *Causas e Determinantes e Custos e Conseqüências da Violência e Criminalidade*. Rio de Janeiro2000a.

_____. Fórum de Debates: Criminalidade, Violência e Segurança Pública no Brasil: Uma Discussão sobre as Bases de Dados e Questões Metodológicas. *Averiguação e Inquérito Policial; Denúncia e Abertura de Processo no Ministério Público*. Rio de Janeiro2000b.

_____. Fórum de Debates: Criminalidade, Violência e Segurança Pública no Brasil: Uma Discussão sobre as Bases de Dados e Questões Metodológicas. *Julgamento e Penalização/Sistema Judiciário; Sistema Judiciário; Execução das Penas e Reinserção/Sistema Penitenciário*. Rio de Janeiro2000c.

_____. Fórum de Debates: Criminalidade, Violência e Segurança Pública no Brasil: Uma Discussão sobre as Bases de Dados e Questões Metodológicas. *Crime e Relato II: Base de Dados da Saúde e Pesquisas de Vitimização*. Rio de Janeiro2000d.

_____. Fórum de Debates: Criminalidade, Violência e Segurança Pública no Brasil: Uma Discussão sobre as Bases de Dados e Questões Metodológicas. *Conceituação do sistema de justiça criminal crime e relato I: as bases de dados policiais*. Rio de Janeiro.2000e.

CERQUEIRA, D.; LOBÃO, W. Determinantes da criminalidade: arcabouços teóricos e resultados empíricos. *Dados* [S.l.], v. 47, p. 233-269, 2004.

DIJK, J. V. *et al.* Criminal Victimisation in International Perspective. Key findings from the 2004-2005 ICVS and EU ICS. v. 1: The Hague, Boom Legal Publishers., 2008. p. 280.

GARTNER, R. Crime: Knowledge about and Prevalence. In: SMELSER, N. J.; BALTES, P. B. (Ed.). *International encyclopedia of the social & behavioral sciences*. Amsterdam; New York: Elsevier, 2001. p. 2925-2928.

GOTTFREDSON, M. R.; HIRSCHI, T. *A general theory of crime*. Stanford, Calif.: Stanford University Press, 1990.

HEILAND, H.-G. *et al. Crime and control in comparative perspectives*. Berlin; New York: W. de Gruyter, 1992.

KAHN, T. Medindo a Criminalidade: Um Panorama dos Principais Métodos e Projetos Existentes. In: CERQUEIRA, D. *et al* (Ed.). *FORUM DE DEBATES Criminalidade, Violência e Segurança Pública no Brasil: Uma Discussão sobre as Bases de Dados e Questões Metodológicas.* . v. 1: CONCEITUAÇÃO DO SISTEMA DE JUSTIÇA CRIMINAL CRIME E RELATO I: AS BASES DE DADOS POLICIAIS. Auditório do IPEA/RJ: IPEA, UCAM, 2000. p. 59-80.

KAHN, T. *et al.* PESQUISA DE VITIMIZAÇÃO 2002 E AVALIAÇÃO DO PIAPS. In: GSI, G. D. S. I. (Ed.). São Paulo2002.

LEGENDRE, Pierre. *O amor do censor: ensaio sobre a ordem dogmática*. Forense Universitária, Rio de Janeiro, 1983.

LESSA, R. *et al.* ARQUITETURA INSTITUCIONAL DO SISTEMA ÚNICO DE SEGURANÇA PÚBLICA. In: SENASP/MJ, S. N. D. S. P. D. M. D. J. (Ed.). v. 1. Brasilia: Ministério da Justiça, 2003. p. 667.

LINK, B. G. *et al.* A Modified Labeling Theory Approach to Mental Disorders: An Empirical Assessment. *American Sociological Review* [S.I.], v. 54, n. 3, p. 400-423, 1989.

MATZA, D. *Becoming deviant*. Englewood Cliffs, N.J.,: Prentice-Hall, 1969.

MERTON, R. K. *Social theory and social structure*. 1968 enl. ed. New York,: Free Press, 1968.

NYE, F. I.; BERARDO, F. M. *The family: its structure and interaction*. New York,: Macmillan, 1973.

NYE, F. I.; HOFFMAN, L. N. W. *The employed mother in America*. Chicago,: Rand McNally, 1963. (Rand McNally sociology series).

O'BRIEN, R. M. CRIME RATES. In: BORGATTA, E. F.; MONTGOMERY, R. J. V. (Ed.). *Encyclopedia of sociology*. New York: Macmillan Reference USA, 2000. p. 590-502.

PARK, R. E. *et al. The city*. Chicago: University of Chicago Press, 1967.

PARK, R. E.; TURNER, R. H. *On social control and collective behavior. Selected papers*. [1st Phoenix. ed. Chicago: University of Chicago Press, 1967.

PATTO, M. H. S. Estado, ciência e política na Primeira República: a desqualificação dos pobres. *Estudos Avançados* [S.I.], v. 13, p. 167-198, 1999.

QUINNEY, R. WHO IS THE VICTIM? *Criminology* [S.I.], v. 10, n. 3, p. 314-323, 1972.

RECKLESS, W. C. *The crime problem*. 5th. ed. New York,: Appleton-Century-Crofts, 1973. (ACC sociology series).

RECKLESS, W. C. *et al. The prevention of juvenile delinquency: an experiment*. Columbus,: Ohio State University Press, 1972.

REISS, A. J. *et al. Understanding and preventing violence*. Washington, D.C.: National Academy Press, 1993.

REISS, A. J.; TONRY, M. H. *Communities and crime*. Chicago: University of Chicago Press, 1986.

SENASP, S. N. D. S. P. D. M. D. J. GUIA PARA A PREVENÇÃO DO CRIME E DA VIOLÊNCIA NOS MUNICÍPIOS. In: DEPARTAMENTO DE POLÍTICAS, P. E. P.-C.-G. D. A. D. P. E. S. P. (Ed.). Brasilia2005. p. 55.

_____. RELATÓRIO DE ATIVIDADES: Implantação do Sistema Único de Segurança Pública. In: PÚBLICA, S. N. D. S. (Ed.). v. 1. Brasilia2007. p. 216.

SUTHERLAND, E. H. *White collar crime : the uncut version*. New Haven: Yale University Press, 1983.

SUTHERLAND, E. H.; CRESSEY, D. R. *Criminology*. 10th. ed. Philadelphia: Lippincott, 1978.

THORNBERRY, T. P.; KROHN, M. D. K. The Self-Report Method for Measuring Delinquency and Crime. *Criminal Justice* [S.I.], v. 4, n. 1, p. 33-83, 2000.

TOBY, J. CRIMINALIZATION OF DEVIANCE. In: BORGATTA, E. F.; MONTGOMERY, R. J. V. (Ed.). *Encyclopedia of sociology*. New York: Macmillan Reference USA, 2000a. p. 523-527.

_____. WHEN DEVIANCE IS CRIMINALIZED: POLITICIZATION. In: BORGATTA, E. F.; MONTGOMERY, R. J. V. (Ed.). *Encyclopedia of sociology*. New York: Macmillan Reference USA, 2000b. p. 525-527.

TOBY, J. *et al. Low school status as a predisposing factor in subcultural delinquency*. [n.p.,, 1961.

UN-SD, U. N.-S. D. *Manual for the development of a system of criminal justice statistics*. New York: United Nations, 2003. (Studies in methods. Series F no. 89).

WALKLATE, S. *Understanding criminology : current theoretical debates*. 3nd. ed. Phildelphia, Pa.: Open University, 2007. (Crime and justice).

4. **PLANEJAMENTO DA PESQUISA**

No período de 13/09 à 20/09/2008 foram realizadas as seguintes etapas:

- Identificação dos objetos e populações;
- Definição dos objetivos gerais, operacionais e alternativas;
- Definição das populações alvo;
- Identificação das unidades de análise e resposta;
- Especificação das sub-populações;
- Identificação dos possíveis sistemas;
- Descrição da população referenciada;
- Especificação de parâmetros populacionais de interesse.

5. **ESTRATÉGIA DE COLETA DE DADOS**

Definimos a Estratégia de Coleta de Dados no período de 26/08 à 20/09/2008. Para tal, realizamos os procedimentos listados abaixo:

- Coleta de informações;
- Definição do tipo de investigação;
- Definição do modo de coleta: entrevistas diretas;
- Operacionalização dos conceitos: variáveis e atributos;
- Elaboração do instrumento de mensuração/coleta de dados;
- Planejamento e seleção da amostra;
- Escolha das unidades amostrais;
- Escolha dos melhores estimadores e seus erros;
- Fixação do tamanho da amostra;
- Definição do plano amostral;
- Seleção das unidades amostrais;
- Previsão dos procedimentos para os erros não-amostrais.

6. **PLANO AMOSTRAL: PARECER TÉCNICO-METODOLÓGICO**

A estratégia geral do projeto baseou-se na realização de uma Pesquisa do Tipo *Survey*, com aplicação de Questionários Estruturados (ver ANEXO 2), de base domiciliar, por meio de uma amostra probabilística de domicílios, estratificada proporcionalmente pelos municípios da Região da Grande Vitória (RGV): Cariacica, Serra, Viana[1], Vila Velha e Vitória.

Adicionalmente, definiu-se como a população alvo da pesquisa, os moradores dos municípios supracitados, residentes nos domicílios, com idade a partir de 14 anos.

Em relação ao planejamento e seleção do plano amostral foram enfrentados alguns problemas de ordem burocrática que nos conduziram a pensar alternativas para a definição do Plano Amostral estabelecido a priori.

[1] Considerando que o município de Viana possui um tamanho populacional que, em comparação com os demais municípios da Grande Vitória, o torna pouco representativo, foi dado, para efeito do cálculo do tamanho de amostra do município, tratamento diferenciado de modo a não prejudicar inferências para o município de Viana, considerando uma margem de erro máxima de aproximadamente cinco pontos percentuais para este município.

Diante de dificuldades técnicas, em se obter por meio da SESP/ES e Prefeituras, os dados cadastrais dos domicílios dos municípios em tempo hábil para realização dos trabalhos de campo; e, ainda, diante da urgência na realização dos inícios dos trabalhos, visto a redução do prazo para a conclusão da pesquisa, optou-se pela utilização de dados oficiais de características das pessoas e dos domicílios disponíveis a partir da *Base de Informações Censitárias* do *Censo Demográfico 2000*, adquirida junto ao IBGE. Sendo esta a última base de informação disponível, no período de planejamento amostral.

Assim, estabeleceu-se que a quantidade de entrevistas realizadas em cada município se determinaria de forma proporcional ao total de domicílios deles. Considerando que os municípios são divididos em *Setores Censitários* – conforme definição dada pelo *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística* (IBGE) – optou-se por um plano amostral baseado em amostragem dupla (ou amostragem em dois estágios).

Os referidos setores constituem regiões geográficas delimitadas com uma média de 300 domicílios cada, o que possibilita, com a estratégia adotada, a cobertura territorial dos municípios, permitindo representação sócio-econômica dos indivíduos residentes.

Foram desconsiderados os setores censitários, de acordo com a base de dados definida pelo IBGE, caracterizados como rurais, os setores urbanos com características empresariais/industriais e regiões não habitadas (mangue, aeroporto, etc.), por serem regiões que não representam o *approach* teórico metodológico.

No primeiro estágio do processo de amostragem foram selecionados, por meio de *seleção aleatória sistemática*, os setores censitários que constituíram a amostra para cada município. Posteriormente, iniciou-se o segundo estágio, em que nos setores censitários selecionados é utilizado o mesmo processo de seleção (*aleatória sistemática*) dos domicílios nos municípios pesquisados.

Para garantir a representatividade por faixa etária de interesse e de sexo dos entrevistados, os indivíduos foram selecionados em cada setor em conformidade com sua proporcionalidade em relação à população de interesse.

A estratégia de alocar proporcionalmente a amostra total por município permite que os resultados obtidos, por meio do estudo, sejam extrapolados para os municípios e para a Grande Vitória/ES.

Dessa forma, o cálculo do *Tamanho Amostral* para a pesquisa na Região da Grande Vitória, bem como para cada município, foi determinado conforme o apresentado na TABELA 1, considerando uma *Margem de Erro* máxima de 1,38 pontos percentuais a um *Nível de Significância* de 95% para a região pesquisada. Ou seja, espera-se que se tomarmos 100 amostras distintas, utilizando a mesma metodologia, em 95 delas as estimativas se darão num intervalo com erro máximo de – mais ou menos – 1,38 pontos percentuais. As "*Margens de Erro*" esperadas para as inferências nos municípios são também apresentadas na TABELA 1, e foram calculadas após a determinação do tamanho da amostra nos municípios.

TABELA 01

Amostra Por Município da RGV-ES

Municípios	amostra	M.E.(p.p.)*
Cariacica	1.131	2,91
Serra	1.100	2,95
Viana**	400	4,87
Vila Velha	1.270	2,74
Vitória	1.100	2,95
RGV	**5.001**	**1,38**

* Margem de Erro máxima (pontos percentuais)
** Amostra não proporcional à RGV-ES

Os procedimentos para a seleção dos domicílios é dado de forma sistemática a partir do ponto inicial definido para cada setor censitário selecionado. Estes procedimentos foram adaptados a partir do *Manual do Recenseador* para censo demográfico do IBGE disponível, e consistem em os pesquisadores identificarem

a partir da descrição do setor censitário selecionado, ponto inicial do setor e percorrer o trajeto indicado pela descrição deste, de modo a identificar as vias e quarteirões que o compõe, respeitando aos limites do setor censitário indicado na descrição e mapa. Durante o processo de seleção dos domicílios para a aplicação do questionário, os pesquisadores, orientados por supervisores de campo, percorrem os setores de forma padronizada, e selecionam as unidades amostrais (domicílios) de forma sistemática, de modo a garantir representatividade dos domicílios do setor, e aleatoriedade do domicílio selecionado. Informações mais detalhadas a respeito dos procedimentos de seleção dos domicílios e indivíduos encontram-se no Manual do Entrevistador (Ver ANEXO 3).

7. **PESQUISA DE CAMPO**

A Preparação para a *Pesquisa de Campo* ocorreu no período de 28/08 à 01/11/2008. Para tal, realizamos as seguintes etapas:

- Processo de coleta de dados;
- Elaboração dos manuais dos entrevistadores e críticos;
- Montagem da equipe de coleta de dados;
- Definição dos processos de controle contínuo da qualidade;
- Treinamento dos entrevistadores;
- Pré-teste;
- Procedimentos para situações inesperadas;
- Entrevistas de campo.

7.1. **Justificativa das Estratégias Metodológicas da Pesquisa de Campo**

O primeiro problema enfrentado foi o impacto da nova lei de estágio na contratação de estudantes universitários como bolsistas da pesquisa, contratados pela FCAA - Fundação Ceciliano Abel de Almeida da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Devido à exigüidade do tempo (três meses) para a

realização da pesquisa, foi necessário trabalhar nos sábados e domingos em diferentes turnos durante a semana. Em virtude da nova lei de estágio, ficamos impossibilitados de utilizar a participação dos alunos-bolsistas nos parâmetros previstos para a pesquisa, pois a lei de estágio gerou entraves legais para a contratação de cerca de 40 % dos estudantes selecionados e treinados para a pesquisa de campo.

Diante deste fato, e com a pesquisa em andamento, buscamos alternativas de contratação indireta de uma equipe de pesquisadores-profissionais autônomos, que foram remunerados com recursos da coordenação geral da pesquisa, já que a FCAA estava legalmente impedida de realizar estas contratações.

Essa equipe trabalhou por cotas de questionários nos três turnos e nos sábados e domingos, garantindo a dinâmica da pesquisa e a magnitude da amostra. Entretanto, no decorrer da pesquisa de campo, em sua fase conclusiva, nos deparamos com o fenômeno meteorológico designado "Convergência Climática" que afetou áreas do Estado do Espírito Santo com chuvas intermitentes e torrenciais por mais de 4 semanas. O município de Vila Velha foi um dos mais atingidos. Em virtude desse fenômeno, a pesquisa de campo em Cariacica e Vila Velha foi extremamente prejudicada. Tivemos que diminuir drasticamente o ritmo das atividades de pesquisa durante esse período. A estratégia utilizada foi a de "maximizar" a digitalização dos setores censitários já encerrados: Serra, Vitória e Viana. Posteriormente, as atividades foram retomadas e intensificadas naqueles municípios, estendendo-se o campo até 1/11/2008, quando se efetivou o término da pesquisa de campo.

8. **RELATÓRIO DE CAMPO**

8.1. **Considerações Iniciais**

Um relatório de campo basea-se nas impressões subjetivas do pesquisador durante sua visita às comunidades, ou seja, ao objeto de estudo. Estas impressões têm caráter exploratório e extrapolam os objetivos contidos no

instrumento de coleta, muitas vezes contradizendo os resultados gerais da pesquisa, visto que representam impressões preliminares, colhidas de forma não sistemática.

Neste sentido, as observações aqui assinaladas devem ser avaliadas de forma conjunta aos resultados da pesquisa, não podendo ser consideradas enquanto material exclusivo para análise científica.

8.2. **Aspectos Gerais da Grande Vitória/ES**

Após a finalização dos trabalhos de campo, alguns aspectos nos chamam a atenção quanto a um padrão criminológico aparente: a relação entre infra-estrutura e sensação de insegurança da população; entre desenvolvimento econômico dos bairros e aumento de crimes contra o patrimônio; a presença mássica de tráfico e/ou consumo de drogas.

Quanto à relação entre infra-estrutura e sensação de insegurança percebemos nas visitas de campo e nos comportamentos adotados pelos entrevistados e/ou comunidades visitadas durante as visitas, que bairros mais periféricos, afastados dos centros comerciais de grande fluxo, como *Reis Magos* na Serra, por exemplo, preservam uma atmosférica bucólica de cidade do interior, seus moradores mantêm as portas de suas residências abertas e não demonstram grande temeridade em relação a criminalidade.

Esse fenômeno se apresenta aos olhos dos observadores com duas facetas. De um lado, o afastamento dos grandes centros preserva a comunidade da visita e exposição a “forasteiros”, que possam representar uma ameaça à estabilidade dos bairros. Fenômeno sentido pela equipe de campo, a partir dos olhares curiosos e temerosos em relação às suas visitas. Por outro lado, o mesmo afastamento que preserva a “paz”, instiga sensações e sentimentos de abandono, descaso, solidão, ocasionando demandas relacionadas à saúde, educação e saneamento enquanto necessidades mais urgentes.

Contraditoriamente, bairros periféricos que já atingiram um grau maior de desenvolvimento econômico sofrem os efeitos do aumento proporcional da criminalidade, em particular, assaltos ao comércio, roubo à residências e aumento do tráfico de drogas, deslocando as demandas por maior presença do Estado na forma de ações voltadas à segurança pública. Um exemplo ideal acerca dessa relação entre tipo de crime e crescimento econômico dos bairros é a maior incidência de relatos de seqüestro-relâmpago nos bairros de maior renda. Nestes bairros a sensação de insegurança e medo tende a aumentar, mesmo quando não há relatos de experiências anteriores com crimes por parte dos moradores.

Nesse sentido, Viana é um exemplo a parte. A maioria dos bairros preserva essa atmosfera bucólica. Mas, revela um sentimento de maior temor e insegurança justamente nos locais de maior fluxo e concentração de comércio e pessoas.

Outro aspecto interessante diz respeito ao pouco ou nenhum envolvimento com a escola pública por parte dos moradores. As informações acerca do funcionamento e postura da escola com a comunidade são poucas e vagas, até mesmo entre os moradores que possuem algum filho ou neto que nela estudem.

Com relação aos postos de saúde, a avaliação é negativa por parte dos que usufruem do serviço, em particular em relação a: falta infra-estrutura, filas e dificuldade de conseguir atendimento rápido.

Nos bairros onde a renda da população é maior, há maior incidência de moradores que não utilizam o serviço, por possuírem plano de saúde. Percebemos o baixo interesse da população acerca da qualidade do atendimento nos postos e o baixo envolvimento com os problemas relativos à saúde. Essa postura revela que o serviço público passa a não ser de seu interesse quando se busca alternativa de atendimento no privado.

Além das semelhanças quanto a infra-estrutura dos bairros mais carentes da periferia dos municípios da Grande Vitória, é importante observar que ambos

apresentam a existência de muitas crianças na rua, ausência de policiamento e tráfico de drogas, nos relatos dos entrevistadores e entrevistados.

Por fim, há semelhanças também em relação aos bairros nobres da Grande Vitória, a principal delas é a desconfiança, o alto índice de recusa em participar da pesquisa e o preconceito em relação aos entrevistadores, seja em função da etnia ou do pertencimento social. Comportamento oposto ao encontrado nos bairros mais carentes, onde os entrevistadores eram bem-atendidos e a participação na pesquisa é entendida como importante e necessária.
Foram relatadas dificuldades de acesso e baixo índice de participação nos bairros onde há maior presença de condomínios e prédios, que mesmo com o investimento em divulgação e visitas de esclarecimento quanto ao teor e importância da pesquisa, mantiveram-se indiferentes.

8.3. **Percepções quanto às causas da criminalidade e opiniões de classe distintas quanto às punições**

O tráfico de drogas é um fato freqüentemente relatado tanto pelos pesquisadores quanto entrevistados que informalmente revelam a existência de venda e consumo de drogas nos bairros pobres.

As chamadas “bocas de fumo”, a partir da percepção geral dos pesquisadores, funcionam normalmente tendo como fachada residências comuns e até mesmo bares ou biroscas. Já o consumo, invariavelmente, ocorrem em locais geralmente mais afastados e escondidos, quando não, em praças públicas, quadras, próximo à escolas em função da falta de policiamento.

Ainda, em função disso, dessa convivência com o tráfico, o consumo e venda de drogas torna-se uma realidade natural, um fato comum na vida de jovens e crianças que transparecem em algumas falas desconhecer o caráter ilícito dessa atividade.

Outro crime comum nos bairros pobres é a corrupção, sobretudo em época de eleição. É nesse período que os cabos eleitorais investem em maior peso com promessas de cestas básicas, tratamentos médicos, e a mais variada lista de auxílios, incluindo pagamento em dinheiro pelo voto.

É também nos bairros de periferia que ocorrem maiores relatos de maus tratos e abuso de autoridade por parte das polícias, em particular nos bairros mais violentos. Ao que parece, nestas regiões a população vê-se sitiada pela violência, de um lado os bandidos que demarcam territórios e limitam os acessos do bairro, de outro os policiais que tornam suspeitos todos os que moram no bairro.

Já nos bairros mais nobres, o consumo de drogas é mais citado e da mesma forma, como um fato normal do cotidiano.

Em relação ao temor com relação aos crimes, o assassinato é comum à maioria das pessoas, em particular jovens homens, e o estupro para a maioria das mulheres, esse temor é ainda maior quando nas comunidades há locais de pouca iluminação, terrenos baldios, lotes desocupados.

Já entre os jovens de maior renda o medo de ser vítima de seqüestro relâmpago apresenta-se com maior incidência.

Com relações às punições percebe-se nos relatos dos pesquisadores a partir das justificativas apresentadas pelos entrevistados, que há maior compreensão e sentimento de justiça por parte das populações mais carentes. Estes se demonstram mais brandos, mais equilibrados quanto à aplicação das penas, e revelam-se mais inclinados as penas alternativas. Para eles, penas duras, sem uma proposta real de reabilitação somente servem para piorar o quadro e aumentar a população carcerária. Nisso, percebe-se que medidas preventivas são mais bem vindas para essa parcela da população.

Em contrapartida, para a maioria das pessoas de maior renda, as punições devem ser severas. As punições devem ser temidas, para servirem de exemplo. Estes se revelam mais duros em relação a todo e qualquer tipo de crime. E

sendo assim, revelam-se mais inclinados a propostas de alteração nas leis e ampliação das penas. As medidas de repressão são as que parecem agradar mais.

No entanto, pobres e ricos concordam que crimes como estupro e assassinato merecem penas mais severas, e neste sentido, ambos revelam-se intolerantes às práticas hediondas.

Além disso, revelam semelhanças também em relação à imagem da polícia e dos aparelhos de justiça. Para ambos, há muitos aspectos a serem melhorados na relação polícia-comunidade, e mais investimento.

8.4. **Conclusão: Percepção da Criminalidade**

Finalizado o campo, um sentimento se fez presente entre os pesquisadores, a existência de um hiato entre a realidade vivida – experimentada pelas pessoas no seu cotidiano – e a sensação de insegurança transmitida através dos relatos coletados.

Não foram raros os relatos de moradores da Grande Vitória que nunca sofreram crimes, mas que os teme como se tivessem vivido. Esse temor identifica o impacto que a atmosfera de medo, muitas vezes explorada pela mídia tem na vida e na mente dos indivíduos, levando-os a alterarem comportamentos e posturas ao menor sinal de perigo.

Em resumo, o que a equipe de campo percebe é que há muito mais medo do que criminalidade de fato em muitas localidades. E que, em muitos discursos, o bairro e a vizinhança não se apresenta como perigoso, mas que o perigo está ao lado, nas regiões próximas. O “perigo são os outros”, ao mesmo tempo que, metaforicamente, o medo está dentro de cada um.

Essa sensação de insegurança ganha peso, sobretudo, em locais onde o Estado não está presente e o tráfico de drogas tem mais força de atuação. Por outro

lado, visitas aos bairros mais violentos como *Feu Rosa*, *José de Anchieta*, *Cantinho do Céu* (Serra), *Marcílio de Noronha*, *Santa Martha* (Vitória), *Rio Marinho* (Vila Velha), entre outros, revelam que o temor tem a face dos jovens assassinados em decorrência de acerto de contas com o tráfico de drogas.

9. **TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS**

O tratamento e a análise dos dados iniciaram-se em novembro/2008. Para tal, realizamos as seguintes etapas:

- Processamento dos dados;
- Identificação dos programas para entrada de dados;
- Criação dos planos de consistência e qualidade;
- Planejamento e criação do banco de dados;
- Digitação;
- Análise dos resultados;
- Planejamento das análises iniciais sobre a qualidade dos dados;
- Avaliação da população amostrada;
- Análise descritiva;

10. **RELATÓRIO TÉCNICO DESCRITIVO**

As *Tabelas* a seguir foram elaboradas a partir da estrutura do questionário utilizado na pesquisa (ver ANEXO 2), e foram divididas em quatro *Blocos Temáticos*, cujos os dados foram cruzados para os 5 municípios selecionados (Serra, Cariacica, Viana, Vitória e Vila Velha) que compõem a região Metropolitana da Grande Vitória/ES. Considerando que durante o período de coleta de dados, houve necessidade de ampliação da área de cobertura amostral, em virtude da compensação de dados para cobrir perfis de entrevistados em localidades onde houve dificuldade de acesso dos pesquisadores. A amostra realizada divergiu do planejado. Entretanto, as diferenças encontradas se dão de forma proporcional ao planejado para a população alvo nos municípios.

Desta forma, para compensar a desproporcionalidade gerada por tais ajustes, e compensar o tamanho amostral do município de Viana, os resultados apresentados para a Região da Grande Vitória, foram ponderados para corrigir tal desproporcionalidade, conforme apresentado na TABELA 02.

TABELA 02

Amostra Por Município da RGV-ES – Resultado do Campo

MUNICÍPIOS	PROPORÇÃO POPULACIONAL (1)	AMOSTRA PLANEJADA	M.E (pp)*	AMOSTRA REALIZADA	FATOR DE PONDERAÇÃO
Cariacica	0,2365	1.131	2,91	1.161	1,0684
Serra	0,2301	1.100	2,95	1.160	1,0403
Vila Velha	0,2671	1.270	2,74	1.322	1,0596
Vitória	0,2318	1.100	2,95	1.199	1,0137
TOTAL	***0,9656***	***4.601***	***---***	***4.842***	***---***
Viana**	0,0344	400	4,87	402	0,4492
TOTAL GERAL	**1,0000**	**5.001**	**1,38**	**5.244**	**---**

* MARGEM DE ERRO MÁXIMA (PONTOS PERCENTUAIS) - PARA NÍVEL DE CONFIANÇA DE 95%

** AMOSTRA NÃO PROPORCIONAL

(1) CALCULADA CONSIDERANDO A POPULAÇÃO ALVO EM CADA MUNICÍPIO

--- NÃO SE APLICA

A seleção dos Blocos Temáticos obedeceu ao escopo da pesquisa. Os percentuais levaram em conta o total da amostra, priorizando as seguintes questões: percentual das vítimas por tipo de crime; perfil das vítimas e dos agressores; atitudes da vítima e conseqüências físicas e psicológicas; crimes identificados na vizinhança; mudança de comportamento: ter sofrido crime e não ter sofrido crime nos últimos cinco anos; avaliação dos aparelhos de justiça em termos gerais e ações de controle.

Eventos cuja ocorrência mostrou-se inconsistente em função da raridade do crime foram excluídos. Para uma avaliação estatística consistente destes crimes seria necessário aumentar a amostra.

Os blocos temáticos selecionados para produção das tabelas foram:

Bloco 1 – Vitimização Pessoal

a) Por tipo de crime
b) Perfil das vítimas
c) Características dos agressores

d) Circunstâncias

e) Atitudes tomadas

f) Resultados (efeitos e impactos)

Bloco 2 – Vitimização por Vizinhança

a) Tipo de crime

Bloco 3 – Mudança de Comportamento

a) Ter sofrido crime

b) Não ter sofrido crime

Bloco 4 – Avaliação dos Aparelhos de Justiça

a) Geral por tipo de crime

b) Ações de controle

Bloco 1

Vitimização Pessoal

TABELA 03: Vitimização Pessoal, vitimização por tipo de crime

	Percentual por município e RGV					
	Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
Furto	16,2	15,2	8,7	19,3	14,7	16,0
Assalto	9,4	9,6	7,0	11,8	14,0	11,2
Ameaça verbal	8,9	8,4	7,0	8,8	5,7	7,8
Corrupção	8,7	5,9	4,0	7,8	6,1	7,0
Assédio, humilhação, discriminação social ou racial	7,2	5,9	3,2	6,0	3,6	5,5
Arrombamento de domicílio, seguido de furto	5,5	5,2	3,0	4,9	5,7	5,3
Agressão física	5,7	4,5	2,7	5,1	2,8	4,4
Furto de veículo*	2,8	1,3	1,2	2,9	1,4	2,0
Assédio sexual	2,3	2,2	1,2	1,8	1,4	1,9
Tentativa de homicídio	1,4	1,3	0,2	1,7	0,9	1,3
Tentativa de estupro, tentativa de atentado violento ao pudor	0,4	0,6	0,2	0,3	0,2	0,4
Seqüestro relâmpago	0,3	0,1	0,2	0,6	0,2	0,3
Estupro, atentado violento ao pudor	0,3	-	-	0,1	-	0,1

*O percentual refere-se apenas aos indivíduos que possuem veículo. Declarou não possuir veículo em Serra 58,2, Cariacica 80,4, Viana 50,2, Vitória 81,3, Vila Velha 68,7. Ao todo, 71,4 dos indivíduos da amostra não possuem veículo.

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

CORRUPÇÃO

TABELA 04: Vitimização Pessoal, corrupção, características das vítimas

		Percentual por município e RGV					
		Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
Sexo do entrevistado	Masculino	56,4	55,9	56,3	54,3	56,8	55,8
	Feminino	43,6	44,1	43,8	45,7	43,2	44,2
Estado Civil	Solteiro(a)	43,6	50,0	68,8	41,5	43,2	44,7
	Casado(a)	44,6	29,4	18,8	33,0	38,3	36,6
	Amigado(a), amasiado(a), união consensual	8,9	13,2	-	14,9	13,6	12,2
	Separado (a)/Desquitado (a) ou divorciado(a)	3,0	5,9	6,3	8,5	2,5	4,9
	Viúvo(a)	-	1,5	6,3	2,1	2,5	1,5
Perfil Étnico	Branco (a)	23,8	22,1	18,8	31,9	25,9	26,0
	Preto (a)	16,8	16,2	25,0	18,1	17,3	17,3
	Pardo(a)	50,5	57,4	50,0	43,6	49,4	49,8
	Amarelo(a)	6,9	4,4	6,3	6,4	4,9	5,8
	Indígena	2,0	-	-	-	-	0,6
	NS	-	-	-	-	1,2	0,3
	NR	-	-	-	-	1,2	0,3
Escolaridade	Não alfabetizado	1,0	1,5	-	-	1,2	0,9
	De 1a a 4a série	5,0	2,9	6,3	3,2	9,9	5,3
	Têm 1o grau incompleto	12,9	20,6	31,3	9,6	11,1	13,5
	Têm 1º grau completo	11,9	7,4	-	3,2	12,3	8,6
	Têm 2º grau incompleto	9,9	7,4	31,3	21,3	19,8	15,1
	Têm 2° grau completo	42,6	44,1	18,8	28,7	28,4	35,5
	Têm superior incompleto	11,9	8,8	12,5	14,9	7,4	11,0
	Têm superior completo	4,0	5,9	-	10,6	8,6	7,1
	Têm pós-graduação	1,0	1,5	-	8,5	1,2	3,1
Renda Mensal Familiar	0 a 215 reais	1,0	-	-	1,1	4,9	1,7
	215 a 415 reais	2,0	1,5	-	3,2	1,2	2,0
	416 a 830 reais	22,8	27,9	50,0	18,1	27,2	24,1
	831 a 1245 reais	21,8	20,6	18,8	12,8	17,3	18,1
	1246 a 2075 reais	27,7	29,4	18,8	24,5	21,0	25,5
	2076 a 4150 reais	15,8	10,3	12,5	20,2	12,3	15,0
	4151 a 6225 reais	4,0	4,4	-	6,4	3,7	4,5
	6226 a 8300 reais	2,0	-	-	6,4	1,2	2,5
	8301 a 12450 reais	-	-	-	4,3	4,9	2,3
	12451 reais ou mais	-	-	-	2,1	1,2	0,8
	NS/NR	3,0	5,9	-	1,1	4,9	3,5
Faixa Etária	14 a 24 anos	38,6	35,3	56,3	27,7	34,6	34,5
	24 a 44 anos	47,5	47,1	18,8	55,3	54,3	50,5
	45 a 64 anos	11,9	16,2	18,8	13,8	9,9	12,9
	maior que 65 anos	2,0	1,5	6,3	3,2	1,2	2,1

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

TABELA 05: Vitimização pessoal, corrupção, contexto

		Percentual por município e RGV					
		Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
Quantas vezes ocorreu ao Sr.(a) nos últimos 5 anos?	uma vez	37,6	42,6	50,0	41,5	54,3	43,8
	duas vezes	21,8	32,4	12,5	22,3	24,7	24,5
	três vezes	16,8	17,6	25,0	14,9	2,5	13,3
	quatro vezes	5,0	-	-	5,3	2,5	3,4
	cinco ou mais vezes	16,8	7,4	12,5	16,0	16,0	14,5
	NS/NR	2,0	-	-	-	-	0,6
O último evento deste tipo foi nos últimos 12 meses?	Sim	85,1	67,6	87,5	80,9	79,0	79,2
	Não	14,9	32,4	12,5	19,1	21,0	20,8
No momento acontecimento, havia outra pessoa acompanhando o(a) Sr.(a)?	Não, não estava acompanhado(a)	42,6	55,9	50,0	44,7	46,9	46,9
	Sim, estava acompanhado(a), mas apenas eu sofri o crime	9,9	13,2	12,5	10,6	8,6	10,5
	Sim, estava acompanhado(a) e nós sofremos o crime	47,5	29,4	37,5	43,6	44,4	42,0
	NS/NR	-	1,5	-	1,1	-	0,6
Em qual local ocorreu o último evento?	Em sua casa	25,7	26,5	37,5	20,2	19,8	23,3
	No seu trabalho	8,9	11,8	12,5	8,5	4,9	8,5
	Em sua escola, faculdade ou universidade	1,0	4,4	-	4,3	3,7	3,1
	Casa de amigo, parente ou vizinho	11,9	5,9	-	3,2	7,4	7,1
	Em áreas públicas de seu bairro	43,6	41,2	43,8	54,3	51,9	47,8
	No trânsito	1,0	-	-	-	1,2	0,6
	Área comercial aberta/centro	2,0	-	-	1,1	-	0,8
	Áreas comerciais fechada	2,0	1,5	6,3	4,3	3,7	3,0
	Posto de saúde/hospital	1,0	-	-	-	1,2	0,6
	Repartição pública	3,0	8,8	-	4,3	4,9	4,9
	NS/NR	-	-	-	-	1,2	0,3
Poderia dizer que período do dia ocorreu, o último crime	De manhã	22,8	20,6	43,8	33,0	30,9	27,3
	À tarde	52,5	58,8	37,5	46,8	56,8	53,0
	À noite	18,8	16,2	18,8	18,1	12,3	16,6
	De madrugada	-	1,5	-	-	-	0,3
	NS/NR	6,0	2,9	-	2,2	-	2,8

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

TABELA 06: Vitimização pessoal, corrupção, a quem denunciou?

	Percentual por município e RGV					
	Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
Não denunciou	98,0	97,1	100,0	97,9	97,5	97,7
Polícia	1,0	2,9	-	-	1,2	1,2
Superior hierárquico da pessoa	-	-	-	-	1,2	0,3
Ministério público	1,0	-	-	-	-	0,3
Ouvidoria do órgão público	-	-	-	1,1	-	0,3
Imprensa, jornal, mídia	-	-	-	1,1	-	0,3

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

TABELA 07: Vitimização pessoal, corrupção, porque não denunciou à polícia?

	Percentual por município e RGV					
	Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
Considera perda de tempo	47,5	48,5	43,8	48,9	44,3	47,2
Polícia não podia fazer nada	6,1	12,1	12,5	2,2	6,3	6,4
Não houve perda/dano ou foi pequeno	11,1	4,5	-	3,3	1,3	5,2
Justiça é demorada	4,0	6,1	12,5	3,3	1,3	3,8
Resolveu com o agressor	12,1	6,1	12,5	10,9	15,2	11,3
Família resolveu o problema	1,0	-	-	1,1	2,5	1,2
Polícia não cuida deste tipo de problema	1,0	3,0	-	2,2	5,1	2,6
Não tinha prova do crime	4,0	4,5	12,5	10,9	2,5	5,7
Não tinha seguro	1,0	-	-	-	1,3	0,6
Teve medo de denunciar	4,0	7,6	-	3,3	2,5	4,1
Tem medo da polícia	1,0	-	-	-	-	0,3
Não gosta da polícia	1,0	-	-	2,2	2,5	1,5
Comunicou outros órgãos ou agência privada de segurança	-	1,5	-	1,1	-	0,6
Aceitou dinheiro/gratificação	5,1	6,1	6,3	10,9	13,9	8,9
NS/NR	1,0	-	-	-	1,3	0,6

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

TABELA 08: Vitimização pessoal, corrupção, conseqüências psicológicas

	Percentual por município e RGV					
	Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
Teve problemas de ansiedade	8,9	7,4	6,3	8,5	7,4	8,1
Teve problemas de insônia	5,0	5,9	6,3	3,2	4,9	4,7
Teve problemas de síndrome de pânico	1,0	4,4	-	-	2,5	1,7
Teve trauma psicológico grave	-	4,4	-	1,1	1,2	1,4
Precisou de atendimento psicológico	-	-	-	1,1	2,5	0,9

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

FURTO

TABELA 09: Vitimização pessoal, furto, características das vítimas

		Percentual por município e RGV					
		Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
Sexo do entrevistado	Masculino	58,5	52,3	34,3	48,1	56,2	53,2
	Feminino	41,5	47,7	65,7	51,9	43,8	46,8
Estado civil	Solteiro(a)	39,9	41,5	37,1	51,5	39,7	43,4
	Casado(a)	38,8	40,3	37,1	28,1	40,2	36,5
	Amigado(a), amasiado(a), união consensual	14,4	8,5	11,4	9,1	11,9	10,9
	Separado (a)/Desquitado (a) ou divorciado(a)	4,3	7,4	11,4	8,7	4,1	6,3
	Viúvo(a)	2,7	2,3	2,9	2,6	4,1	2,9
Perfil étnico	Branco (a)	25,5	28,4	17,1	36,4	37,1	31,9
	Preto (a)	13,3	15,9	17,1	10,8	16,5	14,0
	Pardo(a)	54,3	51,1	65,7	46,8	38,1	47,7
	Amarelo(a)	2,7	4,0	-	4,8	4,1	3,9
	Indígena	3,2	0,6	-	1,3	3,6	2,1
	NS/NR	1,0	-	-	-	0,5	0,4
Escolaridade	Não alfabetizado	3,2	1,1	5,7	1,7	0,5	1,7
	De 1a a 4a série	12,8	10,8	2,9	1,3	7,7	7,7
	Têm 1o grau incompleto	15,4	25,0	25,7	10,4	10,3	15,1
	Têm 1º grau completo	11,2	8,5	11,4	8,2	7,2	8,8
	Têm 2º grau incompleto	12,2	15,9	17,1	15,2	12,9	14,1
	Têm 2° grau completo	35,1	31,8	28,6	30,3	41,2	34,4
	Têm superior incompleto	4,8	3,4	8,6	13,4	7,7	7,7
	Têm superior completo	4,8	2,3	-	11,7	10,3	7,4
	Têm pós-graduação	0,5	1,1	-	7,8	2,1	3,1
Renda mensal familiar	0 a 215 reais	1,1	1,7	2,9	0,4	1,0	1,1
	215 a 415 reais	7,4	5,7	5,7	2,2	2,1	4,2
	416 a 830 reais	19,1	26,7	42,9	18,6	16,5	20,5
	831 a 1245 reais	19,7	19,9	17,1	13,9	16,0	17,1
	1246 a 2075 reais	28,7	26,1	8,6	20,8	30,9	26,1
	2076 a 4150 reais	11,2	14,8	17,1	20,3	19,6	16,7
	4151 a 6225 reais	4,3	2,8	2,9	10,4	3,1	5,3
	6226 a 8300 reais	3,2	-	-	6,1	3,1	3,2
	8301 a 12450 reais	0,5	-	-	2,6	0,5	1,0
	12451 reais ou mais	1,6	-	-	1,7	0,5	1,0
	NS/NR	3,2	2,3	2,9	3,0	6,7	3,8
Faixa etária	14 a 24 anos	36,2	33,0	45,7	33,8	32,0	33,9
	24 a 44 anos	40,4	44,9	40,0	42,4	43,3	42,7
	45 a 64 anos	18,6	15,9	11,4	19,5	19,1	18,2
	maior que 65 anos	4,8	6,3	2,9	4,3	5,7	5,2

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

TABELA 10: Vitimização pessoal, furto, contexto

		Percentual por município e RGV					
		Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
Quantas vezes ocorreu ao Sr.(a) nos últimos 5 anos	uma vez	52,1	44,9	54,3	54,1	47,4	49,9
	duas vezes	23,9	27,3	22,9	23,8	22,2	24,2
	três vezes	13,8	14,8	11,4	9,5	14,4	12,9
	quatro vezes	4,3	7,4	2,9	3,5	4,6	4,8
	cinco ou mais vezes	5,3	5,7	8,6	8,7	11,3	7,9
	NS	0,5	-	-	0,4	-	0,2
O último crime foi nos últimos 12 meses?	Sim	61,2	62,5	71,4	60,6	53,6	59,7
	Não	38,8	37,5	28,6	39,4	46,4	40,3
Onde ocorreu o último crime?	Em sua casa	44,7	53,4	77,1	42,4	45,4	46,8
	No seu trabalho	6,9	13,6	2,9	10,4	13,9	11,0
	Em sua escola, faculdade ou universidade	8,5	4,0	2,9	5,2	2,1	4,9
	Casa de amigo, parente ou vizinho	5,3	2,3	-	2,2	2,6	3,0
	Em áreas públicas (ruas, avenidas e praças)	19,7	15,9	8,6	26,0	24,7	21,6
	No trânsito (carro/moto)	-	0,6	-	1,7	0,5	0,7
	Meio de transporte público ou terminal/rodoviária	4,3	2,8	-	3,9	1,5	3,1
	Área comercial aberta/centro	4,3	0,6	2,9	3,0	2,1	2,5
	Áreas comerciais fechadas (bares, restaurantes, etc.)	4,3	5,7	2,9	4,8	5,2	4,9
	Fora da RGV	0,5	-	-	-	0,5	0,3
	Fora do ES	0,5	-	-	0,4	0,5	0,4
	NS/NR	1,0	1,2	2,9	-	1,0	0,9
Poderia dizer que período do dia ocorreu, o último crime	De manhã	19,1	15,3	25,7	22,5	25,8	21,0
	À tarde	32,4	27,8	25,7	37,2	29,4	31,9
	À noite	32,4	34,7	28,6	22,1	29,4	29,2
	De madrugada	9,6	13,6	8,6	11,3	12,4	11,6
	NS	6,4	8,5	11,4	6,9	3,1	6,3

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

TABELA 11: Vitimização pessoal, furto, denunciou à polícia?

	Percentual por município e RGV					
	Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
Sim	22,3	26,1	28,6	26,0	23,2	24,5
Não	77,7	73,9	71,4	74,0	76,8	75,5

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

TABELA 12: Vitimização pessoal, furto, por que denunciou?

		Percentual por município e RGV					
		Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
O que motivou o Sr.(a) a TER denunciado?	Desejo de justiça	11,9	23,9	10,0	15,0	13,3	16,0
	É dever do cidadão denunciar	26,2	19,6	-	16,7	20,0	19,8
	Devido ao dano/prejuízo	16,7	23,9	30,0	16,7	17,8	18,9
	Tinha provas do delito	2,4	2,2	-	-	-	1,0
	Desejava recuperar a propriedade	23,8	15,2	20,0	25,0	33,3	24,2
	Devido ao seguro do bem perdido	2,4	2,2	10,0	3,3	2,2	2,7
	Desejo que o ofensor fosse punido	7,1	2,2	-	1,7	2,2	3,0
	Evitar que o crime se repita	9,5	8,7	30,0	16,7	4,4	10,7
	Buscar ajuda	-	2,2	-	3,3	6,7	3,0
	NS/NR	-	-	-	1,7	-	0,5
Qual foi o resultado?	Problema foi resolvido	11,9	15,2	30,0	6,7	15,6	12,4
	Está em investigação	-	2,2	-	3,3	2,2	2,0
	Investigação parada	7,1	8,7	-	-	2,2	4,1
	Não ocorreu nada	66,7	67,4	50,0	81,7	73,3	72,5
	Deixei para lá	11,9	6,5	10,0	8,3	6,7	8,3
	NS	2,4	-	10,0	-	-	0,7
Ficou satisfeito(a) com o resultado da ação da polícia?	Sim	19,0	26,1	40,0	21,7	17,8	21,7
	Não	81,0	73,9	60,0	76,7	82,2	77,8
	NS	-	-	-	1,7	-	0,5

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

TABELA 13: Vitimização pessoal, furto, por que não denunciou?

	Percentual por município e RGV					
	Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
Considera perda de tempo	30,8	30,8	56,0	35,7	47,0	36,6
Não houve perda/dano ou foi pequeno	19,9	14,6	-	18,1	17,4	17,3
Polícia não podia fazer nada	17,8	18,5	16,0	12,3	14,1	15,5
Não tinha prova do crime	12,3	15,4	16,0	16,4	8,7	13,3
Teve medo de denunciar	4,8	7,7	-	2,3	4,0	4,5
Resolveu com o agressor	3,4	3,1	4,0	4,1	5,4	4,0
Família resolveu o problema	4,1	4,6	-	3,5	0,7	3,1
Justiça é demorada	4,1	3,1	4,0	2,3	-	2,4
Polícia não cuida deste tipo de problema	0,7	0,8	4,0	1,8	-	0,9
Comunicou outros órgãos ou agência privada de segurança	0,7	-	-	0,6	1,3	0,7
Não gosta da polícia	-	0,8	-	0,6	0,7	0,5
Não tinha seguro	-	-	-	1,2	0,7	0,5
NS/NR	1,4	0,8	-	1,2	-	0,8

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

TABELA 14: Vitimização pessoal, furto, conseqüências psicológicas

	Percentual por município e RGV					
	Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
Teve problemas de ansiedade	23,4	21,6	28,6	19,9	12,4	19,4
Teve problemas de insônia	16,5	15,9	28,6	10,0	10,8	13,4
Teve problemas de síndrome de pânico	4,8	6,8	2,9	3,5	1,5	4,0
Teve trauma psicológico grave	4,3	3,4	-	1,3	1,0	2,4
Precisou de atendimento psicológico	2,7	2,3	2,9	2,2	1,0	2,0

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

ASSALTO

TABELA 15: Vitimização pessoal, assalto, características das vítimas

		Percentual por município e RGV					
		Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
Sexo do entrevistado	Masculino	56,0	53,6	50,0	53,5	53,0	53,7
	Feminino	44,0	46,4	50,0	46,5	47,0	46,3
Estado Civil	Solteiro(a)	45,0	62,5	60,7	59,2	56,2	56,1
	Casado(a)	37,6	25,0	25,0	24,6	25,9	27,7
	Amigado(a), amasiado(a), união consensual	9,2	8,0	3,6	7,7	9,7	8,7
	Separado (a)/Desquitado (a) ou divorciado(a)	7,3	3,6	7,1	4,2	5,4	5,2
	Viúvo(a)	0,9	0,9	3,6	4,2	2,7	2,4
Perfil Étnico	Branco (a)	31,2	32,1	25,0	34,5	37,8	34,3
	Preto (a)	11,9	12,5	10,7	14,8	9,2	11,8
	Pardo(a)	49,5	47,3	60,7	45,1	47,6	47,6
	Amarelo(a)	3,7	2,7	-	3,5	2,7	3,0
	Indígena	3,7	5,4	3,6	2,1	2,7	3,3
Escolaridade	Não alfabetizado	1,8	0,9	-	1,4	1,1	1,2
	De 1a a 4a série	17,4	7,1	14,3	2,1	4,3	7,1
	Têm 1o grau incompleto	8,3	22,3	17,9	8,5	8,6	11,5
	Têm 1º grau completo	11,9	8,0	3,6	4,9	11,9	9,2
	Têm 2º grau incompleto	16,5	18,8	35,7	15,5	15,7	16,9
	Têm 2° grau completo	30,3	33,9	21,4	33,1	39,5	34,6
	Têm superior incompleto	7,3	5,4	3,6	19,0	9,2	10,3
	Têm superior completo	6,4	2,7	3,6	12,7	8,1	7,7
	Têm pós-graduação	-	0,9	-	2,8	1,6	1,4
Renda mensal familiar	0 a 215 reais	1,8	-	-	1,4	2,2	1,4
	215 a 415 reais	0,9	5,4	14,3	0,7	1,1	2,1
	416 a 830 reais	22,9	25,9	25,0	15,5	16,2	19,5
	831 a 1245 reais	22,9	19,6	28,6	15,5	18,4	19,0
	1246 a 2075 reais	30,3	23,2	14,3	25,4	29,2	26,9
	2076 a 4150 reais	11,0	15,2	14,3	18,3	18,9	16,4
	4151 a 6225 reais	2,8	5,4	-	11,3	4,9	6,0
	6226 a 8300 reais	2,8	-	-	9,2	2,2	3,5
	8301 a 12450 reais	2,8	-	-	1,4	1,6	1,4
	12451 reais ou mais	-	0,9	-	1,4	0,5	0,7
	NS	1,8	4,5	3,6	-	4,9	3,0
Faixa etária	14 a 24 anos	35,8	48,2	46,4	39,4	45,9	42,9
	24 a 44 anos	45,0	36,6	32,1	43,0	36,8	39,7
	45 a 64 anos	10,1	10,7	14,3	16,2	15,1	13,5
	Maior que 65 anos	9,2	4,5	7,1	1,4	2,2	3,9

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

TABELA 16: Vitimização pessoal, assalto, características dos agressor

		Percentual por município e RGV					
		Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
Em relação a este crime (o último), havia quantos agressores/criminosos?	1 agressor	37,6	37,5	39,3	44,4	40,5	40,3
	2 agressores	46,8	47,3	39,3	34,5	45,9	43,4
	3 agressores	5,5	6,3	14,3	11,3	7,6	8,0
	4 agressores	4,6	3,6	-	4,2	3,2	3,7
	5 ou mais agressores	4,6	5,4	7,1	4,9	2,7	4,3
	NS/NR	0,9	-	-	0,7	-	.4
Instrumentos utilizados pelo agressor no último incidente?	arma de fogo	65,1	70,5	57,1	62,7	67,6	66,3
	ameaças verbais/insultos	14,7	16,1	17,9	21,1	14,6	16,6
	arma branca	8,3	3,6	7,1	8,5	6,5	6,7
	socos e/ou pontapés	1,8	3,6	3,6	2,1	4,3	3,1
	objeto contundente	1,8	0,9	3,6	0,7	-	0,8
	pedra/garrafa ou coisa jogada	0,9	-	-	0,7	0,5	0,5
	NS/NR	7,3	5,4	10,7	4,2	6,5	6,0
Sexo do agressor	Masculino	93,6	98,2	85,7	98,6	97,8	97,0
	Feminino	5,5	1,8	14,3	1,4	2,2	2,8
	NS/NR	0,9	-	-	-	-	0,2
Cor da pele/raça/etnia do agressor	Pardo(a)	43,1	45,5	46,4	45,1	47,0	45,5
	Preto (a)	29,4	32,1	39,3	41,5	30,8	33,6
	Branco (a)	21,1	19,6	10,7	12,0	19,5	17,8
	Amarelo(a)	-	0,9	3,6	-	-	0,3
	Indígena	0,9	-	-	-	-	0,2
	NS/NR	5,5	1,8	-	1,4	2,7	2,7
Idade presumida do agressor	menor de 14 anos	2,8	-	-	3,5	0,5	1,6
	de 15 a 18 anos	22,9	20,5	10,7	29,6	29,7	26,1
	19 a 25 anos	44,0	48,2	42,9	41,5	42,2	43,6
	26 a 30 anos	14,7	17,0	39,3	16,2	13,5	15,7
	31 a 40 anos	5,5	7,1	7,1	6,3	8,1	7,0
	41 a 50 anos	3,7	3,6	-	0,7	1,1	2,0
	51 a 60 anos	0,9	-	-	-	0,5	0,4
	acima de 61 anos	-	-	-	-	-	-
	NS/NR	5,5	3,6	-	2,1	4,3	3,8
O agressor parecia estar sob efeito de álcool ou outra droga?	Sim	44,0	39,3	57,1	43,0	45,9	43,7
	Não	48,6	53,6	39,3	50,0	47,0	49,2
	NS/NR	7,3	7,1	3,6	7,0	7,0	7,0
O(a) Sr.(a) conhecia o agressor (ou pelo menos um entre os agressores)?	não, não conhecia	84,4	87,5	100,0	88,0	88,6	87,7
	só conhecia de vista	11,9	9,8	-	9,9	10,3	10,2
	vizinho	0,9	1,8	-	0,7	0,5	0,9
	nenhum destes	0,9	-	-	1,4	-	0,5
	amigo íntimo	-	0,9	-	-	-	0,2
	parente	-	-	-	-	0,5	0,2
	ex-cônjuge, ex-parceiro(a)	0,9	-	-	-	-	0,2
	chefe, colega de trabalho	0,9	-	-	-	-	0,2

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

TABELA 17: Vitimização pessoal, assalto, contexto

		Percentual por município e RGV					
		Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
Quantas vezes ocorreu ao Sr.(a) nos últimos 5 anos	uma vez	70,6	66,1	64,3	64,1	65,4	66,2
	duas vezes	15,6	17,9	25,0	21,8	20,5	19,4
	três vezes	9,2	7,1	3,6	9,9	6,5	7,9
	quatro vezes	2,8	6,3	-	2,8	3,8	3,8
	cinco ou mais vezes	1,8	2,7	7,1	1,4	3,8	2,7
O último crime foi nos últimos 12 meses	Sim	42,2	54,5	53,6	47,9	50,8	49,2
	Não	57,8	45,5	46,4	52,1	49,2	50,8
No momento do crime, havia outra pessoa acompanhando o(a) Sr.(a)?	Não, não estava acompanhado(a)	49,5	45,5	57,1	53,5	55,1	51,7
	Sim, estava acompanhado(a), mas apenas eu sofri o crime	17,4	23,2	28,6	11,3	16,2	16,9
	Sim, estava acompanhado(a) e nós sofremos o crime	33,0	29,5	14,3	33,8	27,6	30,3
	NS/NR	-	1,8	-	1,4	1,1	1,1
Onde ocorreu o último crime?	Em áreas públicas (ruas, avenidas e praças)	65,1	67,9	67,9	72,5	76,2	71,3
	No seu trabalho	4,6	13,4	-	9,2	8,1	8,6
	Em sua casa	9,2	5,4	7,1	2,1	4,9	5,2
	Meio de transporte público ou terminal/rodoviária	8,3	2,7	10,7	7,7	2,2	5,0
	Áreas comerciais fechadas (bares, restaurantes, etc.)	4,6	2,7	7,1	3,5	2,7	3,4
	Área comercial aberta/centro	1,8	4,5	3,6	1,4	1,6	2,2
	No trânsito (carro/moto)	3,7	2,7	-	1,4	1,1	2,0
	Em sua escola, faculdade ou universidade	-	0,9	3,6	1,4	1,6	1,1
	Casa de amigo, parente ou vizinho	-	-	-	0,7	1,1	0,5
	Fora do ES	0,9	-	-	-	-	0,2
	Fora da RGV	-	-	-	-	-	-
	NS/NR	1,8	-	-	-	0,5	0,5
Poderia dizer que período do dia ocorreu, o último crime	De manhã	16,5	18,8	14,3	17,6	20,5	18,5
	À tarde	33,0	40,2	50,0	45,8	33,5	38,1
	À noite	40,4	38,4	35,7	34,5	41,6	38,8
	De madrugada	10,1	2,7	-	1,4	3,8	4,1
	NS/NR	-	-	-	0,7	0,5	0,4

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

TABELA 18: Vitimização pessoal, assalto, denunciou a polícia?

	Percentual por município e RGV					
	Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
Sim	36,7	45,5	35,7	43,0	42,2	41,9
Não	63,3	54,5	64,3	57,0	57,8	58,1

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

TABELA 19: Vitimização pessoal, assalto, porque não denunciou a polícia?

	Percentual por município e RGV					
	Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
Considera perda de tempo	40,6	32,8	50,0	38,3	48,6	41,4
Não houve perda/dano ou foi pequeno	15,9	11,5	11,1	24,7	9,3	14,9
Polícia não podia fazer nada	13,0	19,7	22,2	11,1	13,1	14,1
Teve medo de denunciar	7,2	11,5	5,6	4,9	11,2	8,8
Não tinha prova do crime	7,2	4,9	-	4,9	5,6	5,5
Justiça é demorada	2,9	6,6	-	3,7	3,7	4,0
Resolveu com o agressor	4,3	6,6	-	3,7	0,9	3,4
Polícia não cuida deste tipo de problema	4,3	-	-	1,2	1,9	1,8
Família resolveu o problema	-	-	-	1,2	2,8	1,2
Comunicou outros órgãos ou agência privada de segurança	-	1,6	-	2,5	-	0,9
Tem medo da polícia	1,4	-	-	-	0,9	0,6
Não gosta da polícia	1,4	-	-	-	0,9	0,6
Não tinha seguro	-	1,6	5,6	-	-	0,4
NS	1,4	3,3	5,6	3,7	0,9	2,2

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

TABELA 20: Vitimização pessoal, assalto, conseqüências físicas e psicológicas

	Percentual por município e RGV					
	Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
Teve problemas de ansiedade	44,0	35,7	39,3	32,4	33,5	35,8
Teve problemas de insônia	30,3	30,4	21,4	21,1	22,7	25,3
Teve problemas de síndrome de pânico	19,3	17,9	17,9	16,2	17,3	17,5
Teve ferimentos superficiais	7,3	5,4	7,1	5,6	6,5	6,2
Teve trauma psicológico grave	8,3	6,3	7,1	6,3	3,8	5,9
Teve hematomas	7,3	7,1	7,1	5,6	3,8	5,7
Precisou de atendimento psicológico	7,3	6,3	3,6	5,6	3,2	5,2
Precisou de atendimento médico	6,4	7,1	-	5,6	3,2	5,2
Teve ferimentos internos	1,8	0,9	-	1,4	1,1	1,2
Sofreu fraturas	1,8	-	3,6	-	1,1	0,8

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

VEÍCULO ROUBADO/FURTADO

TABELA 21: Vitimização pessoal, veículo furtado/roubado, características das vítimas

		Percentual por município e RGV					
		Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
Sexo do entrevistado	Masculino	65,6	53,3	100,0	68,6	68,4	66,0
	Feminino	34,4	46,7	-	31,4	31,6	34,0
Considerando o estado civil, no momento o Sr.(a) está...	Solteiro(a)	37,5	26,7	40,0	25,7	31,6	30,9
	Casado(a)	43,8	46,7	20,0	54,3	36,8	45,9
	Amigado(a), amasiado(a), união consensual	12,5	6,7	-	8,6	26,3	12,7
	Separado (a)/Desquitado (a) ou divorciado(a)	3,1	13,3	40,0	8,6	5,3	7,6
	Viúvo(a)	3,1	6,7	-	2,9	-	2,9
E em relação a sua raça/cor, o Sr.(a)	Branco (a)	28,1	26,7	40,0	48,6	42,1	37,6
	Preto (a)	9,4	13,3	-	8,6	15,8	10,7
	Pardo(a)	56,3	40,0	60,0	42,9	31,6	44,8
	Amarelo(a)	3,1	6,7	-	-	10,5	3,9
	Indígena	3,1	13,3	-	-	-	3,0
Qual a escolaridade do Sr.(a)?	Não alfabetizado	3,1	-	-	-	-	1,0
	De 1a a 4a série	6,3	6,7	-	2,9	-	3,9
	Têm 1o grau incompleto	18,8	20,0	20,0	2,9	-	10,2
	Têm 1º grau completo	9,4	13,3	-	8,6	-	7,7
	Têm 2º grau incompleto	12,5	-	20,0	8,6	5,3	8,1
	Têm 2° grau completo	31,3	46,7	40,0	28,6	52,6	36,9
	Têm superior incompleto	9,4	-	20,0	14,3	31,6	14,0
	Têm superior completo	9,4	13,3	-	22,9	5,3	13,5
	Têm pós-graduação	-	-	-	11,4	5,3	4,8
Qual é a renda mensal de sua família?	0 a 215 reais	3,1	-	-	-	-	1,0
	215 a 415 reais	-	-	-	-	-	-
	416 a 830 reais	6,3	6,7	20,0	2,9	5,3	5,3
	831 a 1245 reais	18,8	26,7	20,0	8,6	5,3	14,1
	1246 a 2075 reais	21,9	40,0	40,0	20,0	15,8	23,2
	2076 a 4150 reais	15,6	20,0	20,0	28,6	47,4	26,6
	4151 a 6225 reais	9,4	-	-	17,1	10,5	10,6
	6226 a 8300 reais	6,3	6,7	-	8,6	5,3	6,8
	8301 a 12450 reais	3,1	-	-	2,9	10,5	3,9
	12451 reais ou mais	6,3	-	-	2,9	-	2,9
	NS/NR	9,4	-	-	8,6	-	5,7
FAIXA ETÁRIA	14 a 24 anos	25,0	13,3	20,0	8,6	10,5	15,0
	24 a 44 anos	50,0	33,3	80,0	62,9	68,4	55,9
	45 a 64 anos	15,6	53,3	-	25,7	21,1	25,3
	maior que 65 anos	9,4	-	-	2,9	-	3,9

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

TABELA 22: Vitimização pessoal, veículo furtado/roubado, contexto

		Percentual por município e RGV					
		Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
Quantas vezes ocorreu ao Sr.(a) nos últimos 5 anos	uma vez	93,8	80,0	100,0	85,7	84,2	87,4
	duas vezes	3,1	20,0	-	11,4	10,5	9,7
	três vezes	3,1	-	-	-	5,3	2,0
	quatro vezes	-	-	-	-	-	-
	cinco ou mais vezes	-	-	-	2,9	-	0,9
O último crime foi nos últimos 12 meses?	Sim	37,5	46,7	40,0	28,6	52,6	38,8
	Não	62,5	53,3	60,0	71,4	47,4	61,2
No momento do crime, havia outra pessoa acompanhando o(a) Sr.(a)?	Não, não estava acompanhado(a)	43,8	53,3	60,0	65,7	52,6	54,5
	Sim, estava acompanhado(a) e nós sofremos o crime	40,6	13,3	-	11,4	21,1	22,4
	Sim, estava acompanhado(a), mas apenas eu sofri o crime	9,4	13,3	-	14,3	15,8	12,6
	NS/NR	6,3	20,0	40,0	8,6	10,5	10,6
Onde ocorreu o último crime?	Em áreas públicas (ruas, avenidas e praças)	43,8	60,0	60,0	68,6	73,7	60,4
	Em sua casa	31,3	6,7	20,0	14,3	5,3	16,8
	No trânsito (carro/moto)	6,3	20,0	-	-	-	4,9
	No seu trabalho	3,1	6,7	-	5,7	5,3	4,8
	Áreas comerciais fechadas (bares, restaurantes, etc.)	-	6,7	-	5,7	5,3	3,9
	Casa de amigo, parente ou vizinho	9,4	-	-	-	-	2,9
	Em sua escola, faculdade ou universidade	-	-	-	2,9	5,3	1,9
	Fora do ES	3,1	-	-	2,9	-	1,9
	Área comercial aberta/centro	-	-	20,0	-	5,3	1,4
	NS/NR	3,1	-	-	-	-	1,0
Poderia dizer que período do dia ocorreu, o último crime	De manhã	25,0	20,0	20,0	20,0	26,3	22,7
	À tarde	37,5	20,0	20,0	14,3	21,1	23,7
	À noite	31,3	46,7	60,0	51,4	42,1	42,9
	De madrugada	6,3	13,3	-	14,3	10,5	10,6

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

TABELA 23: Vitimização pessoal, veículo furtado/roubado, denunciou à polícia?

	Percentual por município e RGV					
	Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
Sim	87,5	66,7	80,0	88,6	84,2	84,0
Não	12,5	33,3	20,0	11,4	15,8	16,0

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

TABELA 24: Vitimização pessoal, veículo furtado/roubado, porque denunciou à polícia?

		Percentual por município e RGV					
		Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
O que motivou o Sr.(a) a TER denunciado?	Desejava recuperar a propriedade	50,0	30,0	25,0	61,3	62,5	53,4
	Devido ao dano/prejuízo	17,9	30,0	50,0	12,9	18,8	18,4
	Devido ao seguro do bem perdido	3,6	20,0	-	16,1	12,5	11,5
	Desejo de justiça	10,7	-	25,0	6,5	-	6,2
	É dever do cidadão denunciar	10,7	10,0	-	-	-	4,7
	Evitar que o crime se repita	3,6	-	-	3,2	-	2,3
	Tinha provas do delito	-	10,0	-	-	-	1,2
	Desejo que o ofensor fosse punido	3,6	-	-	-	-	1,2
	NS/NR	-	-	-	-	6,3	1,2
Qual foi o resultado?	Problema foi resolvido	46,4	50,0	25,0	38,7	50,0	44,4
	Não ocorreu nada	42,9	40,0	75,0	45,2	43,8	44,1
	Investigação parada	3,6	10,0	-	3,2	6,3	4,6
	está em investigação	3,6	-	-	9,7	-	4,5
	NS/NR	3,6	-	-	3,2	-	2,3
Ficou satisfeito(a) com o resultado da ação da polícia?	Sim	42,9	50,0	25,0	41,9	37,5	42,0
	Não	53,6	50,0	75,0	54,8	56,3	54,5
	NS/NR	3,6	-	-	3,2	6,3	3,5

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

TABELA 25: Vitimização pessoal, veículo furtado/roubado, porque não denunciou à polícia?

	Percentual por município e RGV					
	Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
Considera perda de tempo	50,0	60,0	-	25,0	-	36,7
Polícia não podia fazer nada	-	-	-	25,0	100,0	24,4
Não houve perda/dano ou foi pequeno	25,0	20,0	-	50,0	-	24,1
Teve medo de denunciar	-	20,0	-	-	-	6,2
Resolveu com o agressor	25,0	-	-	-	-	6,1
Família resolveu o problema	-	-	100,0	-	-	2,6

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

TABELA 26: Vitimização pessoal, veículo furtado/roubado, conseqüências psicológicas

	Percentual por município e RGV					
	Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
Teve problemas de ansiedade	53,1	20,0	20,0	22,9	26,3	32,4
Teve problemas de insônia	43,8	6,7	20,0	17,1	26,3	25,6
Teve problemas de síndrome de pânico	21,9	13,3	-	5,7	-	10,7
Precisou de atendimento psicológico	12,5	-	-	8,6	10,5	8,7
Teve trauma psicológico grave	12,5	-	-	5,7	-	5,8

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

AROMBAMENTO DE DOMICÍLIO SEGUIDO DE FURTO

TABELA 27: Vitimização pessoal, arrombamento seguido de furto, características das vítimas

		Percentual por município e RGV					
		Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
Sexo do entrevistado	Masculino	48,4	45,0	50,0	42,4	40,0	43,9
	Feminino	51,6	55,0	50,0	57,6	60,0	56,1
Estado civil	Solteiro(a)	34,4	40,0	50,0	35,6	42,7	38,6
	Casado(a)	39,1	45,0	25,0	47,5	38,7	41,9
	Amigado(a), amasiado(a), união consensual	10,9	8,3	-	6,8	12,0	9,5
	Separado (a)/Desquitado (a) ou divorciado(a)	7,8	6,7	16,7	5,1	1,3	5,3
	Viúvo(a)	7,8	-	8,3	5,1	2,7	3,9
	NR	-	-	-	-	2,7	0,8
Perfil Étnico	Branco (a)	35,9	21,7	16,7	35,6	26,7	29,5
	Preto (a)	12,5	20,0	8,3	15,3	18,7	16,5
	Pardo(a)	48,4	51,7	75,0	47,5	49,3	49,8
	Amarelo(a)	1,6	1,7	-	1,7	2,7	1,9
	Indígena	1,6	5,0	-	-	2,7	2,3
Escolaridade	Não alfabetizado	10,9	3,3	8,3	1,7	1,3	4,3
	De 1a a 4a série	14,1	13,3	-	5,1	9,3	10,3
	Têm 1o grau incompleto	10,9	20,0	41,7	11,9	13,3	14,5
	Têm 1º grau completo	9,4	8,3	8,3	6,8	5,3	7,4
	Têm 2º grau incompleto	6,3	25,0	16,7	18,6	9,3	14,4
	Têm 2° grau completo	37,5	21,7	16,7	27,1	41,3	32,3
	Têm superior incompleto	4,7	6,7	-	6,8	13,3	8,0
	Têm superior completo	4,7	-	8,3	13,6	5,3	5,8
	Têm pós-graduação	1,6	1,7	-	8,5	1,3	3,0
Renda média mensal	0 a 215 reais	3,1	-	-	-	-	0,8
	215 a 415 reais	6,3	1,7	33,3	1,7	2,7	3,7
	416 a 830 reais	21,9	25,0	33,3	15,3	17,3	20,1
	831 a 1245 reais	12,5	16,7	8,3	11,9	20,0	15,4
	1246 a 2075 reais	28,1	28,3	8,3	23,7	26,7	26,4
	2076 a 4150 reais	12,5	18,3	16,7	22,0	14,7	16,6
	4151 a 6225 reais	4,7	5,0	-	11,9	6,7	6,8
	6226 a 8300 reais	3,1	-	-	6,8	6,7	4,2
	8301 a 12450 reais	1,6	-	-	1,7	-	0,7
	12451 reais ou mais	-	1,7	-	3,4	-	1,1
	NS/NR	6,3	3,3	-	1,7	5,3	4,2
Faixa etária	14 a 24 anos	26,6	40,0	25,0	27,1	29,3	30,6
	24 a 44 anos	43,8	35,0	50,0	42,4	46,7	42,4
	45 a 64 anos	20,3	21,7	16,7	22,0	17,3	20,1
	maior que 65 anos	9,4	3,3	8,3	8,5	6,7	7,0

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

TABELA 28: Vitimização pessoal, arrombamento seguido de furto, contexto

		Percentual por município e RGV					
		Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
Quantas vezes ocorreu ao Sr.(a) nos últimos 5 anos	uma vez	62,5	61,7	75,0	67,8	72,0	66,4
	duas vezes	21,9	23,3	16,7	15,3	14,7	18,6
	três vezes	9,4	10,0	-	10,2	4,0	8,0
	quatro vezes	1,6	5,0	8,3	-	1,3	2,1
	cinco ou mais vezes	4,7	-	-	6,8	8,0	4,9
O último crime foi nos últimos 12 meses	Sim	40,6	53,3	41,7	49,2	40,0	45,3
	Não	59,4	46,7	58,3	50,8	60,0	54,7
Poderia dizer que período do dia ocorreu, o último crime	De manhã	9,4	18,3	16,7	18,6	12,0	14,4
	À tarde	25,0	28,3	33,3	27,1	22,7	25,7
	À noite	40,6	35,0	41,7	25,4	38,7	35,5
	De madrugada	18,8	16,7	8,3	25,4	21,3	20,3
	NS/NR	6,3	1,7	-	3,4	5,3	4,2

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

TABELA 29: Vitimização pessoal, arrombamento seguido de furto, denunciou à polícia?

	Percentual por município e RGV					
	Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
Sim	37,5	48,3	75,0	61,0	45,3	48,1
Não	62,5	51,7	25,0	39,0	54,7	51,9

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

TABELA 30: Vitimização pessoal, arrombamento seguido de furto, porque denunciou à polícia?

		Percentual por município e RGV					
		Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
O que motivou o Sr.(a) a TER denunciado?	Desejo de justiça	29,2	27,6	11,1	25,0	14,7	23,2
	Devido ao dano/prejuízo	20,8	27,6	11,1	11,1	20,6	19,4
	Desejava recuperar a propriedade	8,3	13,8	11,1	19,4	20,6	16,1
	Evitar que o crime se repita	8,3	10,3	33,3	16,7	11,8	12,8
	É dever do cidadão denunciar	16,7	3,4	-	25,0	5,9	12,4
	Buscar ajuda	8,3	6,9	33,3	-	8,8	6,6
	Desejo que o ofensor fosse punido	4,2	10,3	-	-	5,9	4,8
	Devido ao seguro do bem perdido	-	-	-	-	5,9	1,6
	Tinha provas do delito	-	-	-	2,8	-	0,8
	NS/NR	4,2	-	-	-	5,9	2,4
Qual foi o resultado?	Não ocorreu nada	66,7	75,9	44,4	75,0	79,4	73,9
	Deixei para lá	12,5	6,9	33,3	11,1	5,9	9,6
	Problema foi resolvido	4,2	10,3	22,2	11,1	5,9	8,5
	Está em investigação	4,2	3,4	-	-	2,9	2,4
	Investigação parada	4,2	3,4	-	2,8	-	2,4
	NS/NR	8,3	-	-	-	5,9	3,2
Ficou satisfeito(a) com o resultado da ação da polícia?	Sim	16,7	10,3	33,3	19,4	14,7	15,9
	Não	75,0	89,7	66,7	77,8	79,4	80,1
	NS/NR	8,3	-	-	2,8	5,9	3,9

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

TABELA 31: Vitimização pessoal, arrombamento seguido de furto, porque não denunciou à polícia?

	Percentual por município e RGV					
	Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
Considera perda de tempo	40,0	38,7	-	43,5	43,9	41,1
Teve medo de denunciar	22,5	25,8	66,7	8,7	4,9	16,1
Polícia não podia fazer nada	7,5	6,5	33,3	13,0	14,6	10,6
Não houve perda/dano ou foi pequeno	7,5	3,2	-	17,4	7,3	8,0
Não tinha prova do crime	7,5	9,7	-	-	7,3	6,7
Justiça é demorada	5,0	6,5	-	4,3	4,9	5,1
Resolveu com o agressor	-	6,5	-	4,3	7,3	4,4
Família resolveu o problema	5,0	-	-	8,7	4,9	4,4
Não tinha seguro	2,5	3,2	-	-	2,4	2,2
Polícia não cuida deste tipo de problema	2,5	-	-	-	2,4	1,5

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

TABELA 32: Vitimização pessoal, arrombamento seguido de furto, conseqüências psicológicas

	Percentual por município e RGV					
	Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
Teve problemas de ansiedade	34,4	23,3	50,0	30,5	18,7	26,7
Teve problemas de insônia	29,7	21,7	41,7	27,1	20,0	24,7
Teve problemas de síndrome de pânico	7,8	18,3	41,7	16,9	4,0	11,8
Precisou de atendimento psicológico	4,7	8,3	8,3	5,1	4,0	5,5
Teve trauma psicológico grave	3,1	10,0	16,7	1,7	1,3	4,2

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

AMEAÇA VERBAL

TABELA 33: Vitimização pessoal, ameaça verbal, características da vítima

		Percentual por município e RGV					
		Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
Sexo do entrevistado	Masculino	44,7	50,5	46,4	49,5	49,3	48,4
	Feminino	55,3	49,5	53,6	50,5	50,7	51,6
Estado civil	Solteiro(a)	45,6	46,4	64,3	50,5	45,3	47,6
	Casado(a)	31,1	30,9	17,9	18,1	33,3	27,7
	Amigado(a), amasiado(a), união consensual	10,7	10,3	7,1	13,3	12,0	11,4
	Separado (a)/Desquitado (a) ou divorciado(a)	9,7	11,3	10,7	15,2	6,7	11,0
	Viúvo(a)	2,9	1,0	-	2,9	2,7	2,3
Perfil Étnico	Branco (a)	20,4	23,7	21,4	29,5	22,7	24,1
	Preto (a)	10,7	12,4	10,7	18,1	18,7	14,6
	Pardo(a)	54,4	56,7	67,9	46,7	56,0	53,7
	Amarelo(a)	4,9	2,1	-	1,9	2,7	2,8
	Indígena	9,7	5,2	-	3,8	-	4,8
Escolaridade	Não alfabetizado	1,0	3,1	-	2,9	-	1,8
	De 1a a 4a série	8,7	6,2	3,6	3,8	5,3	6,0
	Têm 1o grau incompleto	26,2	28,9	35,7	15,2	14,7	22,1
	Têm 1º grau completo	10,7	8,2	7,1	12,4	13,3	10,9
	Têm 2º grau incompleto	17,5	18,6	17,9	9,5	17,3	15,7
	Têm 2° grau completo	23,3	28,9	28,6	28,6	36,0	28,7
	Têm superior incompleto	7,8	5,2	3,6	11,4	2,7	6,9
	Têm superior completo	3,9	1,0	3,6	11,4	10,7	6,4
	Têm pós-graduação	1,0	-	-	4,8	-	1,5
Renda média mensal	0 a 215 reais	1,9	1,0	-	-	1,3	1,0
	215 a 415 reais	3,9	8,2	14,3	2,9	8,0	5,8
	416 a 830 reais	30,1	28,9	46,4	31,4	6,7	26,1
	831 a 1245 reais	20,4	20,6	10,7	15,2	22,7	19,3
	1246 a 2075 reais	23,3	20,6	17,9	13,3	28,0	20,8
	2076 a 4150 reais	10,7	10,3	10,7	19,0	16,0	13,8
	4151 a 6225 reais	1,9	4,1	-	8,6	4,0	4,6
	6226 a 8300 reais	1,9	-	-	4,8	5,3	2,8
	8301 a 12450 reais	-	1,0	-	1,0	2,7	1,0
	12451 reais ou mais	-	1,0	-	2,9	-	1,0
	NS/NR	5,8	4,1	-	1,0	5,3	3,8
Faixa etária	14 a 24 anos	50,5	39,2	50,0	33,3	33,3	39,8
	24 a 44 anos	35,0	42,3	42,9	49,5	48,0	43,4
	45 a 64 anos	11,7	16,5	7,1	12,4	18,7	14,3
	maior que 65 anos	2,9	2,1	-	4,8	-	2,5

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

TABELA 34: Vitimização pessoal, ameaça verbal, características do agressor

		Percentual por município e RGV					
		Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
Em relação a este crime (o último), havia quantos agressores/criminosos?	1 agressor	65,0	63,9	71,4	74,3	58,7	66,1
	2 agressores	17,5	19,6	17,9	16,2	22,7	18,7
	3 agressores	6,8	10,3	3,6	2,9	6,7	6,5
	4 agressores	1,9	2,1	-	1,0	-	1,3
	5 ou mais agressores	6,8	4,1	7,1	5,7	10,7	6,6
	NS/NR	1,9	-	-	-	1,3	0,8
Sexo do agressor	Masculino	79,6	77,3	89,3	77,1	80,0	78,8
	Feminino	19,4	22,7	10,7	22,9	20,0	21,0
	NS/NR	1,0	-	-	-	-	0,3
Cor da pele/raça/etnia do agressor	Branco (a)	28,2	28,9	32,1	38,1	30,7	31,5
	Preto (a)	18,4	17,5	14,3	22,9	33,3	22,1
	Pardo(a)	44,7	49,5	50,0	34,3	34,7	41,4
	Amarelo(a)	1,0	-	-	1,9	-	0,7
	Indígena	2,9	2,1	-	-	-	1,3
	NS/NR	4,9	2,1	3,6	2,9	1,3	2,9
Idade presumida do agressor	menor de 14 anos	1,9	-	3,6	2,9	2,7	1,9
	de 15 a 18 anos	14,6	15,5	7,1	16,2	10,7	14,2
	19 a 25 anos	26,2	23,7	21,4	21,0	28,0	24,4
	26 a 30 anos	18,4	14,4	21,4	17,1	13,3	16,2
	31 a 40 anos	15,5	21,6	25,0	18,1	22,7	19,4
	41 a 50 anos	11,7	14,4	-	12,4	14,7	12,8
	51 a 60 anos	3,9	7,2	14,3	7,6	4,0	6,0
	acima de 61 anos	1,9	-	3,6	1,9	-	1,1
	NS/NR	5,8	3,1	3,6	2,9	4,0	3,9
O agressor parecia estar sob efeito de álcool ou outra droga?	Sim	40,8	47,4	32,1	45,7	44,0	44,1
	Não	55,3	46,4	64,3	44,8	54,7	50,5
	NS/NR	3,9	6,2	3,6	9,5	1,3	5,4
O(a) Sr.(a) conhecia o agressor (ou pelo menos um entre os agressores)?	só conhecia de vista	24,3	40,2	21,4	27,6	34,7	31,1
	não, não conhecia	22,3	22,7	14,3	21,9	30,7	23,7
	vizinho	12,6	16,5	7,1	19,0	10,7	14,7
	parente	4,9	6,2	17,9	7,6	8,0	6,9
	ex-cônjuge, ex-parceiro(a)	9,7	4,1	10,7	6,7	2,7	6,2
	amigo íntimo	7,8	2,1	17,9	1,0	6,7	4,6
	cônjuge, parceiro(a)	6,8	5,2	-	3,8	1,3	4,3
	nenhum destes	5,8	1,0	3,6	2,9	2,7	3,2
	chefe, colega de trabalho	4,9	1,0	3,6	2,9	1,3	2,6
	ex-namorado(a)	1,0	1,0	3,6	5,7	1,3	2,4
	NS/NR	-	-	-	1,0	-	0,2

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

TABELA 35: Vitimização pessoal, ameaça verbal, contexto

		Percentual por município e RGV					
		Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
Quantas vezes ocorreu ao Sr.(a) nos últimos 5 anos	uma vez	37,9	36,1	50,0	33,3	38,7	36,8
	duas vezes	16,5	22,7	25,0	23,8	24,0	21,7
	três vezes	11,7	16,5	-	13,3	9,3	12,5
	quatro vezes	5,8	3,1	-	5,7	2,7	4,3
	cinco ou mais vezes	26,2	21,6	25,0	23,8	25,3	24,2
	NS/NR	2,0	-	-	-	-	0,6
O último crime foi nos últimos 12 meses	Sim	67,0	73,2	71,4	70,5	69,3	70,1
	Não	33,0	26,8	28,6	29,5	30,7	29,9
No momento do crime, havia outra pessoa acompanhando o(a) Sr.(a)?	Não, não estava acompanhado(a)	39,8	53,6	64,3	56,2	46,7	49,6
	Sim, estava acompanhado(a), mas apenas eu sofri o crime	37,9	27,8	28,6	31,4	29,3	31,7
	Sim, estava acompanhado(a) e nós sofremos o crime	19,4	17,5	7,1	12,4	24,0	17,6
	NS/NR	2,9	1,0	-	-	-	1,0
Onde ocorreu o último crime?	Em áreas públicas (ruas, avenidas e praças)	36,9	56,7	50,0	45,7	45,3	46,2
	Em sua casa	36,9	21,6	28,6	34,3	28,0	30,4
	No seu trabalho	8,7	9,3	7,1	10,5	10,7	9,7
	Em sua escola, faculdade ou universidade	6,8	3,1	10,7	2,9	5,3	4,7
	Áreas comerciais fechadas (bares, restaurantes, etc.)	1,9	4,1	3,6	3,8	4,0	3,4
	Casa de amigo, parente ou vizinho	4,9	3,1	-	-	1,3	2,3
	No trânsito (carro/moto)	1,0	-	-	1,0	4,0	1,3
	Área comercial aberta/centro	1,0	2,1	-	-	-	0,8
	Meio de transporte público ou terminal/rodoviária	1,0	-	-	1,0	1,3	0,8
	Fora da RGV	-	-	-	1,0	-	0,2
	NS/NR	1,0	-	-	-	-	0,3
Poderia dizer que período do dia ocorreu, o último crime	De manhã	16,5	21,6	25,0	21,9	20,0	20,2
	À tarde	38,8	35,1	28,6	43,8	33,3	37,8
	À noite	40,8	39,2	42,9	32,4	45,3	39,1
	De madrugada	1,9	4,1	3,6	1,9	1,3	2,4
	NS/NR	1,9	-	-	-	-	0,5

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

TABELA 36: Vitimização pessoal, ameaça verbal, denunciou a polícia?

	Percentual por município e RGV					
	Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
Sim	25,2	26,8	32,1	26,7	22,7	25,7
Não	74,8	73,2	67,9	73,3	77,3	74,3

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

TABELA 37: Vitimização pessoal, ameaça verbal, dentre os que denunciaram à polícia

		Percentual por município e RGV					
		Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
O que motivou o Sr.(a) a TER denunciado?	Evitar que o crime se repita	26,9	26,9	33,3	32,1	17,6	27,0
	Desejo de justiça	15,4	23,1	33,3	21,4	23,5	21,1
	Desejo que o ofensor fosse punido	3,8	26,9	11,1	7,1	29,4	15,5
	Buscar ajuda	11,5	11,5	11,1	14,3	17,6	13,3
	É dever do cidadão denunciar	15,4	11,5	-	14,3	-	10,8
	Tinha provas do delito	7,7	-	-	3,6	11,8	5,0
	Desejava recuperar a propriedade	7,7	-	11,1	3,6	-	3,4
	Devido ao dano/prejuízo	3,8	-	-	3,6	-	2,0
	NS/NR	7,7	-	-	-	-	2,0
Qual foi o resultado?	Não ocorreu nada	42,3	38,5	33,3	35,7	47,1	40,0
	Problema foi resolvido	23,1	26,9	33,3	42,9	41,2	32,9
	está em investigação	11,5	15,4	22,2	10,7	-	10,8
	Investigação parada	7,7	7,7	11,1	7,1	11,8	8,4
	Deixei para lá	15,4	7,7	-	3,6	-	6,9
	NS/NR	-	3,8	-	-	-	1,0
Ficou satisfeito(a) com o resultado da ação da polícia?	Sim	30,8	42,3	44,4	46,4	35,3	39,3
	Não	65,4	53,8	55,6	53,6	58,8	57,7
	NS/NR	3,8	3,8	-	-	5,9	3,0

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

TABELA 38: Vitimização pessoal, ameaça verbal, porque não denunciou à polícia?

	Percentual por município e RGV					
	Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
Considera perda de tempo	29,9	53,5	57,9	45,5	44,8	43,6
Resolveu com o agressor	18,2	4,2	10,5	13,0	17,2	13,0
Teve medo de denunciar	7,8	8,5	5,3	15,6	12,1	10,8
Polícia não podia fazer nada	13,0	9,9	-	9,1	3,4	8,9
Não houve perda/dano ou foi pequeno	7,8	4,2	-	2,6	6,9	5,2
Família resolveu o problema	7,8	2,8	-	5,2	3,4	4,8
Não tinha prova do crime	6,5	5,6	5,3	3,9	1,7	4,6
Comunicou outros órgãos ou agência privada de segurança	1,3	2,8	5,3	2,6	5,2	2,9
Polícia não cuida deste tipo de problema	1,3	1,4	-	-	5,2	1,7
Justiça é demorada	-	4,2	5,3	-	-	1,2
Não tinha seguro	1,3	1,4	5,3	1,3	-	1,2
Não gosta da polícia	1,3	-	5,3	1,3	-	0,8
Tem medo da polícia	2,6	-	-	-	-	0,7
NS/NR	1,3	1,4	-	-	-	0,7

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

TABELA 39: Vitimização pessoal, ameaça verbal, conseqüências psicológicas

	Percentual por município e RGV					
	Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
Teve problemas de ansiedade	47,6	28,9	28,6	29,5	29,3	34,0
Teve problemas de insônia	35,9	24,7	17,9	20,0	20,0	25,3
Teve problemas de síndrome de pânico	17,5	11,3	10,7	11,4	6,7	12,0
Precisou de atendimento psicológico	8,7	8,2	7,1	8,6	6,7	8,1
Teve trauma psicológico grave	13,6	6,2	7,1	5,7	4,0	7,6
Precisou de atendimento médico	8,7	11,3	3,6	7,6	1,3	7,5

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

ASSÉDIO MORAL, DISCRIMINAÇÃO SOCIAL OU RACIAL

TABELA 40: Vitimização pessoal, assédio moral, discriminação social ou racial, características das vítimas

		Percentual por município e RGV					
		Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
Sexo do entrevistado	Masculino	51,2	55,1	38,5	45,8	55,3	51,3
	Feminino	48,8	44,9	61,5	54,2	44,7	48,7
Considerando o estado civil, no momento o Sr.(a) está...	Solteiro(a)	38,1	40,6	69,2	58,3	40,4	44,9
	Casado(a)	35,7	42,0	30,8	20,8	34,0	33,2
	Amigado(a), amasiado(a), união consensual	16,7	8,7	-	11,1	17,0	13,0
	Separado (a)/Desquitado (a) ou divorciado(a)	9,5	7,2	-	6,9	6,4	7,6
	Viúvo(a)	-	1,4	-	2,8	2,1	1,4
E em relação a sua raça/cor, o Sr.(a)	Branco (a)	21,4	15,9	23,1	19,4	27,7	20,6
	Preto (a)	22,6	30,4	7,7	29,2	25,5	26,5
	Pardo(a)	46,4	43,5	69,2	43,1	34,0	43,2
	Amarelo(a)	2,4	4,3	-	6,9	6,4	4,7
	Indígena	7,1	5,8	-	1,4	6,4	5,1
Qual a escolaridade do Sr.(a)?	Não alfabetizado	2,4	5,8	-	-	-	2,2
	De 1a a 4a série	17,9	10,1	15,4	4,2	4,3	10,1
	Têm 1o grau incompleto	20,2	20,3	30,8	18,1	25,5	20,8
	Têm 1º grau completo	15,5	2,9	7,7	5,6	4,3	7,7
	Têm 2º grau incompleto	13,1	8,7	30,8	18,1	10,6	13,2
	Têm 2° grau completo	21,4	43,5	-	26,4	36,2	30,4
	Têm superior incompleto	4,8	2,9	7,7	13,9	8,5	7,3
	Têm superior completo	3,6	5,8	-	5,6	8,5	5,4
	Têm pós-graduação	1,2	-	7,7	8,3	2,1	3,0
Qual é a renda mensal de sua família?	0 a 215 reais	4,8	-	7,7	-	6,4	2,7
	215 a 415 reais	14,3	4,3	7,7	1,4	2,1	6,3
	416 a 830 reais	29,8	33,3	23,1	23,6	21,3	27,5
	831 a 1245 reais	14,3	20,3	30,8	16,7	21,3	17,9
	1246 a 2075 reais	23,8	26,1	15,4	19,4	23,4	23,0
	2076 a 4150 reais	4,8	10,1	-	18,1	14,9	11,1
	4151 a 6225 reais	1,2	1,4	-	11,1	-	3,5
	6226 a 8300 reais	1,2	-	-	5,6	6,4	2,9
	8301 a 12450 reais	1,2	-	-	1,4	-	0,7
	12451 reais ou mais	1,2	-	-	-	-	0,4
	NS/NR	3,6	4,3	15,4	2,8	4,3	3,9
FAIXA ETÁRIA	14 a 24 anos	38,1	30,4	46,2	41,7	31,9	36,1
	24 a 44 anos	42,9	53,6	30,8	44,4	61,7	49,0
	45 a 64 anos	15,5	13,0	23,1	13,9	6,4	13,0
	maior que 65 anos	3,6	2,9	-	-	-	1,8

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

TABELA 41: Vitimização pessoal, assédio moral, discriminação social ou racial, características do agressor

		Percentual por município e RGV					
		Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
Em relação a este crime (último crime), havia quantos agressores/criminosos?	1 agressor	64,3	69,6	61,5	77,8	63,8	68,9
	2 agressores	17,9	14,5	23,1	11,1	14,9	14,9
	3 agressores	3,6	8,7	15,4	6,9	12,8	7,5
	4 agressores	4,8	2,9	-	-	4,3	2,9
	5 ou mais agressores	9,5	2,9	-	2,8	4,3	5,0
	NS/NR	-	1,4	-	1,4	-	0,7
Sexo do agressor	Masculino	59,5	58,0	46,2	52,8	61,7	57,5
	Feminino	39,3	42,0	53,8	45,8	36,2	41,4
	NS/NR	1,2	-	-	1,4	2,1	1,1
Cor da pele/raça/etnia do agressor	Branco (a)	41,7	56,5	30,8	47,2	53,2	48,6
	Preto (a)	11,9	8,7	-	12,5	12,8	11,1
	Pardo(a)	39,3	31,9	69,2	36,1	34,0	36,3
	Amarelo(a)	2,4	-	-	1,4	-	1,1
	Indígena	2,4	-	-	-	-	0,7
	NS/NR	2,4	2,9	-	2,8	-	2,1
Idade presumida do agressor	menor de 14 anos	2,4	-	-	5,6	6,4	3,2
	de 15 a 18 anos	10,7	13,0	15,4	5,6	6,4	9,4
	19 a 25 anos	15,5	15,9	23,1	15,3	14,9	15,6
	26 a 30 anos	14,3	20,3	15,4	23,6	19,1	19,0
	31 a 40 anos	29,8	30,4	30,8	22,2	21,3	26,6
	41 a 50 anos	17,9	14,5	15,4	18,1	21,3	17,6
	51 a 60 anos	7,1	4,3	-	4,2	6,4	5,4
	acima de 61 anos	1,2	1,4	-	4,2	2,1	2,1
	NS/NR	1,2	-	-	1,4	2,1	1,1
O agressor parecia estar sob efeito de álcool ou outra droga?	Sim	20,2	18,8	7,7	12,5	34,0	20,1
	Não	78,6	78,3	92,3	86,1	63,8	78,1
	NS/NR	1,2	2,9	-	1,4	2,1	1,8
O(a) Sr.(a) conhecia o agressor (ou pelo menos um entre os agressores)?	não, não conhecia	28,6	20,3	-	27,8	34,0	26,6
	só conhecia de vista	26,2	31,9	23,1	18,1	25,5	25,4
	chefe, colega de trabalho	19,0	20,3	23,1	31,9	17,0	22,3
	Vizinho	10,7	11,6	15,4	9,7	2,1	9,3
	parente	6,0	2,9	15,4	5,6	10,6	6,1
	amigo íntimo	3,6	7,2	-	2,8	4,3	4,4
	nenhum destes	3,6	2,9	15,4	2,8	-	2,8
	cônjuge, parceiro(a)	1,2	1,4	-	1,4	4,3	1,8
	ex-namorado(a)	-	1,4	-	-	2,1	0,7
	ex-cônjuge, ex-parceiro(a)	1,2	-	-	-	-	0,4
	NS/NR	-	-	7,7	-	-	0,2

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

TABELA 42: Vitimização pessoal, assédio moral, discriminação social ou racial, contexto

		Percentual por município e RGV					
		Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
Quantas vezes ocorreu ao Sr.(a) nos últimos 5 anos?	uma vez	33,3	31,9	30,8	26,4	27,7	30,2
	duas vezes	20,2	18,8	7,7	23,6	23,4	21,0
	três vezes	10,7	15,9	7,7	19,4	14,9	14,9
	quatro vezes	3,6	5,8	7,7	2,8	4,3	4,1
	cinco ou mais vezes	31,0	26,1	46,2	26,4	29,8	28,7
	NS/NR	1,2	1,4	-	1,4	-	1,1
O último crime foi nos últimos 12 meses	Sim	71,4	62,3	84,6	66,7	72,3	68,3
	Não	28,6	37,7	15,4	33,3	27,7	31,7
No momento do crime, havia outra pessoa acompanhando o(a) Sr.(a)?	Não, não estava acompanhado(a)	42,9	59,4	61,5	50,0	40,4	48,8
	Sim, estava acompanhado(a), mas apenas eu sofri o crime	41,7	24,6	30,8	33,3	36,2	34,1
	Sim, estava acompanhado(a) e nós sofremos o crime	15,5	11,6	7,7	16,7	21,3	15,6
	NS/NR	-	4,3	-	-	2,1	1,5
Onde ocorreu o último crime?	Em áreas públicas (ruas, avenidas e praças)	39,3	37,7	53,8	18,1	29,8	32,2
	No seu trabalho	28,6	24,6	15,4	38,9	31,9	30,5
	Em sua casa	9,5	4,3	-	11,1	17,0	9,7
	Áreas comerciais fechadas (bares, restaurantes, etc.)	8,3	8,7	-	11,1	8,5	9,0
	Em sua escola, faculdade ou universidade	6,0	7,2	23,1	9,7	8,5	8,0
	Casa de amigo, parente ou vizinho	2,4	7,2	7,7	1,4	2,1	3,4
	Área comercial aberta/centro	-	2,9	-	6,9	2,1	2,9
	Meio de transporte público ou terminal/rodoviária	2,4	5,8	-	-	-	2,2
	Fora da RGV	2,4	-	-	2,8	-	1,4
	No trânsito (carro/moto)	-	1,4	-	-	-	0,4
	NS/NR	1,2	-	-	-	-	0,4
Poderia dizer que período do dia ocorreu, o último crime	De manhã	32,1	24,6	38,5	23,6	31,9	28,2
	À tarde	42,9	56,5	53,8	54,2	36,2	48,3
	À noite	25,0	14,5	7,7	18,1	31,9	21,4
	De madrugada	-	2,9	-	2,8	-	1,4
	NS/NR	-	1,4	-	1,4	-	0,7

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

TABELA 43: Vitimização pessoal, assédio moral, discriminação social ou racial, denunciou a polícia?

	Percentual por município e RGV					
	Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
Sim	4,8	5,8	15,4	9,7	4,3	6,4
Não	95,2	94,2	84,6	90,3	95,7	93,6

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

TABELA 44: Vitimização pessoal, assédio moral, discriminação social ou racial, dentre os que denunciaram à polícia

		Percentual por município e RGV					
		Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
O que motivou o Sr.(a) a TER denunciado?	Evitar que o crime se repita	-	25,0	-	42,9	100,0	33,6
	Desejo que o ofensor fosse punido	-	25,0	50,0	28,6	-	19,1
	Desejo de justiça	50,0	-	-	14,3	-	16,7
	É dever do cidadão denunciar	-	25,0	-	-	-	5,8
	Buscar ajuda	-	25,0	-	-	-	5,8
	Devido ao dano/prejuízo	25,0	-	-	-	-	5,6
	Desejava recuperar a propriedade	25,0	-	-	-	-	5,6
	Tinha provas do delito	-	-	50,0	-	-	2,4
	Devido ao seguro do bem perdido	-	-	-	-	-	-
	NS/NR	-	-	-	14,3	-	5,5
Qual foi o resultado?	Não ocorreu nada	25,0	25,0	-	28,6	100,0	33,7
	Problema foi resolvido	25,0	75,0	100,0	14,3	-	33,2
	está em investigação	25,0	-	-	42,9	-	22,0
	Investigação parada	25,0	-	-	-	-	5,6
	Deixei para lá	-	-	-	14,3	-	5,5
Ficou satisfeito(a) com o resultado da ação da polícia?	Sim	25,0	75,0	100,0	28,6	-	38,7
	Não	75,0	25,0	-	57,1	100,0	55,9
	NS/NR	-	-	-	14,3	-	5,5

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

TABELA 45: Vitimização pessoal, assédio moral, discriminação social ou racial, porque não denunciou à polícia?

	Percentual por município e RGV					
	Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
Considera perda de tempo	43,8	50,8	81,8	47,7	55,6	49,3
Resolveu com o agressor	28,8	30,8	-	13,8	15,6	22,8
Não houve perda/dano ou foi pequeno	3,8	3,1	9,1	6,2	2,2	4,0
Polícia não podia fazer nada	2,5	3,1	-	3,1	6,7	3,5
Polícia não cuida deste tipo de problema	2,5	-	-	7,7	4,4	3,4
Família resolveu o problema	5,0	3,1	-	1,5	2,2	3,1
Teve medo de denunciar	3,8	3,1	-	3,1	2,2	3,1
Não tinha prova do crime	-	3,1	-	6,2	2,2	2,7
Justiça é demorada	2,5	1,5	-	4,6	2,2	2,7
Comunicou outros órgãos ou agência privada de segurança	1,3	-	-	3,1	2,2	1,5
Não gosta da polícia	1,3	-	-	-	4,4	1,2
Não tinha seguro	1,3	-	9,1	-	-	0,5
Tem medo da polícia	1,3	-	-	-	-	0,4
NS/NR	2,6	1,5	-	3,0	-	2,0

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

TABELA 46: Vitimização pessoal, assédio moral, discriminação social ou racial, conseqüências psicológicas

	Percentual por município e RGV					
	Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
Teve problemas de ansiedade	27,4	15,9	23,1	30,6	23,4	24,5
Teve problemas de insônia	19,0	13,0	30,8	20,8	12,8	17,1
Teve problemas de síndrome de pânico	7,1	4,3	-	11,1	2,1	6,4
Precisou de atendimento psicológico	7,1	-	-	9,7	6,4	5,7
Teve trauma psicológico grave	4,8	2,9	-	6,9	2,1	4,3
Precisou de atendimento médico	2,4	-	-	2,8	6,4	2,5

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

AGRESSÃO FÍSICA

TABELA 47: Vitimização pessoal, agressão física, características das vítimas

		Percentual por município e RGV					
		Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
Sexo do entrevistado	Masculino	47,0	44,2	45,5	50,8	54,1	48,5
	Feminino	53,0	55,8	54,5	49,2	45,9	51,5
Estado civil	Solteiro(a)	50,0	63,5	36,4	55,7	45,9	53,8
	Casado(a)	24,2	15,4	9,1	9,8	32,4	19,3
	Amigado(a), amasiado(a), união consensual	12,1	7,7	45,5	18,0	13,5	13,6
	Separado (a)/Desquitado (a) ou divorciado(a)	10,6	11,5	9,1	13,1	5,4	10,6
	Viúvo(a)	3,0	1,9	-	3,3	2,7	2,7
Perfil Étnico	Branco (a)	24,2	26,9	18,2	18,0	24,3	23,1
	Preto (a)	12,1	13,5	18,2	18,0	10,8	13,9
	Pardo(a)	51,5	53,8	63,6	54,1	54,1	53,5
	Amarelo(a)	4,5	1,9	-	6,6	2,7	4,0
	Indígena	7,6	3,8	-	3,3	8,1	5,4
Escolaridade	Não alfabetizado	1,5	-	-	3,3	-	1,3
	De 1a a 4a série	10,6	13,5	9,1	1,6	18,9	10,3
	Têm 1o grau incompleto	27,3	42,3	18,2	19,7	29,7	29,1
	Têm 1º grau completo	12,1	5,8	27,3	8,2	5,4	8,7
	Têm 2º grau incompleto	16,7	15,4	27,3	21,3	13,5	17,3
	Têm 2° grau completo	19,7	23,1	18,2	26,2	32,4	24,4
	Têm superior incompleto	4,5	-	-	11,5	-	4,4
	Têm superior completo	6,1	-	-	6,6	-	3,6
	Têm pós-graduação	1,5	-	-	1,6	-	0,9
Renda média mensal	0 a 215 reais	1,5	3,8	9,1	-	2,7	2,0
	215 a 415 reais	13,6	15,4	18,2	1,6	5,4	9,5
	416 a 830 reais	28,8	30,8	36,4	31,1	32,4	30,7
	831 a 1245 reais	15,2	19,2	9,1	23,0	13,5	17,8
	1246 a 2075 reais	18,2	17,3	9,1	26,2	27,0	21,4
	2076 a 4150 reais	7,6	9,6	18,2	8,2	5,4	8,1
	4151 a 6225 reais	1,5	-	-	4,9	-	1,8
	6226 a 8300 reais	4,5	-	-	1,6	-	1,8
	8301 a 12450 reais	-	-	-	-	-	-
	12451 reais ou mais	-	-	-	1,6	-	0,4
	NS/NR	9,1	3,8	-	1,6	13.5	6,4
Faixa etária	14 a 24 anos	40,9	40,4	45,5	39,3	43,2	40,9
	24 a 44 anos	43,9	44,2	54,5	47,5	35,1	43,7
	45 a 64 anos	13,6	15,4	-	13,1	18,9	14,5
	maior que 65 anos	1,5	-	-	-	2,7	0,9

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

TABELA 48: Vitimização pessoal, agressão física, características do agressor

		Percentual por município e RGV					
		Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
Em relação a este crime (o último), havia quantos agressores/criminosos?	1 agressor	75,8	71,2	72,7	73,8	78,4	74,5
	2 agressores	10,6	13,5	-	6,6	8,1	9,6
	3 agressores	1,5	9,6	-	4,9	2,7	4,6
	4 agressores	4,5	1,9	9,1	4,9	5,4	4,3
	5 ou mais agressores	7,6	3,8	18,2	9,8	5,4	7,1
Instrumentos utilizados pelo agressor no último incidente?	socos e/ou pontapés	65,2	75,0	72,7	78,7	78,4	73,6
	arma branca	12,1	7,7	9,1	4,9	2,7	7,4
	ameaças verbais/insultos	6,1	1,9	-	8,2	13,5	6,8
	objeto contundente	13,6	5,8	9,1	1,6	2,7	6,6
	pedra/garrafa ou coisa jogada	1,5	3,8	9,1	4,9	-	2,9
	arma de fogo	1,5	5,8	-	1,6	2,7	2,7
Sexo do agressor	Masculino	83,3	78,8	72,7	88,5	78,4	82,6
	Feminino	16,7	19,2	18,2	9,8	21,6	16,3
	NS/NR	-	1,9	9,1	1,6	-	1,1
Cor da pele/raça/etnia do agressor	Branco (a)	36,4	34,6	45,5	19,7	29,7	30,5
	Preto (a)	18,2	15,4	9,1	27,9	24,3	21,0
	Pardo(a)	40,9	46,2	45,5	44,3	45,9	44,0
	Amarelo(a)	-	-	-	4,9	-	1,3
	Indígena	1,5	3,8	-	1,6	-	1,8
	NS/NR	3,0	-	-	1,6	-	1,3
Idade presumida do agressor	menor de 14 anos	4,5	3,8	-	3,3	2,7	3,6
	de 15 a 18 anos	16,7	15,4	9,1	14,8	16,2	15,6
	19 a 25 anos	25,8	19,2	27,3	21,3	24,3	22,8
	26 a 30 anos	25,8	19,2	36,4	23,0	16,2	22,0
	31 a 40 anos	13,6	28,8	18,2	14,8	21,6	19,1
	41 a 50 anos	9,1	9,6	9,1	11,5	13,5	10,6
	51 a 60 anos	4,5	3,8	-	6,6	2,7	4,5
	acima de 61 anos	-	-	-	4,9	-	1,3
	NS/NR	-	-	-	-	2,7	0,5
O agressor parecia estar sob efeito de álcool ou outra droga?	Sim	48,5	42,3	45,5	52,5	45,9	47,6
	Não	48,5	53,8	45,5	44,3	51,4	49,1
	NS/NR	3,0	3,8	9,1	3,3	2,7	3,4
O(a) Sr.(a) conhecia o agressor (ou pelo menos um entre os agressores)?	só conhecia de vista	15,2	19,2	9,1	16,4	35,1	19,7
	não, não conhecia	18,2	25,0	9,1	14,8	13,5	17,9
	parente	19,7	13,5	18,2	16,4	18,9	17,1
	cônjuge, parceiro(a)	16,7	13,5	9,1	19,7	8,1	15,1
	ex-cônjuge, ex-parceiro(a)	10,6	11,5	18,2	11,5	5,4	10,3
	vizinho	6,1	9,6	9,1	13,1	5,4	8,8
	amigo íntimo	6,1	3,8	-	-	8,1	4,1
	nenhum destes	6,1	-	18,2	1,6	5,4	3,6
	chefe, colega de trabalho	1,5	3,8	9,1	1,6	-	2,0
	ex-namorado(a)	-	-	-	1,6	-	0,4
	NS/NR	-	-	-	3,3	-	0,9

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

TABELA 49: Vitimização pessoal, agressão física, contexto

		Percentual por município e RGV					
		Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
Quantas vezes ocorreu ao Sr.(a) nos últimos 5 anos	uma vez	57,6	42,3	54,5	45,9	51,4	49,6
	duas vezes	12,1	19,2	18,2	14,8	13,5	14,9
	três vezes	4,5	15,4	18,2	16,4	8,1	11,2
	quatro vezes	4,5	5,8	-	4,9	5,4	5,0
	cinco ou mais vezes	21,2	15,4	-	18,0	21,6	18,6
	NS/NR	-	1,9	9,1	-	-	0,7
O último crime foi nos últimos 12 meses	Sim	47,0	61,5	36,4	54,1	62,2	54,8
	Não	51,5	36,5	54,5	45,9	37,8	44,1
	NS/NR	1,5	1,9	9,1	-	-	1,1
No momento do crime,havia outra pessoa acompanhando o(a) Sr.(a)?	Sim, estava acompanhado(a), mas apenas eu sofri o crime	56,1	44,2	45,5	34,4	43,2	45,0
	Não, não estava acompanhado(a)	27,3	40,4	36,4	55,7	43,2	41,0
	Sim, estava acompanhado(a) e nós sofremos o crime	16,7	15,4	18,2	8,2	10,8	13,1
	NS/NR	-	-	-	1,6	2,7	0,9
Onde ocorreu o último crime?	Em sua casa	47,0	40,4	27,3	42,6	29,7	40,9
	Em áreas públicas (ruas, avenidas e praças)	34,8	36,5	63,6	34,4	56,8	39,5
	Em sua escola, faculdade ou universidade	4,5	11,5	9,1	6,6	8,1	7,5
	No seu trabalho	4,5	3,8	-	4,9	-	3,6
	Casa de amigo, parente ou vizinho	1,5	3,8	-	3,3	5,4	3,2
	Áreas comerciais fechadas (bares, restaurantes, etc.)	3,0	1,9	-	4,9	-	2,7
	Meio de transporte público ou terminal/rodoviária	3,0	1,9	-	-	-	1,4
	Área comercial aberta/centro	1,5	-	-	-	-	0,5
	Fora da RGV	-	-	-	1,6	-	0,4
	Fora do ES	-	-	-	1,6	-	0,4
Poderia dizer que período do dia ocorreu, o último crime	De manhã	15,2	19,2	-	9,8	24,3	15,9
	À tarde	36,4	38,5	45,5	31,1	43,2	36,8
	À noite	42,4	40,4	54,5	47,5	29,7	41,4
	De madrugada	6,1	1,9	-	9,8	2,7	5,4
	NS	-	-	-	1,6	-	0,4

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

TABELA 50: Vitimização pessoal, agressão física, denunciou a polícia?

	Percentual por município e RGV					
	Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
Sim	33,3	30,8	27,3	27,9	32,4	31,0
Não	66,7	69,2	72,7	72,1	67,6	69,0

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

TABELA 51: Vitimização pessoal, agressão física, dentre os que denunciaram à polícia

		Cidade					
		Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	Total
O que motivou o Sr.(a) a TER denunciado?	Evitar que o crime se repita	27,3	12,5	66,7	47,1	41,7	31,8
	Desejo que o ofensor fosse punido	22,7	31,3	-	5,9	25,0	20,7
	Desejo de justiça	27,3	25,0	-	17,6	8,3	20,5
	Tinha provas do delito	18,2	12,5	-	-	-	8,8
	É dever do cidadão denunciar	-	6,3	-	11,8	8,3	5,8
	Buscar ajuda	-	6,3	33,3	11,8	-	5,0
	Devido ao dano/prejuízo	-	-	-	5,9	16,7	4,4
	NS/NR	4,5	6,3	-	-	-	3,0
Qual foi o resultado?	Não ocorreu nada	45,5	37,5	33,3	35,3	41,7	40,2
	Problema foi resolvido	22,7	37,5	33,3	29,4	41,7	31,5
	Deixei para lá	9,1	12,5	-	11,8	16,7	11,7
	Está em investigação	9,1	6,3	33,3	17,6	-	9,3
	Investigação parada	13,6	6,3	-	5,9	-	7,3
Ficou satisfeito(a) com o resultado da ação da polícia?	Sim	36,4	50,0	33,3	29,4	33,3	37,4
	Não	59,1	50,0	66,7	64,7	66,7	59,8
	NS/NR	4,5	-	-	5,9	-	2,9

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

TABELA 52: Vitimização pessoal, agressão física, porque não denunciou à polícia?

	Cidade					
	Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	Total
Considera perda de tempo	22,7	33,3	37,5	18,2	28,0	25,2
Polícia não podia fazer nada	29,5	13,9	12,5	31,8	20,0	24,4
Não houve perda/dano ou foi pequeno	4,5	5,6	12,5	27,3	16,0	13,3
Justiça é demorada	9,1	13,9	12,5	9,1	20,0	12,1
Resolveu com o agressor	13,6	22,2	12,5	6,8	-	11,5
Família resolveu o problema	11,4	2,8	-	2,3	4,0	5,2
Polícia não cuida deste tipo de problema	4,5	2,8	-	-	-	2,0
Não tinha prova do crime	-	-	12,5	-	8,0	1,6
Não tinha seguro	2,3	2,8	-	-	-	1,3
Teve medo de denunciar	-	-	-	4,5	-	1,3
Tem medo da polícia	-	2,8	-	-	-	0,7
NS/NR	2,3	-	-	-	4,0	1,4

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

TABELA 53: Vitimização pessoal, agressão física, conseqüências físicas e psicológicas

	Percentual por município e RGV					
	Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
Teve hematomas	60,6	65,4	72,7	67,2	51,4	62,2
Teve ferimentos superficiais	51,5	50,0	36,4	50,8	27,0	46,5
Teve problemas de ansiedade	48,5	40,4	27,3	37,7	18,9	38,1
Teve problemas de insônia	43,9	36,5	18,2	27,9	16,2	32,6
Precisou de atendimento médico	28,8	21,2	27,3	31,1	16,2	25,4
Teve problemas de síndrome de pânico	25,8	13,5	18,2	16,4	10,8	17,6
Sofreu fraturas	9,1	17,3	18,2	16,4	8,1	13,1
Teve ferimentos internos	9,1	15,4	18,2	16,4	2,7	11,7
Precisou de atendimento psicológico	15,2	11,5	9,1	9,8	5,4	11,1
Teve trauma psicológico grave	15,2	11,5	-	6,6	2,7	9,5

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

TENTATIVA DE HOMICÍDIO

TABELA 54: Vitimização pessoal, tentativa de homicídio, características das vítimas

		Percentual por município e RGV					
		Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
Sexo do entrevistado	Masculino	43,8	33,3	-	50,0	66,7	47,3
	Feminino	56,3	66,7	100,0	50,0	33,3	52,7
Estado civil	Solteiro(a)	43,8	53,3	100,0	55,0	58,3	52,7
	Casado(a)	18,8	20,0	-	25,0	8,3	18,8
	Amigado(a), amasiado(a), união consensual	18,8	20,0	-	10,0	25,0	17,4
	Separado (a)/Desquitado (a) ou divorciado(a)	12,5	6,7	-	10,0	-	7,8
	Viúvo(a)	6,3	-	-	-	8,3	3,2
Perfil Étnico	Branco (a)	31,3	-	-	10,0	-	10,9
	Preto (a)	6,3	20,0	-	30,0	8,3	17,2
	Pardo(a)	50,0	73,3	100,0	45,0	91,7	62,5
	Amarelo(a)	-	6,7	-	15,0	-	6,2
	Indígena	12,5	-	-	-	-	3,1
Escolaridade	De 1a a 4a série	25,0	13,3	-	5,0	8,3	12,7
	Têm 1o grau incompleto	25,0	40,0	100,0	25,0	25,0	29,1
	Têm 1º grau completo	6,3	6,7	-	10,0	8,3	7,9
	Têm 2º grau incompleto	6,3	13,3	-	10,0	16,7	11,1
	Têm 2° grau completo	37,5	13,3	-	30,0	41,7	29,9
	Têm superior incompleto	-	13,3	-	10,0	-	6,3
	Têm superior completo	-	-	-	10,0	-	3,1
Renda média mensal	0 a 215 reais	12,5	6,7	-	-	8,3	6,4
	215 a 415 reais	-	6,7	-	5,0	-	3,1
	416 a 830 reais	37,5	46,7	-	35,0	33,3	37,9
	831 a 1245 reais	18,8	13,3	-	20,0	25,0	18,9
	1246 a 2075 reais	25,0	6,7	-	15,0	25,0	17,3
	2076 a 4150 reais	-	20,0	100,0	10,0	8,3	10,2
	4151 a 6225 reais	-	-	-	5,0	-	1,5
	6226 a 8300 reais	-	-	-	10,0	-	3,1
	NS/NR	6,3	-	-	-	-	1,6
Faixa etária	14 a 24 anos	37,5	40,0	100,0	50,0	66,7	48,0
	24 a 44 anos	50,0	46,7	-	50,0	25,0	44,0
	45 a 64 anos	12,5	13,3	-	-	8,3	8,0

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

TABELA 55: Vitimização pessoal, tentativa de homicídio, características do agressor

		Percentual por município e RGV					
		Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
Em relação a este crime (o último), havia quantos agressores/criminosos?	1 agressor	50,0	53,3	100,0	70,0	58,3	58,9
	2 agressores	43,8	20,0	-	25,0	25,0	28,3
	3 agressores	6,3	13,3	-	-	-	4,8
	4 agressores	-	6,7	-	-	8,3	3,2
	5 ou mais agressores	-	-	-	5,0	8,3	3,1
	NS/NR	-	6,7	-	-	-	1,6
Instrumentos utilizados pelo agressor no último incidente?	arma de fogo	43,8	53,3	100,0	65,0	66,7	57,4
	arma branca	31,3	33,3	-	20,0	8,3	23,7
	socos e/ou pontapés	6,3	-	-	10,0	16,7	7,8
	ameaças verbais/insultos	12,5	-	-	-	8,3	4,7
	objeto contundente	-	6,7	-	5,0	-	3,1
	NS/NR	6,3	6,7	-	-	-	3,2
Sexo do agressor	Masculino	87,5	80,0	100,0	95,0	83,3	87,3
	Feminino	12,5	13,3	-	5,0	16,7	11,1
	NS/NR	-	6,7	-	-	-	1,6
Cor da pele/raça/etnia do agressor	Branco (a)	43,8	26,7	-	35,0	25,0	33,0
	Preto (a)	18,8	13,3	-	15,0	25,0	17,4
	Pardo(a)	31,3	46,7	100,0	40,0	41,7	40,1
	Indígena	-	-	-	5,0	-	1,5
	NS/NR	6,3	13,3	-	5,0	8,3	7,9
Idade presumida do agressor	menor de 14 anos	6,3	-	-	-	8,3	3,2
	de 15 a 18 anos	12,5	6,7	-	-	8,3	6,4
	19 a 25 anos	37,5	33,3	100,0	30,0	50,0	37,0
	26 a 30 anos	6,3	13,3	-	50,0	16,7	23,3
	31 a 40 anos	18,8	33,3	-	10,0	-	15,9
	41 a 50 anos	6,3	-	-	10,0	-	4,6
	51 a 60 anos	6,3	-	-	-	8,3	3,2
	NS/NR	6,3	13,3	-	-	8,3	6,4
O agressor parecia estar sob efeito de álcool ou outra droga?	Sim	56,3	53,3	100,0	55,0	58,3	55,9
	Não	37,5	26,7	-	45,0	25,0	34,5
	NS/NR	6,3	20,0	-	-	16,7	9,6
O(a) Sr.(a) conhecia o agressor (ou pelo menos um entre os agressores)?	Não, não conhecia	37,5	53,3	-	40,0	58,3	45,9
	Cônjuge, parceiro (na ocasião)	25,0	-	-	30,0	-	15,5
	Só conhecia de vista	6,3	26,7	100,0	10,0	16,7	15,0
	Ex-cônjuge, ex-parceiro (na ocasião)	12,5	13,3	-	5,0	8,3	9,5
	Amigo íntimo	6,3	6,7	-	-	8,3	4,8
	vizinho	6,3	-	-	-	8,3	3,2
	Parente	-	-	-	10,0	-	3,1
	Chefe, colega de trabalho	6,3	-	-	-	-	1,6
	Ex-namorado (na ocasião)	-	-	-	5,0	-	1,5

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

TABELA 56: Vitimização pessoal, tentativa de homicídio, contexto

		Percentual por município e RGV					
		Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
Quantas vezes ocorreu ao Sr.(a) nos últimos 5 anos	uma vez	62,5	46,7	100,0	45,0	75,0	56,0
	duas vezes	18,8	13,3	-	25,0	16,7	18,8
	três vezes	6,3	13,3	-	10,0	-	7,9
	quatro vezes	-	6,7	-	10,0	8,3	6,3
	cinco ou mais vezes	12,5	20,0	-	10,0	-	11,1
O último crime foi nos últimos 12 meses	Sim	50,0	60,0	100,0	60,0	50,0	55,8
	Não	50,0	40,0	-	40,0	50,0	44,2
No momento do crime,havia outra pessoa acompanhando o(a) Sr.(a)?	Não, não estava acompanhado(a)	37,5	46,7	-	45,0	25,0	39,4
	Sim, estava acompanhado(a), mas apenas eu sofri o crime	37,5	40,0	100,0	40,0	33,3	38,5
	Sim, estava acompanhado(a) e nós sofremos o crime	25,0	6,7	-	15,0	41,7	20,5
	NR/NS	-	6,7	-	-	-	1,6
Onde ocorreu o último crime?	Em áreas públicas (ruas, avenidas e praças)	25,0	40,0	-	50,0	66,7	44,1
	Em sua casa	37,5	40,0	-	30,0	16,7	31,5
	Áreas comerciais fechadas (bares, restaurantes, etc.)	-	6,7	100,0	10,0	16,7	8,6
	No seu trabalho	18,8	6,7	-	-	-	6,3
	Casa de amigo, parente ou vizinho	12,5	-	-	10,0	-	6,2
	Fora da RGV	6,3	6,7	-	-	-	3,2
Poderia dizer que período do dia ocorreu, o último crime	De manhã	12,5	6,7	-	10,0	-	7,8
	À tarde	43,8	20,0	-	30,0	25,0	29,9
	À noite	37,5	66,7	-	50,0	66,7	53,8
	De madrugada	6,3	6,7	100,0	10,0	8,3	8,5

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

TABELA 57: Vitimização pessoal, tentativa de homicídio, denunciou polícia?

	Percentual por município e RGV					
	Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
Sim	37,5	46,7	-	20,0	16,7	30,1
Não	62,5	53,3	100,0	80,0	83,3	69,9

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

TABELA 58: Vitimização pessoal, tentativa de homicídio, porque não denunciou à polícia?

	Percentual por município e RGV					
	Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
Teve medo de denunciar	20,0	25,0	-	18,8	40,0	24,9
Considera perda de tempo	10,0	-	-	31,3	30,0	20,1
Resolveu com o agressor	10,0	12,5	-	18,8	10,0	13,4
Justiça é demorada	-	25,0	-	12,5	10,0	11,3
Família resolveu o problema	10,0	12,5	-	6,3	10,0	9,0
Polícia não podia fazer nada	20,0	-	-	6,3	-	6,7
Não gosta da polícia	10,0	-	100,0	6,3	-	5,4
Polícia não cuida deste tipo de problema	-	12,5	-	-	-	2,3
Não tinha prova do crime	-	12,5	-	-	-	2,3
Tem medo da polícia	10,0	-	-	-	-	2,3
NS/NR	10,0	-	-	-	-	2,3

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

TABELA 59: Vitimização pessoal, tentativa de homicídio, conseqüências físicas e psicológicas

	Percentual por município e RGV					
	Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
Teve problemas de ansiedade	75,0	80,0	-	45,0	41,7	60,1
Teve problemas de insônia	62,5	60,0	-	40,0	41,7	50,6
Teve problemas de síndrome de pânico	75,0	46,7	-	20,0	33,3	42,7
Teve hematomas	31,3	33,3	-	40,0	33,3	34,6
Teve ferimentos superficiais	43,8	26,7	100,0	20,0	50,0	33,9
Precisou de atendimento médico	25,0	53,3	-	20,0	41,7	33,4
Teve trauma psicológico grave	50,0	33,3	-	20,0	-	26,8
Precisou de atendimento psicológico	31,3	40,0	-	10,0	8,3	22,2
Sofreu fraturas	18,8	6,7	-	15,0	8,3	12,5
Teve ferimentos internos	18,8	6,7	-	5,0	16,7	11,1

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

ASSÉDIO SEXUAL

TABELA 60: Vitimização pessoal, assédio sexual, características das vítimas

		Percentual por município e RGV					
		Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
Sexo do entrevistado	Masculino	25,9	42,3	20,0	31,8	15,8	29,6
	Feminino	74,1	57,7	80,0	68,2	84,2	70,4
Estado civil	Solteiro(a)	22,2	57,7	60,0	63,6	42,1	46,0
	Casado(a)	40,7	19,2	40,0	13,6	31,6	26,9
	Amigado(a), amasiado(a), união consensual	18,5	11,5	-	9,1	21,1	14,6
	Separado (a)/Desquitado (a) ou divorciado(a)	18,5	7,7	-	9,1	-	9,3
	Viúvo(a)	-	3,8	-	4,5	5,3	3,1
Perfil Étnico	Branco (a)	22,2	42,3	20,0	36,4	31,6	32,7
	Preto (a)	14,8	15,4	20,0	18,2	15,8	16,0
	Pardo(a)	51,9	34,6	60,0	36,4	47,4	42,9
	Amarelo(a)	3,7	3,8	-	4,5	-	3,1
	Indígena	7,4	3,8	-	4,5	5,3	5,2
Escolaridade	Não alfabetizado	3,7	-	-	-	-	1,0
	De 1a a 4a série	14,8	11,5	-	4,5	5,3	9,4
	Têm 1o grau incompleto	29,6	26,9	40,0	18,2	5,3	21,7
	Têm 1º grau completo	3,7	-	20,0	4,5	-	2,5
	Têm 2º grau incompleto	7,4	26,9	-	9,1	21,1	15,7
	Têm 2° grau completo	33,3	30,8	20,0	27,3	57,9	35,9
	Têm superior incompleto	3,7	3,8	20,0	18,2	-	6,6
	Têm superior completo	3,7	-	-	4,5	10,5	4,2
	Têm pós-graduação	-	-	-	13,6	-	3,0
Renda média mensal	0 a 215 reais	3,7	-	-	-	-	1,0
	215 a 415 reais	11,1	7,7	-	-	5,3	6,3
	416 a 830 reais	18,5	34,6	-	4,5	15,8	18,9
	831 a 1245 reais	18,5	19,2	80,0	22,7	26,3	22,6
	1246 a 2075 reais	37,0	15,4	-	27,3	26,3	25,9
	2076 a 4150 reais	7,4	23,1	20,0	22,7	15,8	17,1
	4151 a 6225 reais	-	-	-	18,2	-	4,0
	6226 a 8300 reais	-	-	-	-	5,3	1,1
	NS/NR	3,7	-	-	4,5	5,3	3,1
Faixa etária	14 a 24 anos	33,3	57,7	60,0	27,3	52,6	43,2
	24 a 44 anos	51,9	38,5	40,0	54,5	42,1	46,5
	45 a 64 anos	14,8	3,8	-	13,6	5,3	9,3
	maior que 65 anos	-	-	-	4,5	-	1,0

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

TABELA 61: Vitimização pessoal, assédio sexual, características do agressor

		Percentual por município e RGV					
		Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
Em relação a este crime (o último), havia quantos agressores/criminosos?	1 agressor	81,5	80,8	80,0	90,9	84,2	83,9
	2 agressores	3,7	11,5	20,0	4,5	15,8	8,8
	3 agresores	7,4	7,7	-	-	-	4,2
	4 agresores	3,7	-	-	-	-	1,0
	5 ou mais agresores	3,7	-	-	4,5	-	2,0
Sexo do agressor	Masculino	88,9	76,9	80,0	95,5	94,7	88,0
	Feminino	11,1	23,1	20,0	4,5	5,3	12,0
Cor da pele/raça/etnia do agressor	Branco (a)	40,7	57,7	60,0	50,0	52,6	50,3
	Preto (a)	14,8	11,5	20,0	9,1	21,1	14,0
	Pardo(a)	44,4	30,8	20,0	36,4	26,3	34,7
	NS/NR	-	-	-	4,5	-	1,0
Idade presumida do agressor	de 15 a 18 anos	3,7	11,5	20,0	-	5,3	5,7
	19 a 25 anos	7,4	26,9	-	-	15,8	12,7
	26 a 30 anos	37,0	7,7	20,0	18,2	26,3	22,2
	31 a 40 anos	18,5	19,2	40,0	36,4	31,6	25,8
	41 a 50 anos	18,5	19,2	20,0	31,8	15,8	21,2
	51 a 60 anos	3,7	7,7	-	9,1	5,3	6,2
	acima de 61 anos	7,4	7,7	-	4,5	-	5,2
	NS/NR	3,7	-	-	-	-	1,0
O agressor parecia estar sob efeito de álcool ou outra droga?	Sim	44,4	19,2	-	31,8	47,4	34,3
	Não	51,9	80,8	100,0	63,6	52,6	63,7
	NS/NR	3,7	-	-	4,5	-	2,0
O(a) Sr.(a) conhecia o agressor (ou pelo menos um entre os agressores)?	não, não conhecia	25,9	23,1	20,0	40,9	42,1	31,6
	só conhecia de vista	40,7	23,1	60,0	18,2	26,3	28,4
	chefe, colega de trabalho	7,4	23,1	20,0	27,3	21,1	19,2
	Vizinho	11,1	11,5	-	-	5,3	7,3
	parente	7,4	11,5	-	4,5	-	6,3
	amigo íntimo	-	3,8	-	4,5	5,3	3,1
	cônjuge, parceiro(a)	3,7	-	-	4,5	-	2,0
	ex-cônjuge, ex-parceiro(a)	-	3,8	-	-	-	1,1
	nenhum destes	3,7	-	-	-	-	1,0

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

TABELA 62: Vitimização pessoal, assédio sexual, contexto

		Percentual por município e RGV					
		Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
Quantas vezes ocorreu ao Sr.(a) nos últimos 5 anos	uma vez	37,0	19,2	20,0	18,2	36,8	27,5
	duas vezes	7,4	30,8	-	22,7	15,8	18,8
	três vezes	7,4	11,5	40,0	9,1	5,3	9,2
	quatro vezes	3,7	11,5	20,0	4,5	10,5	7,8
	cinco ou mais vezes	44,4	26,9	20,0	45,5	31,6	36,7
O último crime foi nos últimos 12 meses	Sim	59,3	80,8	80,0	54,5	52,6	63,3
	Não	40,7	19,2	20,0	45,5	47,4	36,7
No momento do crime,havia outra pessoa acompanhando o(a) Sr.(a)?	Não, não estava acompanhado(a)	66,7	50,0	80,0	63,6	84,2	65,2
	Sim, estava acompanhado(a), mas apenas eu sofri o crime	18,5	38,5	20,0	18,2	10,5	22,4
	Sim, estava acompanhado(a) e nós sofremos o crime	14,8	11,5	-	18,2	5,3	12,4
Onde ocorreu o último crime?	Em áreas públicas (ruas, avenidas e praças)	37,0	15,4	80,0	31,8	47,4	32,9
	No seu trabalho	22,2	34,6	20,0	36,4	36,8	31,7
	Em sua casa	7,4	30,8	-	13,6	-	13,6
	Em sua escola, faculdade ou universidade	7,4	7,7	-	-	10,5	6,3
	Áreas comerciais fechadas (bares, restaurantes, etc.)	3,7	11,5	-	4,5	-	5,2
	Casa de amigo, parente ou vizinho	14,8	-	-	-	5,3	5,2
	Área comercial aberta/centro	3,7	-	-	9,1	-	3,1
	Meio de transporte público ou terminal/rodoviária	3,7	-	-	-	-	1,0
	Fora do ES	-	-	-	4,5	-	1,0
Poderia dizer que período do dia ocorreu, o último crime	De manhã	18,5	15,4	20,0	27,3	36,8	23,3
	À tarde	51,9	46,2	40,0	36,4	42,1	44,6
	À noite	29,6	30,8	40,0	31,8	21,1	28,9
	De madrugada	-	3,8	-	-	-	1,1
	NS/NR	-	3,8	-	4,5	-	2,1

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

TABELA 63: Vitimização pessoal, assédio sexual, denunciou à polícia?

	Percentual por município e RGV					
	Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
Sim	-	7,7	-	9,1	5,3	5,2
Não	100,0	92,3	100,0	90,9	94,7	94,8

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

TABELA 64: Vitimização pessoal, assédio sexual, porque não denunciou à polícia?

	Cidade					
	Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	Total
Considera perda de tempo	40,7	29,2	40,0	50,0	50,0	41,4
Resolveu com o agressor	14,8	16,7	20,0	15,0	16,7	15,8
Polícia não podia fazer nada	11,1	16,7	20,0	10,0	5,6	11,5
Teve medo de denunciar	3,7	8,3	-	5,0	16,7	7,7
Não tinha prova do crime	11,1	4,2	-	5,0	11,1	7,7
Não houve perda/dano ou foi pequeno	14,8	4,2	-	-	-	5,5
Família resolveu o problema	-	8,3	-	5,0	-	3,3
Polícia não cuida deste tipo de problema	-	8,3	-	-	-	2,2
Justiça é demorada	-	4,2	-	5,0	-	2,2
Tem medo da polícia	-	-	-	5,0	-	1,1
Não gosta da polícia	-	-	20,0	-	-	0,5
NS/NR	3,7	-	-	-	-	1,1

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

TABELA 65: Vitimização pessoal, assédio sexual, conseqüências psicológicas

	Percentual por município e RGV					
	Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
Teve problemas de ansiedade	18,5	15,4	60,0	13,6	36,8	21,2
Teve problemas de insônia	7,4	15,4	20,0	4,5	15,8	10,9
Teve problemas de síndrome de pânico	7,4	11,5	20,0	4,5	15,8	9,9
Precisou de atendimento psicológico	3,7	3,8	-	4,5	5,3	4,2
Teve trauma psicológico grave	3,7	3,8	-	4,5	5,3	4,2

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

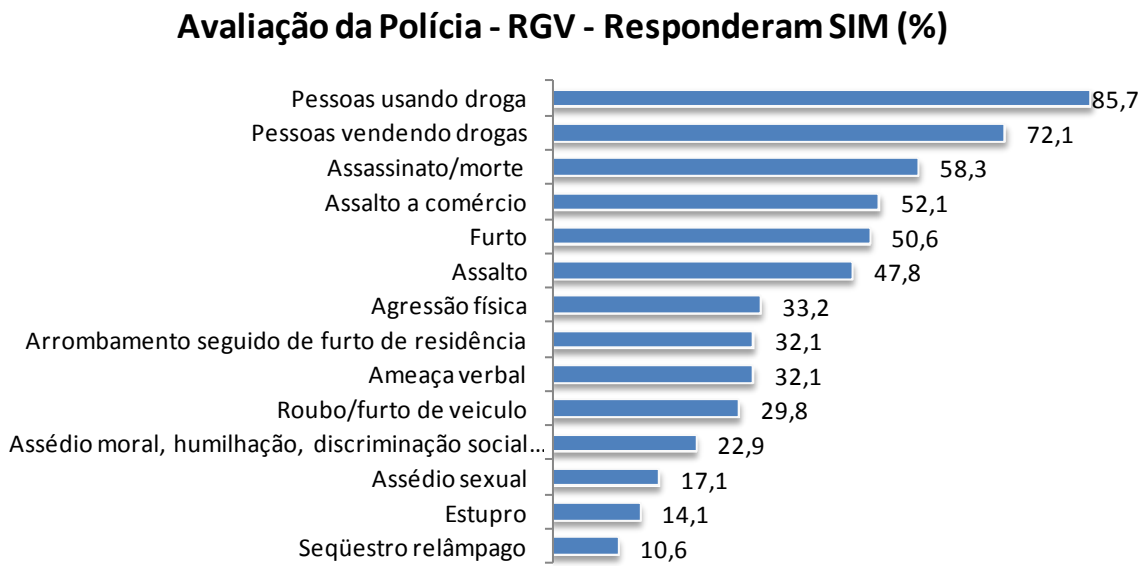
Bloco 2

Vitimização por Vizinhança

TABELA 66: Vitimização por Vizinhança

	Ocorreu a alguém em seu bairro/vizinhança nos último 12 meses? - Responderam SIM (%) - Por município e RGV					
	Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	Total
Pessoas usando droga	87,2	84,1	82,8	83,7	87,9	85,7
Pessoas vendendo drogas	72,1	71,1	68,2	70,7	74,7	72,1
Assassinato/morte	63,7	67,4	47,3	44,5	58,9	58,3
Assalto a comércio	58,3	49,4	41,3	44,6	57,1	52,1
Furto	48,1	45,7	43,0	50,5	58,0	50,6
Assalto	45,7	46,3	33,1	41,1	58,6	47,8
Agressão física	35,8	32,4	25,9	37,4	29,1	33,2
Arrombamento seguido de furto de residência	34,8	29,7	29,6	31,9	32,4	32,1
Ameaça verbal	34,6	33,5	23,1	33,9	28,1	32,1
Roubo/furto de veiculo	29,9	30,5	22,4	31,2	28,8	29,8
Assédio moral, humilhação, discriminação social ou racial	21,1	23,6	20,9	26,2	21,3	22,9
Assédio sexual	17,7	20,1	14,7	17,9	13,5	17,1
Estupro	17,3	16,5	8,2	12,6	11,2	14,1
Seqüestro relâmpago	8,9	7,7	4,5	17,8	9,3	10,6

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)



Bloco 3

Mudança de Comportamento

TABELA 67: Vitimização pessoal, mudança de comportamento, pessoas que não sofreram crimes

	Percentual por município e RGV					
	Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
Evitou locais de má iluminação	79,0	82,0	78,4	80,6	84,7	81,7
Evitou algumas pessoas	69,5	72,9	75,7	66,8	69,2	69,9
Evitou conversar com estranhos	62,8	66,7	64,1	55,6	65,1	62,9
Evitou sair sozinho	61,0	63,7	63,5	58,4	61,1	61,2
Evitou sair à noite	63,8	63,9	66,4	54,1	61,2	61,1
Aumentou segurança da casa	26,7	37,1	21,6	28,5	41,6	33,5
Muda de caminho para ir a escola, trabalho ou casa	20,4	17,6	10,3	21,5	28,0	21,6
Mudou de residência	2,8	4,1	3,0	3,1	3,5	3,4
Adquiriu, comprou ou passou a usar arma de fogo	1,8	1,9	2,0	2,2	2,0	2,0

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

TABELA 68: Vitimização pessoal, mudança de comportamento, pessoas que sofreram crimes

	Percentual por município e RGV					
	Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
Evitou locais de má iluminação	85,4	81,7	80,2	86,1	88,2	85,3
Evitou algumas pessoas	78,9	81,9	77,2	76,8	78,8	79,0
Evitou conversar com estranhos	68,0	70,7	72,3	65,0	70,2	68,5
Evitou sair sozinho	63,4	62,9	62,4	60,9	64,3	62,9
Evitou sair à noite	63,4	64,6	68,3	55,5	63,5	61,8
Aumentou segurança da casa	40,2	40,1	27,7	43,2	48,4	42,7
Muda de caminho para ir a escola, trabalho ou casa	34,7	39,4	24,8	34,8	43,5	37,8
Mudou de residência	8,4	12,4	3,0	7,6	8,2	8,9
Adquiriu, comprou ou passou a usar arma de fogo	4,2	4,0	3,0	4,1	5,9	4,5

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

Bloco 4

Avaliação dos Aparelhos de Justiça

TABELA 69: Avaliação dos Aparelhos de Justiça – Avaliação da Polícia

	Avaliação da Polícia - Responderam SIM (%) - por município e RGV					
	Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
Bem comandada	49,1	51,6	56,5	43,4	45,3	47,6
Investiga os crimes	49,1	49,7	52,5	47,6	40,5	46,7
É competente	47,1	49,5	51,0	45,3	42,0	46,0
É equipada	47,2	47,7	56,5	42,9	43,6	45,7
É honesta	37,2	40,5	42,3	39,3	35,9	38,3
Tranqüiliza as pessoas	40,7	35,9	37,1	39,9	36,8	38,2
Respeita direitos	37,7	36,3	40,0	37,7	35,8	36,9
Governo dá condições	35,3	44,5	48,3	35,7	31,0	36,9
É confiável	34,6	38,8	40,5	34,8	32,5	35,3
É preparada	35,8	41,3	41,3	30,7	31,3	34,9
Trata brancos, pardos e pretos de modo igual	37,4	36,4	38,1	29,8	33,0	34,2
Conversa com a população	31,4	28,7	31,8	30,4	27,0	29,4
Só usa violência se necessário	30,0	30,2	35,3	26,9	27,8	29,0
Recebe pagamento justo	28,1	28,4	39,3	27,4	25,7	27,8
Trata pobres e ricos de maneira igual	18,2	21,5	20,4	17,1	18,9	19,0
Há Policiais suficientes	18,8	17,6	19,7	20,2	15,4	17,9

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

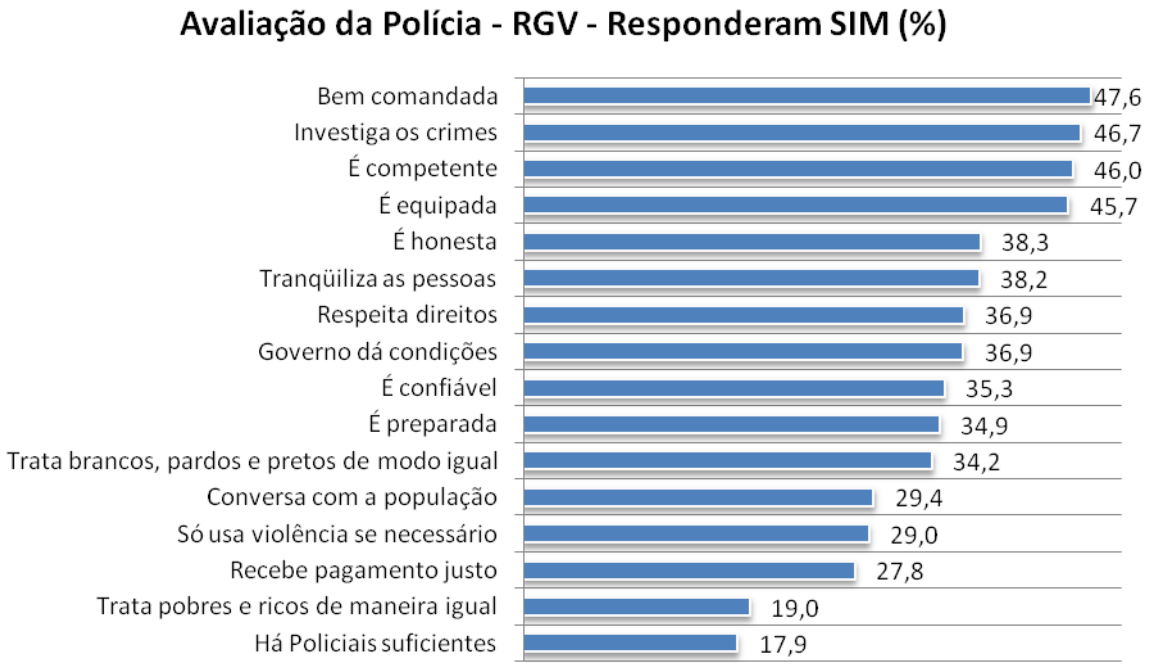


TABELA 70: Avaliação dos Aparelhos de Justiça

	Avaliação dos Aparelhos de Justiça - Responderam SIM (%) - por município e RGV					
	Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
O trabalho da POLÍCIA FEDERAL tem sido satisfatório?	65,5	69,6	76,6	69,6	68,8	68,7
O trabalho da POLÍCIA CIVIL tem sido satisfatório?	52,2	54,9	65,7	49,8	45,8	51,0
O trabalho da SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA E DEFESA SOCIAL tem sido satisfatório?	44,7	49,8	57,0	43,1	42,1	45,3
O trabalho da POLÍCIA MILITAR tem sido satisfatório?	45,5	46,6	52,2	42,6	39,6	43,7
O trabalho do MINISTÉRIO PÚBLICO tem sido satisfatório?	40,5	44,6	53,7	42,7	36,8	41,5
O trabalho da JUSTIÇA tem sido satisfatório?	40,5	39,8	52,5	33,8	32,1	37,0

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

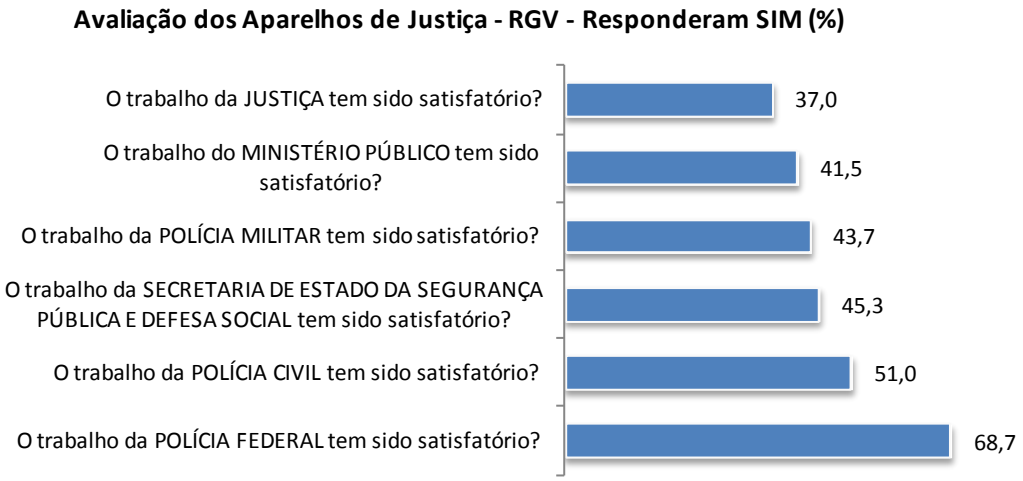


TABELA 71: Ações de Controle

		Percentual por município e RGV					
		Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
Em sua opinião, o que causa a criminalidade no seu município atualmente?	Tráfico de drogas	39,8	30,2	40,5	30,8	34,6	34,1
	Desemprego	16,6	22,5	27,1	15,8	18,2	18,6
	Desigualdade social	13,1	14,9	9,2	23,5	17,5	17,0
	Falta de ocupação para os jovens	16,3	13,6	10,4	11,3	12,1	13,2
	Baixos salários no mercado de trabalho	4,6	8,6	5,5	4,3	5,2	5,7
	Fragilidade das famílias	3,3	3,0	2,0	5,7	5,0	4,2
	Desânimo, poucas oportunidades p/ melhorar de vida	3,9	3,3	2,7	4,0	2,9	3,5
	Consumo, desejo de possuir as coisas	1,1	2,0	1,5	2,6	2,7	2,1
	Baixa eficiência dos aparelhos judiciários	0,4	0,3	0,7	1,2	0,9	0,7
	Baixo acesso da população à justiça	0,3	0,3	0,2	0,6	0,5	0,4
	NS/NR	0,5	1,2	-	0,3	0,5	0,6
Agora irei me referir à POLÍCIA, qual destas ações em sua opinião PODE DIMINUIR MAIS OS CRIMES?	Qualificar mais a policia	29,7	24,9	22,6	31,9	28,1	28,4
	Maior interação entre policia e comunidade	25,9	24,5	19,7	30,5	28,3	27,1
	Mais delegacias nos bairros	20,5	24,1	28,9	14,7	19,1	19,9
	Contratar mais policiais	17,0	19,0	23,9	14,4	17,9	17,4
	Aumentar o salário dos policiais	4,9	6,1	5,0	7,0	5,3	5,8
	NS/NR	1,9	1,4	-	1,5	1,3	1,5
E com relação ao poder JUDICIÁRIO, qual destas medidas em sua opinião PODE DIMINUIR MAIS O CRIME?	Promover penas mais duras	40,6	45,6	51,7	40,5	44,3	43,1
	Julgar mais rápido	36,2	33,8	34,8	36,9	35,9	35,7
	Maior o acesso à justiça	9,2	9,6	6,5	10,6	8,3	9,3
	Promover penas alternativas	10,2	8,3	6,5	9,1	9,8	9,3
	NS/NR	3,8	2,8	0,5	2,8	1,7	2,7
Pensando agora em relação às MEDIDAS PREVENTIVAS, qual destas medidas em sua opinião PODE DIMINUIR MAIS O CRIME?	Maior oferta de emprego	35,5	36,2	50,0	31,4	37,8	35,8
	Melhorar qualidade de ensino público	23,3	26,5	16,7	32,5	28,5	27,4
	Campanha contra o uso de drogas	25,0	19,6	20,4	16,7	17,5	19,6
	Políticas sociais p/ jovens infratores	15,1	16,1	12,9	18,3	15,1	16,0
	NS/NR	1,1	1,6	-	1,0	1,1	1,2
E com relação à MEDIDAS REPRESSIVAS, qual destas ações em sua opinião PODE DIMINUIR MAIS OS CRIMES?	Combater tráfico de drogas	48,9	44,4	50,7	50,2	45,5	47,3
	Punir policiais envolvidos com crime	35,8	40,8	37,3	37,4	41,8	39,0
	Exército ocupar bairros violentos	9,0	8,9	6,7	8,1	8,2	8,5
	Combater o jogo ilegal	4,5	3,9	4,5	3,4	3,0	3,7
	NS/NR	1,9	2,1	0,7	0,9	1,5	1,6

TABELA 71: Ações de Controle - continuação

		Percentual por município e RGV					
		Serra	Cariacica	Viana	Vitória	Vila Velha	RGV
Fala-se muito também em NOVAS LEIS, qual destas em sua opinião PODE DIMINUIR MAIS O CRIME?	Proibir a venda de armas de fogo	38,3	48,6	52,5	39,2	42,8	42,6
	Diminuir a maioridade penal	26,9	26,2	20,4	29,8	27,7	27,4
	Instituir a pena de morte	21,9	13,9	14,9	19,4	18,7	18,3
	Legalizar as drogas	10,3	7,0	10,7	8,9	8,3	8,7
	NS/NR	2,7	4,4	1,5	2,7	2,5	3,0

Fonte: Pesquisa de Vitimização da Grande Vitória, NEI-UFES (2008)

11. **ANEXOS**

11.1. ANEXO 1 - **CRONOGRAMA GERAL**

11.2. ANEXO 2 - **QUESTIONÁRIO DA PESQUISA**

11.3. ANEXO 3 - **MANUAL DO ENTREVISTADOR**